

Vm. VIII- 8, 83

Volume nº 8

A AUTOR ...FRANCISCO ALVES DE ALMEIDA

N CONTEÚDO:::ARTIGOS DE JORNAIS REGIONAIS  
(E ALGUMA RESPOSTA E ATÉ CARTA)

D TEMPO;;;UM QUARTO DO SÉCLO XX (1971-1996)

O ARRUMAÇÃO----EM 12 CADERNOS OU VOLUMES

R SERIAÇÃO ::::CRONOLÓGICA NÃO ESTRITA

I DEPÓSITO DOS ORIGINAIS(DOS JORNAIS):  
NA BIBLIOTECA DA C.M:de BARCELOS

N  
ÍNDICES: A) NÚMERO/TÍTULO DO ART/QUE JORNAL/  
H QUE DATA/\_FOLHA/\_OBSERVAÇÕES  
ÍNDICE:::B) IDEOGRÁFICO SEM RIGOR ALFABÉTICO

A  
TÍTULO DA COLECÇÃO:

A N D O R I N H A

AN DORINHA



LISBOA.....1996

Barcelina  
Term.





VOL. VIII - 8, 85

Volume nº 8

A AUTOR ...FRANCISCO ALVES DE ALMEIDA

N CONTEÚDO:::ARTIGOS DE JORNAIS REGIONAIS  
(E ALGUMA RESPOSTA E ATÈ CARTA)

D TEMPO;;;;;UM QUARTO DO SÉCLO XX (1971-1996)

O ARRUMAÇÃO----EM 12 CADERNOS OU VOLUMES

R SERIAÇÃO ::::CRONOLÓGICA NÃO ESTRITA

I DEPÓSITO DOS ORIGINAIS(DOS JORNAIS):  
NA BIBLIOTECA DA C.M:de BARCELOS

N  
ÍNDICES: A) NÚMERO/TÍTULO DO ART/QUE JORNAL/  
H QUE DATA/FOLHA/OBSERVAÇÕES  
ÍNDICE:::B) IDEOGRÁFICO SEM RIGOR ALFABÉTICO

A  
TÍTULO DA COLECÇÃO:

A N D O R I N H A

ANDORINHA



LISBOA.....1996

Barcelina  
Pereira

Handwritten text, possibly a signature or date, appearing as "H 11/2 2004".

52001  
BIOLOGICAL  
JANUARY 1994

80%











UNIVERSIDADE DO MINHO  
BIBLIOTECA PÚBLICA DE BRAGA

Exmo. Senhor  
Dr. Francisco Alves de Almeida  
Rua D. Carlos Mascarenhas, 70-2º E  
1070 LISBOA

Sua referência

Sua Comunicação

Nossa referência

Data

BPB-117/96

Assunto

30. OUT. 1996

**021642**

Em resposta à prezada carta de V. Exa., aqui recebida em 23 Out. 96, informo que é com todo o gosto que a Biblioteca Pública receberá a oferta da colecção de artigos publicados na imprensa local, bem como os Apontamentos da autoria de V. Exa.

Sendo esta a mais importante biblioteca do Norte do país (excluindo, naturalmente, o Porto) temos sempre o maior interesse em receber documentação sobre a região, nomeadamente quando se trata de colecções de artigos escritos em diversos jornais, por isso mesmo de difícil localização e compilação.

Relativamente à questão do tombo de Galegos, Sta. Maria, transmiti a informação à senhora directora do Arquivo Distrital de Braga.

Pedia a V. Exa. que, quando nos enviasse os livros referidos, os fizesse acompanhar de uma nota bio-bibliográfica, para uma completa identificação do doador desses documentos.

Renovando os meus agradecimentos pela iniciativa, aproveito para enviar os melhores cumprimentos.

Henrique Barreto Nunes  
(Assessor de Biblioteca)

Colecção andorinha		volume VIII (8)			Observações
Nº	Título do Art	Jornal	Data	fls	
43	Coisas...	A Voz do Minho	241087	39	
44	Coros ]Lijó				
45	parte...	]	]	41	Ontologia...
46	Torres	]		42	F da Manhã
47	O Papa esteve em	CV 3.682		43	
48	valor d <del>o</del> o <del>o</del> regional		parte	43	
49	Torres(Coisas de)		221175	44	
50	Sousa Dias			"	u
51	Duas pal s o Afeganistão	N Fam11I81		45	
52	As nossas gentes	Vilav. 211073		46	
53	A ver se ...dá uMA VOLTA				
54	Papa e Suíça v.12	Barc? 23581		47	
55	Alg liv q foram de Vilar	Barc 15979		48	
56	S. o Natal	V M 201275		"	
57	Perfumes....			49	
58	Último Quad - (v 61)	, ----29973		"	
59	- Obedecer, ela?-----			"	
60	Vilar das Almas, Antepass Fiéis def				
61	Último Quad	Calipol. 81273		"	
62	nem só de pão..mas também dele	CV 26174		"	
63	A Arq em P.Lima	CS 24884		51	
64	Hist de Barc -----				
65	uma vista de olhos p. Eur---				
66	V.de Rei e s Gente	Barc 29183?		52	
67	--- P. d e Lima-----				
68	Palest ? .....:::				
69	Pontos de Vista ----de?			53	
70	Mães q são assasssinos	N Fam 101080		"	
71	Barcelos....J Barc	11282 2			
72	Cachemira			54	
73	1ª ENc.p da Polón	C Sar 25579		"	
74	Ene/s Pereira				
75	]]] q.é das férias ....CV 16274 (ver outro local				
76	]] Natal.....				

(V M 201275) 55

Achegas]56.]assassinoss]P.de vista,57S. João;Rio eilhas 58;  
Namíbia ,Not Disp;Nasceu]modo 59e 60:Nat e Etnolog 61;  
Centr nucleares;Homens fazem aHist62;1ª ENc do Papa da Pol.  
Vilar das Almas (atrás);Papa=Japão (atrás);Natal e ETN: 63;  
pg 66:vários 57 Papa da Pol::::assassinoss;P Cruzeiro;  
Nandim .Japão só pro-núncio? 68.Tese de Agostinho  
Leis do Trabalho -----68-fim



# Alguns Jornalistas de Barcelos

Soucasaux (Augusto) — editor do jornal BARCELOS, do partido Regenerador, 1897 — obra citada (Imprensa Bracarense) — pág. 50, dirigiu A LAGRIMA — 1892, pág. 123, foi redactor do RAQUE-TE — 1922, pág. 156 e trabalhou em O REGENERADOR Liberal até 1905 — pág. 157. Com Man- celos lançou o bellissimo livro Bar- celos-tango do bellissimo livro Bar- celos-resenha — 1927.

Landolt (João Augusto) — editou a ACCÃO SOCIAL em 1918 — pág. 37, que o Padre Lei- tuga (de Abade do Neiva) fundara 2 anos antes. Em 1883 era redac-

NIO — pág. 164.  
Vilas-Boas (Dr. Joaquim (Pais) — dirigia em 1910 o Comé- cio de Barcelos. Outro Vilas-Bo editava A Fé em 1905 — pág. 11 e ainda outra (Joaquim S. Pais d dirigia, por 1940 o Boletim G. A CAIDES DE FARIA.

Matos (Manuel da Silva) — administrava em 1914 a ERA NO VA — pág. x1. Outro Mato (Augusto) colaborou em A L GRIMA em 1893 — pág. 123 (Continua na pág. 4)

tor de O MOSQUITO — pág. 131 e em 1885 era co-director da afa- mada Revista do Minho — pág. 196.  
Leite (Albino José Rodri- gues) — foi redactor de A FOLHA DA MANHA por 1904 — pág. 100. Houve um Anselmo (Rod. Leite)

## PELO

Dr. Francisco de Almeida

que dirigiu pela mesma época A Folha da Manhã; um António Lei- te que fundou A LAGRIMA — pág. 123, um Adelino Machado Leite, redactor em 1919 do SEM- PRE UNIDOS — pág. 161 e um José Guimarães Leite, redactor de O Sorriso — 1920 — pág. 162.

Ramos (Dr. José Júlio Viei- ra) — redactor principal em 1890 do COMERCIO DE BARCELOS — partido progressista — pág. 62.  
Silva (Agostinho José Sá) — redactor de O DESENGANO. (1870) — pág. 73. Outro Silva (Francisco José Sá) era o editor em 1903 de O REGENERADOR LIBERAL — pág. 157, o qual em 1903 editava AURORA DE BAR- CELOS — pág. 44, de que era redactor outro Silva (Ant.º Augus- to). Um Silva (José Bernardo) administrava em 1882 o TIROCÍ-

# A GEOGRAFIA DE BARCELOS E OUTROS PROBLEMAS

(Continuação da Primeira Página)

Isolados não andaram os Passos este ano, ao que li num dos números do Bar- celos Popular que me veio às mãos. Se bem recorde, falava deles um Tomás d'Aquino que do Santo de 1200 tem o nome, não o espírito. Não gostou dos Pas- sos de Barcelos e de uns «caras» que lá am. A quem perguntei que piada era aquela não mo soube dizer. Mas não gos- tou ou é contra os Passos? Se é isso, deve dizê-lo com franqueza.

Decerto que Braga, com a sua Semana Santa, têm idênticos contrários e um co- merciante disse-me, todavia, que mesmo turisticamente, ela tinha o maior valor. Espanhois mete-os a rodo.

E já que falei no Jornal de Barcelos, quero louvar aqui José Ferreira que nele — ai que já vou tão longo! — nele vem es- crevendo sobre Fralães e arredores. Digo porquê. Porque no artigo n.º 2 transcre- veu uma Memória que deixou o abade Jácome Dias, de Fralães, do ano 1564 — há umas 12 e tal gerações! Pobre povo, o de Fralães, em 1500! Nunca o pensei tão caecido do espiritual nessa recuada era em que tanto sacerdote havia. Gabo as transcrições, mas no n.º 3 — de 20/3/86 fi- quei sem saber bem o que é do punho do abade Jácome e só a reprodução dos do- cumentos me interessa. Espero que Fer- reira escreva mais e se limite quanto pos- sa a transcrever documentos, salvá-los da ruína.

Para atacar o nosso isolamento, digi- vos dois livros recentes: — 1.º) o do Sr. Cónego Vaz (Braga) que é valiosíssimo e

se chama A Missa em Braga (é uma pe- quena história de cada palavra e gesto no rito bracarense); — 2.º) uma brilhante Con- ferência sobre O Homem (como cientista, como poeta e como advogado) do poeta, filósofo e advogado, Sr. Dr. Manuel Gui- marães. Uma maravilha de conferência. Insisto: Barcelos, o Rotary ou o Autor, deviam publicar a Conferência do Padre Dr. Abel sobre D. António Barroso. En- comendo ao Sr. Cónego Arcipreste que dê um empurrão a isso: sair do isolamen- to barcelense.

Ia falar-vos da famosa Dama Deserd- da que foi nora do rei D. Manuel, filha do Conde de Marialva e talvez a amada de Bernardim Ribeiro, o que escreveu a famosa Menina e Moca. Hoje não pode ser. Digo-vos que me veio de Londres este folheto: Have yote forgotten Fatima? (es- queceste Fátima?). Os Portugueses irão pagar por ter esquecido? É que ligo estes dois factos: 1.º) o Papa sabe o 3.º segre- do de Fátima; 2.º) o Papa a todo o mo- mento prega contra as guerras. Então o 3.º segredo profetiza uma 3.ª Guerra Mundial? Se a houver, não creio que aca- be o Mundo, mas nós não escaparemos, creio.

Chegou-me um folheto que se diz Bo- letim das 15 TEPs — ano I, n.º 5 luxuo- so, fala contra o filme Je vous salue, Ma- rie (que é asqueroso, dizem) e diz-se da Nova Direita. Há uma velha? E hoje a moda não é ser-se de esquerda? Traz algo que é útil conhecer, diferente de ou- tro que aí corre e dá por Novo Século. E tenho dito.

FRANCISCO DE ALMEIDA

11.X.80



para neles rever a vida e morte do seu povo através dos séculos.

Que a História é isso: um relato conjugado de casos antigos. Põe-se-me a dúvida: querem fazer sua história porquê? É por vaidade, para que os outros digam: olhem para mim? É por ser moda; que cada um escreve a sua Monografia? Ou será que a querem escrita por ter fome de saber suas origens?

2-2

Chegou-me hoje às mãos a revista do jornal O Jornal, de Lisboa, que trata nada menos que da vida do grande Papa Pio XII. É o resumo de livro de dois autores estrangeiros que andaram a levantar como foi a vida de Pio XII. Resumindo: a freira alemã que acompanhou Pápai quando ele foi núncio na Alemanha, era uma mulher de se lhe tirar o chapéu. Sendo a mais nova de muitos irmãos, era tão ditadora que os manos lhe chamavam, aos 15 anos, Madre Superiora. Aos 15, decide ser freira e porque o pai não deixava, fugiu. Aos 22, conheceu o núncio, que lá nos seus 40 da idade conseguiu a o Cor



# Mais dados para a História de Barcelos

## A Monografia de Esmoriz-Famalicão

### Ao Senhor Arcipreste de Barcelos

Ao que vejo, cada freguesia do Minho está a procurar documentos para neles rever a Vida e Morte do seu povo através dos séculos.

Que a História é isso: um relato conjugado de casos antigos. Põe-se-me a dúvida: querem fazer sua história porquê? É por vaidade, para que os outros digam: olhem para mim? É por ser moda; que cada um escreva a sua Monografia? Ou será que a querem escrita por ter tóme de saber suas origens?

Chegou-me hoje às mãos a revista do jornal O Jornal, de Lisboa, que trata nada menos que da vida do grande Papa Pio XII. É o resumo de livro de dois autores estrangeiros que andaram a levantar como foi a vida de Pio XII. Resumindo: a freira alemã que acompanhou Páceli quando ele foi núncio na Alemanha, era uma mulher de se lhe tirar o chapéu. Sendo a mais nova de muitos irmãos, era tão ditadora que os manos lhe chamavam, aos 15 anos, Madre Superiora. Aos 15, decide ser freira e porque

ditos. Escreveu: Nobiliário Português, idem, espanhol. Foi já estudado por diversos autores. Anotou o Tombo de Esmeriz.

Se os leitores estão como eu, segue-se que não conheci nem este barcelense nem os livros dele. Proposta: e se os de Remelhe fizessem publicar os Inéditos do seu conterrâneo, Alvares? A Câmara de Famalicão pagou as despesas de mil livros da Monografia de Esmeriz. A de Barcelos não ha-de querer ficar atrás. Mais dados:

Pg. 427: Expostos — 1662, menina — «a qual o juiz de fora de Barcelos mandou entregar...».

Pg. 468: párocos: «26.º — António José Ferreira (1893? — 1907), nascido em 1852, em Macieira de Rates (Barcelos)... 1907, colado em Cristelo (Barcelos). Tinha parokiado Viatodos (Barcelos).

Pg. 469: n.º 30 — Miguel Ribeiro de Carvalho (1940? — 1960); 1966 — pároco de Carvalhal (Barcelos). Pg.

para a Gramática do Português Arcaico, para os nomes de pessoas (Onomástico), para a História dos Cristãos em Portugal, para a História Política (a Honra que houve em Esmeriz, como a nossa da Lama (Azevedo).

A revista Paz e Alegria anda a estudar os Conventos de Franciscanos que foram secularizados em 1834. Barcelos tem em si os de S.to António.

A de Esmeriz dedica muitas páginas e mapas-resumos à sua Confraria de S. Francisco. É uma coisa semelhante o que sugiro ao Sr. Ilídio Ramos: que estude os Franciscanos em Barcelos.

Temas que a de Esmeriz trata: rendas da terra, prazos, pomares, vinhas convertidas a campos de milho, pontes, moinhos, «notário» por notário, filologia de Esmeriz, agrabacelos (vinha), campos partição em «leyras», mosteiro (era em Antas), casas 1/2 a telha e 1/2 a colmo, bouças que passaram a la-

quenos nadas de cada dia do Papa e da Irmã Pascualina.

Na de Esmeriz há achegas para os de Barcebs, que são estas:

— Para os de Remelhe: na página 307 (ela tem 600) diz dos párocos:

17.º — João Alvares (1655-1699), natural de S'anta Marinha de Remelhe, no termo de Barcelos... foi ele que doou a essa mesma ermida... duas propriedades... Ele e os Paroquianos reedificaram, em 1667, a igreja... Este abade foi um distinto genealogista.

O nome dele não vem, no Dicionário da Igreja (é recente), mas consta da grande Enciclopédia Port. e Brasileira. Os escritos estão iné-

Monog. de vna Seca.

Pg. 173, Visitadores: 1773 — António da Cunha, abade de S. Martinho de Balugães. Em 1784: Doutor Ricardo..., abade de S. Romão da Ucha. (o que remeto ao Sr. Padre Hélio agora pároco da Ucha). Outro visitador Ucha: 1799 — Rev. Domingos Ribeiro Soares, abade da Ucha.

De Barcelos anotei mais isto: Pereira — pg. 19 e outras; Carapeços — pg. 165; Barcelos, notório, pg. 382. Do Duque (de Barcelos): é referido no Tombo de Esmeriz, publicado no fim da Monografia — publicação que é de grande serviço para estas especialidades: Etnografia, História da Propriedade em Portugal, a História das Ideias, para a Economia,

ções, etc.

E. por hoje, tenho dito.

FRANCISCO ALMEIDA

111

111



pela TV, as excursões, etc.! Adeus chinelinhas de verniz, faixas, aventais, lenços na cabeça, argolas e cordões. É o pronto a vestir quem domina. As elites dispersam-se agora também pelas aldeias havendo até quem nelas trabalhe e tenha casa (vá dormir) em Barcelos. A tendência é para arrasar o fosso que havia entre os engomados citadinos e os enxovalhadas e desconfiadas, porque enganadas, gentes do campo. De colégios, temos liceu e ciclo e a universidade do Porto não fica longe. Mas não estamos a aproveitar as Faculdades que há em Braga: também porque o mito de «estudar» vai desaparecendo varrido pelo operário a ganhar mais que o professor e muito mais que o abade, este então com um mísero salário que lhe dá o povo, sovina no dizer de um padre licenciado dos nossos.

Não poucos curaram de obter licenciaturas civis e quando o povo ganhar será tarde.

Além da igualização, desejável, deu-se uma inversão nas posições económicas: há muitos novos ricos, os das indústrias, mesmo operários, tendo os detentores da terra (lavradores) passado à mó de baixo e por isso é vulgar que o pobre de há 20 anos ofereça 30 para a feitura de uma estrada quando o lavrador só a custo poderá avançar com 5. É ver quantos proprietários em Ponte de Lima estão a passar suas terras a patacos (quase como sucedeu por 1900). E de livros? Nossa gentes lêem pouco. De monografias só 2 se publicaram: A do Dr. Teotónio e a de Ernesto de Magalhães, ambas pouco conhecidas porque, não havendo aldeia de que não brotasse padre ou doutor desde 1928, nem eles conhecem a história das nossas gentes. Mas se muitas das nossas juntas nem sede têm...

### DA SITUAÇÃO RELIGIOSA E MORAL

Viu-se acima a cidade votar quase 50% em partidos ateus e não significando isso serem tais votantes todos descrentes, significa todavia grave paganização. Para muitos os mandamentos da Igreja caducaram. Daí que tivesse sido lançado a um poço um rapaz a 8 dias de casar e há dias fosse morto à paulada (recta de Prado) um namorado que de motorizada regressava a casa por um rival, que um já entradote abandonasse a mulher a quem depenou de bens, o que fez que ela arranjasse outro, o qual exige agora 600 contos para lha largar da mão ou que comprando certo tutor um prédio com dinheiro de seus tutelados, o fosse depois vender a um só deles.

20 Não tarda que Barcelos careça de 3 Tribunais, além do de Trabalho, para reprimir tanta imoralidade. Não é caso para se perguntar como num livro à venda em Braga, traduzido de Francês, se o Cristianismo vai acabar: a devoção à Santa Sé até aumentou como o demonstram as atitudes ante a morte do Papa Paulo e a eleição de sua Santidade João Paulo. A catequese tem de ser outra em que os filmes e diapositivos tenham maior quinhão. Dizia-me uma recém-casada da nossa Terra: — quero viver, o que pode ser um grito de justiça, mas cheira a grito de materialismo.

### CONCLUSÕES

Não tiro. O que devemos é dos factos ocorridos nestes 50 anos arrancar previsões de modo a planear com segurança para os 50 anos a seguir. No Centenário devemos poder legar aos nossos filhos quanto de bom a nós deixaram os de 1928. Sem perda de «mingalha» sequer.

Francisco de Almeida

III

6.2.20





# EM TORNO DO NATAL

8-4

V. do M. 17. XII. 77

Havia, e não sei se ainda há, uma preparação da festa. Eram as novenas do Menino, alta madrugada, muito frias, com foguetes, cânticos e, em Galegos, concorridas sobretudo pelos miúdos. A razão era que, finda a cerimónia, o falecido Anselmo Vasconcelos ou o genro, Pau-

PELO

Dr. Francisco de Almeida

lino, desde há anos em Moçambique, distribuíam uma mão-cheia de figos a cada pequeno. Até descalços lá iam!... Aquilo também era catequese, à custa do Anselmo que se divertia com a pequenada.

Daqui uma 1.<sup>a</sup> Conclusão: fez-se o Sínodo sobre a Catequese. De facto, os métodos de formação religiosa têm de ser hoje bem outros de outrora. Usam-se pouco os livros e os filmes. É preciso criar uma ordem que se dedique só ao ensino e formação cristãs e percorra as povoações. O cristianismo de hoje tem de ser, como no tempo de Roma, uma bússula a orientar a vida das pessoas que o queiram. Ora as tais novenas — estimuladas mesmo com os figos — também ajudam: os rapazes também vivem

de figos. garem de todo. Creio que é providencial isto do ateísmo na Urss e outros povos. Até os bispos vendem Cristo ao tomarem duas caras como o arcebispo Nicodemos. Veja, querendo, Os Cristãos na Rússia de A. Martin. E sobre o que tem sido a luta contra o fenómeno religioso, veja O socialismo em Portugal, 1850-1900, do marxista César Oliveira. O livro está mal feito, mas tem de útil os textos anexos e a bibliografia.

## 7 Natal e a ciência moderna

Saber consiste em conhecer os porquês das coisas. Saber porque me dói o pé, isso é ciência médica. Ora bem: esses estudiosos abdicam de olhar para as estrelas — não todos. Cuidam que o bisturi e outros instrumentos hão de explicar tudo na vida e que Cristo não serve de nada. E a moda é ser descrente. Hão de ver aonde isto vai dar: a ciência não existe

## Na Morgadinha

Né século passado, a moda chique foi ser maçon e é por isso que quase todos os intelectuais pregaram contra os padres. Até Fernando Pessoa o foi e suponho que o autor do romance A Morgadinha dos Canaviais o foi também. Seja como for, ao descrever o Natal no Minho, capítulo XIV, transcreve aquela quadra que ainda agora se canta ao Menino:

*Ó Infante suavíssimo,  
Vinde, vinde já ao mundo,  
Livrai-nos do cativoiro  
Deste jazigo profundo.*

Esta canção tem, portanto, mais de 100 anos pois o romance é de 1868.

Na Morgadinha ridiculariza-se, ao contrário do que por 1530 fez o nosso maior escritor de teatro Gil Vicente. Este escreveu peças (autos) sobre a Visitação, o Natal, Reis Magos, etc. Como as letras se foram desviando da Bíblia! E não somos mais felizes apesar de sermos 100 vezes menos pobres.

Conclusão: os homens, de não cristãos, foram-se aproximando de Cristo até aos exageros da Idade Média e desde aí desviaram-se de novo até o ne-

senão no homem sábio, que pode ser perverso e fazer do saber o flagelo dos humanos. Lembrem as bombas, os venenos, as armas. Onde é que a ciência já rejeitou Deus? Nada!

Por outro lado, nada se dá sem Deus permitir. A ciência está cada dia mais desacreditada como meio de fazer a Humanidade feliz. Mas esta luta é de nascença entre o Bem e o Mal. Lembrem o caso de Job e que a fome seria enorme se as águas do mar não tivessem luta — ondas.

Conclusão: foi providencial todo esse orgulho da ciência porque purificou muito o cristianismo de fórmulas, que era o dos séculos X a XV, desenvolveu a pesquisa religiosa, a arqueologia bíblica, e fez arredar os malditos evangelhos apócrifos e descobriu, pela Etnologia, que os negros e os índios conhecem um Salvador, nas suas tradições. Honra então ao Menino que nasce.

Francisco de Almeida





# Algumas curiosidades étnicas

Dizia-me certa vez um director-geral: — «Hoje já me não preocupo com meus filhos, pois são eles a dizer-me que faça assim».

Concluimos que um pai já não tem que cuidar dos filhos senão até ao dia em que os lance a voar: no emprego ou por conta própria. Contar com herança dos pais, isso acabou. Também, que há-de deixar aos filhos um pai que só tem salário, menos que chapa-ganha, chapa-gasta?

Bad. 2/2/79

Foi publicado um livro do Major Melo Machado: *Entre os Macuas de Angoche* (Moçambique).

Ali se vê como a rapariguinha salta de menina a mulher: a macuazinha fica nada menos que nua, e durante 365 dias, a ser instruída acerca das funções da mulher. Ai quando lá se formar o Movimento das Mulheres.

Ao contrário do que entre nós se vê, por influência ainda das regras de Direito Romano, velho de 2 000 anos, os Macuas consideram muito suas mulheres, a saber: que só elas têm uma qualidade que transmitem aos filhos: Daí que o chefe da casa seja ela e não ele, que dos bens da

casa seja ela a dona e só ela e daí ainda que os filhos só herdem das suas mães que não dos pais: há certeza absoluta sobre a mulher de quem este ou aquela nasceu mas não tanto assim acerca de quem é o pai. Para o teor de vida que a mulher romana tinha era certo que o marido era o pai, mas se fosse hoje talvez pensassem duas vezes. Não lhes repugnava então que dos homens, como os Macuas, herdassem apenas os filhos das irmãs deles, ou sobrinhos direitos. Será para evitar conflitos destes que certos Estados se fizeram os únicos herdeiros?

PEDRO AFONSO

## ENTÃO COMO VAI ISSO?

(A ameaça de Lisboa, no 2174, p. 104).

1. Vai mal, dizia a Josefa dali ao pé das Caldas. OMESSA?! Então quê?

—O povo vivia bem, mas este ano vamos passar muita fome: as vindimas acabaram; indústrias poucas há; no campo, os melhores só conseguem dar trabalho para meia semana a 100\$00 e acabaram os trabalhos de cortar pinho e eucalipto—que ninguém compra. Daí já vê.

2. Então não foram 3 mândios sentar-se à mesa do café, em Lisboa, junto dum Delegado de um Tribunal? E depois, apontada a pistola:—Carteira!

E lá foi ela ao Sr. Dr. Delegado.

Vão aprendendo.

3. Uma empresa de recortes de jornais foi oferecer fitas gravadas com o que os jornais disseram no ano desde o 25 de Abril. Oferecê-las à Biblioteca Nacional de Lisboa. Se calhar, o director, um tal Dr. Marques, não gostou: Parece que não botou discurso.

A lista dos jornais donde a tal recorta, são os diários, alguns semanários, os jornais dos partidos, imprensa regional, etc.

Muito estranho que dos jornais de certas regiões não pareça fazer recortes: não vem lá Évora (mas vem Estremoz), nem a Guarda (terão ideias menos correctas?) nem Tomar. Menos ainda os jornais de outras terras como a Sertã, Abrantes, Olhão, Gaia, Monção, Portalegre, etc.

É capaz de o defeito ser da lista e certa imprensa parece à partida evitada. Boa! Assim fica o Governo, o C. R., etc., a ter notícias de quanto se passa e diz e pensa!...

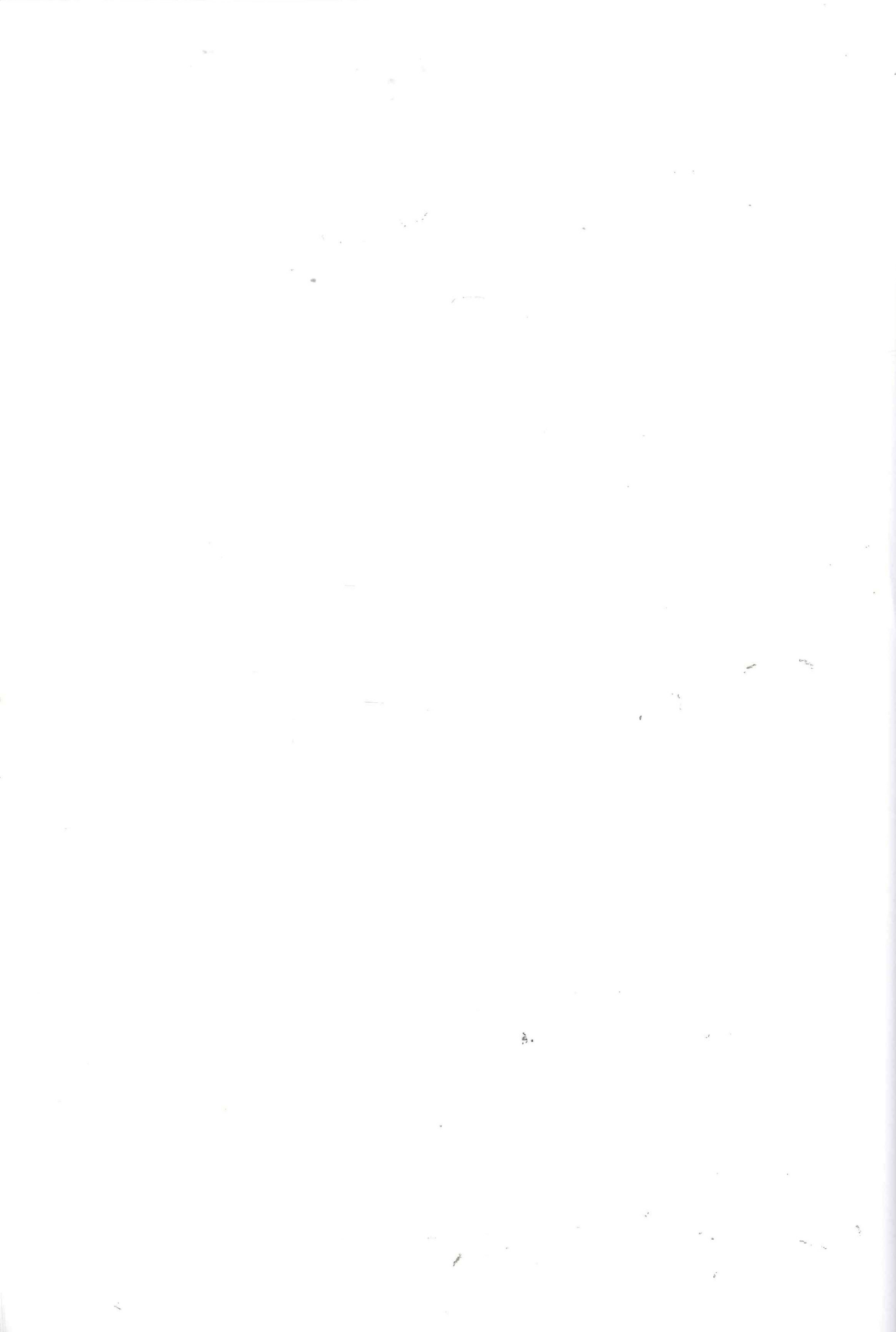
### UMA NOTA

Foi D. João I—há quase 600 anos—quem por aqui começou a tirar os bens a certa gente porque ela andava por Castela pensando e dizendo coisas contra nós. (dizia o rei).

4. Foi Lenine (por sinal da raça dos judeus, que não da russa, nem eita, nem altaica ou outra lá do sítio). Não sou um asceta, mas o que se chama vida sexual da nossa juventude e, muitas vezes, dos nossos adultos (da URSS, claro) faz-me pensar em uma espécie de casa de tolerância (queria dizer, lupanar) burguesa.

Foi um russo que o testemunhou. Ou era reacelatório? Mas a coisa, por aqui, lá vai! O que as crianças já aí vêem!

C. V.





# São Tomé, novo estado em África 104

por Francisco de Almeida

ALGUNS dos senhores leitores estudaram na Geografia de Portugal este território. Como se estudava a Guiné, Cabo Verde, Macau, etc. Ao ser por nós descoberta esta ilha, há quase 500 anos, não tinha gente. Os primeiros habitantes foram judeus idos de Portugal, uma longa história. Vieram depois angolanos e brancos. Os santomenses ficaram uma caldeira étnica.

Bem pequeno território — com a ilha do Príncipe — que se divide em 17 freguesias e tinha em 1946 apenas 65 mil habitantes dos quais 5 partes vivem e trabalham nas terras altas dos roças (café, etc), que a terra aí é fértil e o clima, bom. A outra quinta parte mora junto ao mar — terras baixas onde como em Luanda — o clima é quente e terrivelmente húmido — mau para a saúde, sua — se por todos os poros e bebem-se garrafas e garrafas de cerveja.

S. Tomé, um nome cristão, que outro nunca teve, que se saiba, ao contrário dos territórios de Ngola (Angola) em frente da qual se situa. Como pode progredir, um povo em território assim especado no mar, com que energia, de que alimentar-se? Outrora ninguém ligava a S. Tomé salvo os que para lá iam. As nossas aldeias nem de S. Tomé terão ouvido falar. Agora é diferente com Pinto da Costa, presidente, a visitar-nos. E dão que falar com a guerra contra o ex-chefe de governo, chamado Trovoada a ser metido a ferros, ver-lhe regressado asilo político por nós, etc. Somos uns amigos da onça, está visto. Como se vê, não precisa o país de ser grande para os políticos se não entenderem e meter na «prisa» uns aos outros. Uma pena!

São Tomé teve seu bispo próprio logo no século XVI, que deixou de ter só em 1812. Muito protestantizada. Portugal, apesar de todas as suas peneiras e rasgos de estupidez dos governantes, não conseguiu que a moral da população se mantivesse a um nível capaz. Ninguém registava seu casamento entre os rurais — nem o civil nem no religioso — donde que 95 por cento das crianças eram ilegítimas ainda em 1927 — belo fruto dos republicanos! E em 42, os casamentos católicos foram 29 apenas. Até o calcetamento de Vila

de Guadalupe teve de ser feito por um missionário. Por outro lado, o santomense despreza o trabalho e é supersticioso. Que futuro para o novo estadozinho? Colónia de Turismo de Angola? Há-de ser o que Angola for mas S. Tomé fala Português enquanto se não lembrar de oficializar a cafreada que usa e se chama crioulo, língua sem futuro.

30.XX.79 II C. Sa.

O problema de S. Tomé levanta alguns outros, agora curiosidades, de que falo a seguir, deste modo: 1.º Os Portugueses eram nação pequena mas levaram seus barcos à Guiné, S. Tomé, Angola, até à Índia, China, Japão e até às Coreias, que agora andam nas bocas do Mundo e isto não conseguiram fazer

uma Itália nem a França nem as poderosas Alemanhas, a Áustria ou Suíça e muito menos, a Rússia, que na história delas do tempo só catalogaram guerras; 2.º Os Portugueses ajudaram os povos desses territórios a purificar-se de doutrinas erróneas e a sentir-se irmãos das gentes da Europa — O Ocidente, com o que se tornaram os primeiros construtores de uma Humanidade fraterna entre todas as racas que respiram por esse planeta além e se não fora isto, nem se falaria desta minúscula terra de Portugal; 3.º Efectivamente, enquanto os Portugueses criaram bispados e hospitais e leprosas e escolas em tantos centros mundiais como Pequim e Nanquim, Malaca, Goa, Tóquio, Maputo, S. Tomé, Baía, etc., que fizeram os povos da Europa e mesmo a Rússia? Até 1830 não se pode fazer história nacional da China e Japão, etc., sem mencionar os Portugueses.

Erradamente, a geração portuguesa de 1830 como depois a de 1910 e talvez agora a de 1970 rumaram em sentido diverso — mal que virá para bem, mas com isso Portugal viu diminuída a sua prosápia de nomear portu-

gueses para bispos da China e outras terras até que em 1962 perdeu o que lhe restava para Goa e Melianor, e por fim, Timor. Macau não tardará. Este peru português ficou depenado — e infelizmente de há muito que merecia que a Sé Romana o metesse a pique como fez em 1838 com grande clamor hipócrita e interesseiro dos daquela época.

Outrora foi o Mundo português e espanhol, depois, inglês e gaulês e agora americano, chinês e soviético. Nós espalhamos as boas obras — com muita escória — à moda que no tempo se usava e concebia; a Rússia espalha agora sua acção pela forma que pensa ser o bem e está na moda: as ditaduras — proletários, uniões, união que não pode deixar de ser de grande benefício humano em todo o universo de povos, etnias, ideias, aquisições materiais, etc. E de muitos males não de as populações extrair o bem, ajudadas pelo renovado saber, o circular das notícias e o uso da cabeça — que são muitos a pensar.

Uma instituição se tem mantido incólume desde o fundo dos séculos e é a Sé de Roma, agora nas mãos de um ilustre filho da Polónia — e quem sabe se não, amanhã, nas mãos de um russo ou de um chinês. Todavia nesta Europa antiga só 42 em cada 100 aderem à Sé de Roma, diferente da América com 62 por cem, da África com 12 por 100 e da Ásia com 3 e a Oceania com 24, ao todo, 750 milhões de católicos segundo a estatística referente a 1976.

Começamos por S. Tomé e estamos aqui. Qual será o panorama do Mundo daqui a 10 anos? Será que S. Tomé ou mesmo Portugal ainda existem?







# COISAS DE LONGE E DE PERTO

*Citado na carta de P. Nélis por 7/6/80*

— Há tempos, escrevi um apontamento sobre jornais barcelenses em que pedi se editassem as *Cousas Velhas* do ex-abade de Alvito — S. Martinho, Abade Pais e por lapso referenciei tudo à *Revista do Minho*. Felizmente

PELO

Dr. Francisco de Almeida

*V.M.º 7/6/80*  
que um outro atento colaborador corrigiu logo para *Barcelos-Revista*, correcção que agradeço.

— Por falar no abade Pais: informa o Dr. Teotónio da Fonseca no *Barcelos-Aquém*, pág. 98, as freguesias por que passou antes de chegar à de Alvito (Galegos por 1870 e a seguir, Roriz) e também diversos jornais em que derramou seu muito saber de Pregador Régio que era.

— Por falar em pregador régio: dantes, tudo era régio: os bispos eram de nomeação do rei,

os párocos também, os professores oficiais — primários — chamavam-se régios, a estrada era «estrada real» quando razoavelmente larga, etc. Agora deviam chamar-se «repúblicas» mas só a Guarda ficou a chamar-se Republicana. Ora quem examinar documentos e legislação do século passado há-de ficar a pensar se a igreja em Portugal não era tão dominada como o foi na Rússia (igreja nacional) ao tempo dos Czares e o é agora com os comunistas. A isso responde por exemplo Oliveira Marques, marxista, com o seguinte, que é verdade para os anos de 1820: «O Liberalismo português defendia ainda a união da Igreja e do Estado» (*História de Portugal*, II vol., pág. 62). Ora como o liberalismo era mistura de ateus, judeus, maçons e o meio-herexe Herculano, segue-se que, como na China de agora, os

(Continua na pág. 2)

8-7  
nosso defenderam a união para se pôrem a cavalo no eclesiástico. E, coisa providencial: o desatado Afonso Costa foi quem, sem o querer, deu liberdade de acção aos bispos cortando a tal União ou fazendo a famigerada *Separção*. Para que precisamos de Pregadores régios ou párocos colados? Agora o reverso: mas na Suíça, uma proposta de há dias para separar a igreja do Estado foi derrotadíssima, vejamos!

*V.M.º 7/6/80*  
em 34, outros 22 (ver *História Abreviada do Seminário*, pág. 484 a 486). E que em 1870 começaram os Republicanos a metralhar e quase tudo tinham rompidos em 1914, donde que o Ab. Pais foi um dos corajosos fiéis a vocação, daquela fidelidade de que fala o Papa na *Redemptor Hominis* e de que os padres franceses tão pouco terão gostado segundo um relato nos *Jours de France*. Aí fica um tema que confio à investigação





# Novo Núncio em Lisboa

(Continuação da página 1)

Quirás e certa dispensa matrimonial por 1790. E disto de dispensas quero que saibam que dos Moniz de Palme saiu um padre traídor que em 1836 se atrevia a conceder dispensas que só Roma poderia dar. Um usurpador. Daí o famoso cisma de Braga e daí acreditar eu que haja de facto padres que são ateus. São os tais niconedemus.

Olho neles.

II V.M. 19/4/80

Como vêem, os problemas humanos, políticos e outros que todos os dias chegam às mãos do Papa são muitos. Um dos mais recentes é o dos padres que querem desfazer-se do Voto (também freiras). A este respeito dizia há tempos uma revista francesa que João Paulo II não anda com esses papéis. Diz-se ser ideia dele que não é demais exigir ao padre e à freira que sejam tão fiéis como os esposos: assim como a estes não é lícito divorciar-se (perante Deus), também ao padresito e à freirinha não deve ser lícito passar a meros leigos.

Continuar levar-nos-ia longe e por isso fico por aqui neste apon-

tamento a respeito dos «bocas» dos Papas.

Resumindo quanto disse, ficamos com o seguinte: 1.º a Santa Sé tem representantes diplomáticos espalhados por quase todos os países porque não há nação onde não haja católicos; 2.º antigamente, tal representante só existia junto do governo das nações católicas e isto apenas desde há uns 500 anos — em Lisboa, desde 1513; 3.º aconteceu outrora muitas vezes que os governos católicos tinham birras e expulsavam os núncios — o nosso 1.º expulsante foi o cínico Pombal; 4.º quase não há Estado que não tenha seu representante junto da Santa Sé, em Roma.

Conclusão: é tempo de se dar maior relevo à presença do embaixador do Papa em Lisboa; de se tomar maior consciência da acção desses abnegados lutadores por Cristo que são os núncios e de, considerando a enorme necessidade que deles têm os povos, fornecer ao Papa os meios com que possa aguentar os custos com Nunciaturas e representações semelhantes.

Francisco de Almeida

## Novo Núncio

Veio o leitor a perguntar se há muitos núncios. Pois há. Até em

Cuba porque já lá o havia antes de Castro e Fidel não o mandou embora. E em toda a América que fala Português ou Espanhol, menos no México. Não há núncio,

PELO

Dr. Francisco de Almeida

V.M. 19/4/80  
mas encarregado menos solene nos protestantes E.U.A. e Canadá. No Japão, Filipinas e em quase todos os outros países da Ásia há porta-voz do Papa (mesmo no Irão). O mesmo na África. Claro que o Egipto, etc., têm seus representantes ante o Papa — que não vende nem prata nem ouro nem tem ambições de governar uma Síria ou Israel, etc. Lá sabem porquê e se os leitores quiserem per-

ceber, leiam o que é o fervilhar de problemas no livro Pio XII e a Alemanha Nazi.

I V.M. 19/4/80

Ora uma embaixada custa-nos muito dinheiro e por nós, podemos calcular quanto o Papa se vê na necessidade de gastar com as suas Nunciaturas e outras representações ante os quase 150 governos da terra. Quem paga? Eu e todos os que comigo acreditam — e sustentam — que João Paulo ou outro fala o que Cristo nos faria se cá estivesse, sediado em Roma ou noutro lado.

Reflexos da Nunciatura de Lisboa há alguns nos nossos arquivos paroquiais e de dois em Galegos, já falei: foi pela Nunciatura que correu a dispensa do Padroado em

(Continua na pág. 6)





8-9

# Novo Núncio em Lisboa

7.129

(A)

No Quadrante de «A Voz do Minho» de 8/3/80 fala-se de como valorizar um pequeno jornal. Certo onêrado, a intenção do autor é boa. Todavia, cada jornal tem por um lado sua Constituição ou Estatutos e por outro, a ideologia

PELO

Dr. Francisco de Almeida

V. N.º 5/4/80  
de quem o dirige. Assim se explica que certos artigos saíam e outros fiquem na gaveta.

Parece-me que raro ou nunca os jornais barcelenses falaram da representação diplomática que a Sé Romana tem tido em Lisboa e que tal segredo é uma lacuna grave na formação e informação do povo da nossa Terra. E porque assim pensei, aí vão umas notas que o Jornal publicará ou não conforme entenda.

I

Há dias tive de ir a uma clínica em visita à esposa de um dos nossos desembargadores e foi perto dela que deparei com um edifício apalaçado, de esquina, onde sobre

a porta principal se vê o brasão do Papa João Paulo II. Vê-se logo que ali funciona a embaixada da Santa Sé. Mas por isso mesmo eu estranhei que em vez do brasão da Sé Romana ou então do Estado do Vaticano, lá estivesse antes o brasão do Papa actual.

Embaixada é o edifício e também o lugar onde em Portugal se tratam os interesses de Estado estrangeiro (e em Lisboa há embaixadas espalhadas por toda a cidade). A da Santa Sé dá-se tradicionalmente o nome de Nunciatura Apostólica e por isso também, enquanto o representante da Inglaterra é embaixador, o representante do Vaticano é Núncio.

Diz-se Apostólica apenas por ser referente à Sé Roma: essa data de facto do tempo dos Apóstolos enquanto que até aos anos de 1400 Roma não tinha representante, embaixador ou núncio em país nenhum embora tenha sido o 1.º Estado a criar embaixadores permanentes junto dos governos de então.

II

Mas Núncios para quê? Há quem sustente que não são precisos e custam, todavia, ao povo católico, milhares de contos por ano. Tais vozes não têm razão. Vamos por partes.

Sabido é que dantes, Portugal tinha uma feitoria ou posto comercial na Flandres, actual Holanda. Ora para dirigir tal posto e falar

com os governantes da zona, precisava Portugal de ter lá um «boca», um encarregado, um núncio que aos de lá transmitisse as «razões» do Rei de Portugal. É por isso que a América, protestante, nomeou um porta-voz permanente em Roma. Se algo há a estranhar é exactamente que tão poderosas nações queiram ter seu represen-

(Continua na pág. 4)

## Novo Núncio em Lisboa

(Continuação da pág. 1)

tante exclusivo junto do Papa. Porque é que fazem tal? Ainda há pouco morreu um estranho porta-voz da URSS ante o Papa: era o arcebispo Nicodemus de que alguns russos disseram ser o diabo vestido de padre.

(Continua)





# Alguns Jornalistas de Barcelos

(Continuação da página 1)

882  
ainda outro (Joaquim) escrevia em 1889 em A JORNADA — pág. 185. Um Silva (António Augusto) colaborava em 1902 na Aurora de Barcelos — pág. 44.

— Marinho (Manuel) — editou em 1925 o repub. A Opinião — pág. 40.

— Marinho (Francisco) — editava A SÉCIA NOVA, partido republicano, por 1890 — pág. 111.

— Botelho (David de Barros da Silva) — redactor principal, por 1860 de O ECO DE BARCELOS — pág. 82 e em 1866 redactor responsável do JORNAL DE BARCELOS — pág. 115. V. 11. x. 80

— Esteves (José Francisco da Silva) — redactor de A Lágrima por 1892 — pág. 123, Proprietário de A Portuguesa no ano anterior — pág. 148, colaborou em A Jornada — 1889 — pág. 185 e A Kermesse — 1894. Redactor em 1888 do Jornal de Barcelos — pág. 115.

— Oliveira (M. José de) — editor de A Folha da Manhã em 1878 — pág. 100.

— Vieira (Artur Cunha) — director com o Dr. Veloso de A FOLHA DA MANHÃ em 1878. Ver Vieira (J. S.) que editou O MOSQUITO — 1883 — pág. 131 e dirigiu a REVISTA DO MINHO — pág. 196.

— Novais (Dr. Luís) — redactor de A Folha da Manhã — quando este jornal era do Marinho (Fernando) — por 1890.

— Linhares (José Pereira) — foi colaborador de A Folha da Manhã antes de 1907 — pág. 101.

(Continua)

Francisco de Almeida

# Homens e Máquinas

Na América para o número de operários aumentar de 53% foram precisos 30 anos quando, no mesmo período, os empregados aumentaram 150%. Porquê? 30 a - 253% - 87.5%

É que foram inventadas máquinas para substituir o trabalhador braçal, mas foi difícil inventar máquinas que fizessem os trabalhos dos escritórios. Assim, o rendimento (produtividade) /operário aumentou 14,5 vezes e o /os empregados só 1,5 vezes. Ficamos hoje pasmados de ainda há 70 anos se lavrar por aqui com arado de reilhas de pau e de ainda há 50 anos se ter clamado contra a introdução do semeador nos campos!

A mais espantosa máquina é a que, ligada, trabalha por si — a chmada automática. Há teares, há as de lavar roupa de loja. Até o frigorífico é uma máquina automática. Em 1948, o matemático americano Wiener baptizou os estudos sobre automatização com o nome de Cibernética. Tem-se feito progressos enormes nisto de máquinas automáticas. E o difícil foi começar! O foguetão lançado para o espaço é automático porque se guia por si; o míssil que procura o avião e se cola a ele como ventosa, vai por si. Fizeram-se máquinas que traduzem logo para Português o que o Inglês disse na T. V. E máquinas que jogam xadrez e que fazem contas como essas japonesas aí por todo o lado à venda, baratas e eficientes.

Tudo se funda nos calculadores electrónicos que trabalham à velocidade da luz — 300 mil quilómetros por segundo — e só com os algarismos zero (0) e 1. Espantoso! O simples cálculo do tempo para amanhã (que a T.V. dá) implica resolver tantas contas que 10 matemáticos os não fariam num mês. Mas o computador resolve tudo em 60 minutos! Há autómatos mais simples como aquele em alguns galinheiros deixam cair a água à medida que as galinhas forem bebendo. V. 11. 35/11/79

O homem pode assim ter esperanças de em poucos anos haver máquinas que o libertem de tantos trabalhos duros a que ainda está submetido; de ver-se a trabalhar só alguns dias na semana (menos até que se reivindicadas 40 horas); de sair do





# COISAS DE LONGE E DE PERTO

8-11

pelos resultados das eleições fica estabelecida a seguinte lei: em todas as nossas 89 freguesias há pelo menos alguns ateus, isto é, pessoas que negam Deus, combatem que Deus exista, são contra os que falam d'Ele e contra tudo o que a Deus se refira. 19-10-80 513

Mas isto em pessoas que são inteligentes e todavia sem cultura, causa pasmo. É que parece mais fácil, pela observação das coisas à nossa volta, admitir e ter a certeza de que todo este Mundo tem um Governador do que o contrário ou, como dizia Voltaire, apesar de ímpio: o Mundo é um grande relógio tem de ter Relojoeiro.

Agora já se compreende como no passado havia pelas aldeias maçons, rebeldes, não-praticantes, anti-clericais: eram ateus. Aqui numa terra próxima de Barcelos deu-se este caso: o pai não acreditava no outro mundo e o filho, sim. Morre o filho e o pai, de acordo com o filho, meteu no caixa papel de carta e caneta para o filho escrever, de lá. Esperou 3 meses. Não escreveu... Ficarão a pensar se não será como alguns têm dito por esses séculos fora: que alguns homens já nascem com selo e marca do caminho do inferno — predestinados. Com efeito: que maldição pesa sobre esses homens e mulheres para assim terem santas ganas contra o Senhor do Mundo? Alguém sabe?

colares. Em se falando de «movimento», eu fico logo de pé atrás. Por sinal é escrito por uma italiana e foi editado em Braga em 72 — há 7 anos. Desconheço esses movimentos.

Aqui só nos interessa saber como algumas iniciativas nascem. Eu conto (que o livrito — Que todos sejam um — o diz).

PELO

Dr. Francisco de Almeida

A Itália estava a ser bombardeada todos os dias, isto em 43. Numa grande cidade do norte — Trento — chegava a haver necessidade de os moradores fugirem 11 vezes por dia para os abrigos sob terra.

Tudo ia sendo destruído. E não é que no meio disso tudo, raparigas de 15 anos resolvam deixar, a Faculdade de Filosofia, o sonhado casamento e assim? Para dedicarem a vida a unir as Pessoas e trabalhar para o bem dos outros. Em pouco tempo eram já 500 a seguir esse ideal.

Conta a Autora, Chiara Lubich, que a ideia se estendeu e pegou em toda a Europa, Ásia, África, etc. Mais: os próprios bispos protestantes aderiram ao programa.

Fundou-se uma nova cidade para centro de tudo, chama-se Maiópol. Focolares (fuoco, em italiano) se-

# COISAS DE LONGE E DE PERTO

Pelo DR. FRANCISCO DE ALMEIDA

Acaba de me chegar às mãos o Monografia de Vila Seca que o autor e pároco, Padre Arcias da Costa, teve a gentileza de mandar me remetessem. Uma maravilha de trabalho, como bem disse, salvo erro, o Barcelense — mas só ele! — nada parecido com a minha telegráfica Galegos (32 contra 300 págs.), como também o Barcelense insinuava. Aqui a agradeço e espero que não haja pessoa de Vila Seca que não compre. Claro que o Autor vai perder uma centena de contos — ou oferecê-los aos de Vila Seca. Para já louvo-lhe a citação e transcrição de tantos documentos inéditos. Os de Barcelos ponham ali os olhos porque na de Vila Seca têm um resumo do que foi a Colegiada. Os das freguesias, um modelo para a sua terra, a publicar.

Parabéns ao autor, até pelas listas de Nascimentos, Casamentos e Mortes, desde os anos 1632 até 1976 — e que tão estranhos me

parecem. Digo porquê: porque é que no ano tal nasceram por exemplo 16 crianças e logo no ano seguinte, só 7, 6 ou 5? Porque foi que nos anos 1600 houve, proporcionalmente, mais casamentos que nos anos de 1700?

V. De Vila Seca 20/8/80

Não sei se ouviram na T.V. aquele debate sobre Colonização. Uma vergonha, da parte dos 2 marxistas presentes. A insensatez dos homens. Como se a Rússia não estivesse a colonizar a Estónia, Lituânia, Ucrânia, Arménia, Mongólia, Geórgia, etc.! Os Brasileiros, os Angolanos e os outros, com juízo, têm muito que nos agradecer. E a Santa Sé (humanamente) também.

(Continua na pág. 4)







# COISAS DE LONGE E DE PERTO

no 58

Num dos jornais de Barcelos ventilou-se há tempos a situação de alguns sacerdotes que são professores de disciplinas civis. Para o articulista, aliás brilhante e cuido que com vasta audiência, todo o padre que aceitasse professar História, por exemplo, caía nos seguintes defeitos: — era incoerente pois se ordenou para servir as almas e só; — fazia o jogo do P. S. e do P. C. que os quer exactamente distrair da missão sacerdotal; — roubava, sem necessidade, o pão dos leigos, carecidos de emprego e pão; — não atendia a que só os padres podem servir as almas com as ordens que têm, o que um leigo não pode fazer; — era ambicioso e menos caridoso porque os outros colegas lá vivem com o que o povo lhes dá e esqueciam que já várais paróquias há sem pároco próprio (anexadas).

Penso que o problema, como notícia, cabia no jornal; como crítica — e era-o — está mal posto. Mas já que posto foi, há que levá-lo mais fundo, às raízes.

Daí um 1.º problema: o povo tem ou não tem necessidades espirituais? No romance O DEUS CIUMENTO (tradição do Inglês) lê-se que certa mãe queria que seu filho, viesse a ser padre. Não conseguiu: Vicente! Diga, avó! — Quero ver-te casado. O teu pai era meu filho. Não sou estúpida! (pág. 205).

Em cumprimento do n.º 1 do Art. 6.º do Dec.-Lei n.º 645/76, «A Voz do Minho», teve, durante o mês de JULHO do ano corrente, a tiragem média de 10 000 exemplares. 4.800

Já de outra vez a avó — que era sabida em psicologias, lhe tinha dito: trata de te casares. Conheci teu pai, conheço-te a ti. É casar ou andar, Vicente, casar ou andar (pág. 16).

Professor do Liceu, deu cabeçada de meia noite e por fim lá

PELO

Dr. Francisco de Almeida

foi dizer, de uma vez, a Monsenhor: adre, eu, não (pág. 183).

Ora o curioso é observar que de necessidades espirituais revelam as almas do romance e o muito prático como Monsenhor levava as coisas: seria melhor para a Igreja ter um cento de verdadeiros padres do que... As coisas estão a mudar, o clero está na moda... Se não tivéssemos leigos... os leigos podem passar sem nós, mas nós não podemos passar sem os leigos (pág. 183) deles nascem os padres).

Então: a sociedade precisa ou não precisa, das ajudas dos sacerdotes? Demonstram os sociólogos que precisa. Remeto para a Sociologia. Se precisa, o governo de 1910, e seguintes, que puseram a cargo do povo todos os custos paroquiais, equivocaram-se. Ora, como fazem os governos dos outros países: dão ou não dão ajudas às populações para elas poderem sustentar um pároco? Digo que sim — até na URSS (por outros motivos).

Se assim é, não é já tempo de os povos exigirem dos governos e às Câmaras que os auxiliem no sustento dos párocos sobretudo aqueles mais isolados e menos ricos.

(Continua na pág. 4)

## Em torno da vida nas aldeias

por Francisco de Almeida

FALEI há tempos, senhores, agora recebi, da freguesia, 131 estes versos:

Eu era do pó da terra,  
Divi, morri, terra sou:  
A minha alma me deixou:  
Na ressurreição me espera;  
Irmãos o Credo não erra.

Ora o autor do escrito foi um João Coelho da freguesia de Cabreiros, Braga, em 1880 e tal os deixou para serem gravados na

sua sepultura. C. San 23/XI/79

Significa isto que os rurais sabem muita Filosofia, mais do que muito filósofo de profissão e este Coelho soube vertê-la no quadro artístico que transcrevi. Lá no Brasil ou cá, uma certeza: sou mais que apenas terra, hei-de voltar a viver.

I I

Saiu estes dias num jornal de Famalicão um protesto porque um colaborador, A. Oliveira, tinha falado muito a jeito do P.S.,

amealhar nada para o dia seguinte. A razão é que todo o mundo gosta de comer do bom e beber do melhor sem que a ressurreição lhes interesse para coisa nenhuma.

Logo, se alguém votar no P.S. que é ateu, adere pelo menos na aparência ao ateísmo. Nesta lógica, 50% dos portugueses mostram-se ateus — pior portanto que na Polónia de governo P.C. Mas

(Continua na 4.ª página)

tudo fique certo; de pernas para o ar. E' verdade: 1.º que tem havido patrões parasitas e injustos; 2.º, que o poder de legislar se pode obter por assalto (ver a URSS); 3.º que infelizmente não há pobre que não queira ser rico nem rico que não queira sempre mais: não aceitam vender tudo e dar aos pobres como Cristo aconselhou (não mandou, ou sequer fazer voto de viver sem nunca

ganhar à custa do suor dos operários da fábrica (lucro ou mais valia—logo é ladrão); 3.º que é à custa desta ladroagem que 1 é rico e 10 — que esfolam — são paupérrimos, logo 2 classes: a dos 10 não há-de deixar em paz os donos e autores da ladroeria; 4.º mas para travar e amansar esses parasitas possidentes, o melhor que têm a fazer é tomar o poder de fazer leis e fazer que

apesar de este se declarar marxista. Mas que é ser marxista, sabem todos ou não? Em resumo, é afirmar como o judeu Karl Marx, cujo pai por interesse tinha virado protestante (ver Enciclopédia Judaica): — 1.º que Deus é ilusão, ópio, droga, não existe; 2.º que todo o dono de fábrica compra os materiais por 10 e vende-os feitos em obra por 100, diferença que

de monografias recentes. Na que da Pousa, em Barcelos, leio na pá-





Im  
8-34

## Os Passos em Barcelos, nas freguesias, no Mundo

(Vem da 1.ª página)

terrâneos, seguidores, amigos, nada. Ninguém se pôs ao lado do Cristo a falar por Ele! Nunca um acusado esteve tão isolado, só. Mas estar só dói.

uase brincados)

O Acusado não fez qualquer mal. Acusaram-no os bebedores, os criados dos ricos, os comprados na rua por dinheiro, para fazer comício, o juiz do tempo não teve coragem de dar o seu a seu dono, que era mandar aquele Inocente em paz. Absolvê-lo podia custar-lhe o emprego, ser demitido. Vendeu o Cristo pela carreira de governador. Ai destes governadores!

Não O levam a uma prisão — hotel, como os de agora, em Portugal. Não riscá-lo do número dos vivos sem gastos para a fazenda — Ele próprio, o condenado a quem não eram defesa, vai ter de ir a pé levar os materiais, isso quando os 5 litros de sangue que temos, lá não teria um ou dois, e por isso, está quase sem ar que respire, sem orças, vista já turvada, trôpego; lá vai subindo, mais que quem sobe Franqueira. Um valente! Qualquer de nós deixava tudo às favas e ia para casa.

No Mundo passam passos: em procissões, em filmes, em teatros. O herói é Cristo. E merecia aplausos em vez de caras tristes, porque foi corajoso, resistiu a tudo e todos para manter o cirio da verdade aceso. Disse e não negou que Ele era o Messias. Mas dizer a verdade traz terríveis incómodos. De modo que o Cristo dos Passos dá lição bem oportuna aos deste ano de 1985 e é esta: que a verdade há-de ser dita, e mantida, contra tudo e todos, ainda que fazer isso nos custe o emprego, a cadeia, as chicotadas, a morte.

icil-

Digo então: nos Passos, viva o herói, viva o Cristo!

FRANCISCO DE ALMEIDA





dar que não queimassem a seara antes da ceifa lá porque nela havia bom trigo e muita erva má.

\* \* \*

Mas, pergunto eu: porque será que se vê agora tanta gente, até não crentes, a estudar o que se passa e se passou com a Cristandade? Não sei responder. Talvez algum leitor o saiba.

E o que quero observar são as boas obras, pelo menos de títulos sugestivos, de que o autor dá notícia. Aponto-as porque podem dar sugestões para trabalhos a operar quanto à nossa Região — o Minho. Aí vão.

\* \* \*

Alguns estudos franceses sobre matérias da França (os títulos vão já traduzidos em português e indico a página onde se encontra o original).

Ateísmo — cita-se Hegel, (1802), Nerval, etc.: corresponde ao movimento chamado «da Morte de Deus»: «Deus morreu... e fomos nós que o matámos!» (pg. 15) e estudam Satan, a Alemanha depois de Luter, a Antropologia da Nova Poesia Francesa, Natais, Comunhões solenes, as Procissões, etc.

Civilização Cristã, o que é, se alguma vez existiu ou se o

Religião Popular: o que significa, que credo é (imensos trabalhos sobre este tema). Como se há-de reformar (alterar) a Liturgia (pg. 104). Orações secretas populares (É Etnologia — pg. 107).

Uma Tragédia sobre Lúcifer, chefe dos demónios (pg. 115) e já no século 16.

Contra o Pecado Original (116). Como o número de noviças e seminaristas tem vindo a descer cada ano (até 72) — pg. 146 e seguintes. Pelo contrário: As Jardineiras de Deus (gente de saber que vai viver lá longe com os pobres da terra — pg. 154).

O sentimento religioso, as devoções religiosas, Sociologia do Clero, Clero paroquial, Visitas pastorais (163 a 165).

Monografias de regiões: Lanquedoc, Bordeus, Renânia. O Progresso da Instrução. Uso de Estatísticas na exposição da História. Sobre os casamentos tardios. Se o Sagrado já acabou.

E pronto. Aí ficam alguns curiosos assuntos (temas) que gostaria de ver investigar para a nossa Terra.

Porque tivemos tudo isso. Mas como é que foi? Histórias Gerais há muito que não chegam,

270

82/14

8-14

## Ainda Portugal, a Suíça e a Civilização

por FRANCISCO DE ALMEIDA

10/4/81 562  
Corre aí um livro da Bertrand chamado Atenagoras, do punho do romeno exilado em França, e famoso, Virgil Gheorghiu — que é padre ortodoxo, bizantino.

É um lírico, quero dizer, poeta. É uma biografia que o não é, mas tem curiosos ditos. Para ele, a Macedónia antiga é um povo pregado nas 4 hastes da Cruz: «um braço da cruz macedónica encontra-se na Al-

## Portugal, a Suíça e a

(Continuação)

do Reno; a 2.ª, daqui até ao Deniés-Vistula; a 3.ª, daí para o fim do Mundo. Era a sul do Reno e Danúbio que ficavam a famigerada Panónia — Hungria, a Dácia (Roménia), a Nórica (Áustria, Carénia e Tirol); os Alpes, com a Suíça e Alta Alemanha (Bávia, Baviera e Alsácia); as Gálias. Milhões de bocas: Espanos, italianos, gregos, gauleses, germanos. Para lá do Vistula, os eslavos — que os Avaros desprezavam como não guerreiros, submissos, que só serviam para escravos (ver História do Povo Romeno).

Mas os Suíços — Helvécios — curtaram os olhos da cara aos Romanos e a César — apesar dos 18 caminhos que para lá fizeram através dos barrancos de altíssimos montes, os Alpes — que são os parentes ocidentais dos Cárpatos, pátria dos Romanos.

Constança, cidade no lago, e Zurique e Basileia e Berna e S. Galen andaram sempre em bolandas.

Ora o rei gaules fizera-se cristão — Clóvis — pelo ano 500 e arrastou consigo suíços, alamanos e outros. Roma manda um pregador a Londres. Este converte a Inglaterra. Esta, com a Irlanda vem pregar ao continente: Holanda, Westfália, Prússia, Checos, etc.

Da Suíça desce-se de barco para: oriente; ocidente — pelo Reno, até perto da Inglaterra.

Que valia nesses anos de 600 Roma? Era praticamente a única autoridade civil supra-nacional, a ocidente da linha que vai do Adriático ao Báltico — porque o imperador do Oriente não tinha tropas para proteger sequer o seu povo dos arredores de Constantinopla. Daí que o Papa — que não tem missão política — transferisse pelo ano 800 — a autoridade supra-nacional, que Suíços e outros lhe outorgaram, para o gaules Carlos Magno. Daí o ressurgimento do imperador do Oriente. Daí a divisão do Mundo de então em 2 cristandades como uma Torre





# A nova Encíclica e as instâncias laborais

Aqui e além, neste jornal e naquele, vai sendo dedilhada música que tem por tema a «Carta del Lavoro» que o Papa fez sair e a que chamou Laborem Exercens. Podia chamar-se também «O Exercens Laborem», o factor de trabalho, ou como dizem alguns textos legais de Portugal após o 25 de Abril, o dador de trabalho. Mas dizer «dador», se significasse doador, o que dá, era um absurdo: o trabalho não se pode dar, talvez em raros casos. Pelo contrário: vende-se, troca-se por algo com que o factor, o trabalhador, operário ou letrado, viva. É a contraprestação do negócio sempre jurídico, da prestação, chamada salário, entre nós, retribuição.

Daqui já vêm o acento tónico do título: a Encíclica do que trata é do trabalhador, do Exercente de trabalho. Não do produto, actividade, mercadoria, prestação, mas do autor, do homem que tem de trabalhar — por não poder ser nababo a viver de rendimentos como tantos desejam.

Por este prisma, e no que toca a Portugal onde 85% da população vive do seu suor — e por conta de outrem — o patrão, o senhor, o empresário (como dizem leis nossas também posteriores à gesta do M.F.A.) Nela dirige-se a 8,5 milhões de pessoas, corrijo: a 85% da população activa, que será de uns 3,5 milhões. Seja: quase todo o Portugal se vê retratado na Encíclica, no pensamento do Papa. Quem faz as greves? — Ela fala das greves. Quem interpreta a sociedade e a História como uma luta de galos? — Ela fala da luta de classes. Quem pugna por maiores e maiores salários? — Ela estuda o justo salário. Quem falou em Capitalismo sem freios, só lucros? — Ela ataca-o. Quem sustenta que haja um só patrão em Portugal? — Ela não vai com tais doutrinários.

Criaram os nosso ideólogos o conceito de despedimento nulo, quer dizer, inválido ou inexistente: existe, mas não existe. É bonito, mas às vezes tem sido trágico e fonte de injustiças ferozes. Mas é a lei. Nem o patronato português se apercebeu logo da ratoeira, tão nova era por estes lados aquela inovação.

E pagaram contos, aos milhares, pela imprudência deles. Desde 75 que os governos têm vindo a adoçar aquilo ou seja, a limitar aquelas inva-

(Continua na 7.ª pág.)

# Carta de Lisboa

Aqui há meses, começaram a aparecer nas ruas da cidade uns painéis com uma caveira desenhada. Nada agradáveis à vista. Neles se lê: «droga, loucura, morte». Tempo virá em que isso da droga há-de sair da cidade e percorrer os campos. É estar vigilante, que mais vale prevenir.

Há semanas, compareceram no Tribunal da Boa Hora (crime) um Fulano que fora chamado como testemunha. O advogado, ao vê-lo, estremeceu. Vestido à hippy, quer dizer, à vagabundo: cabeleira, colares, etc. Disse o nome, morada e sobre a profissão respondeu «sacerdote católico»!

(Continua na 3.ª pág.)





# Dia Mundial das Missões

## Alguns dados do crescimento católico

pelo Dr. Francisco de Almeida

### I

Vem este apontamento a propósito de uma investigação histórica que o nosso ilustre conterrâneo, de Remelhe, o advogado Sr. Dr. Ferreira Gomes, traz em mãos. Ora ele encontrou um nome célebre que é o de Dona Catarina de Faria.

Pus-me a folhear o nosso Dr. Teotónio, em Barcelos, além, e vi Catarinas e Farias nas seguintes folhas (nem ao diabo lembrava citá-las, mas eu cito): 106, 110, 118, 130, 139, 155, 159, 165, 171, 185, 231, 240, 245, 255, 274, 294, 302, 340, 344, 350 e 353. Se nem tudo são Farias, parece que todos com eles se relacionam. E eu vi no Arquivo de Galegos um Maria Faria, de Areias, a fazer legado por 1690 e em Galegos ainda hoje há Farias.

Quantas Farias — Catarinas — não terá havido pelos nossos lados? Deixo isso ao estudo do nosso dito Conterrâneo.

O Bure 30/8/81 (30/8/82)

Farias, Gonçalves, Gaios, Nunes, Pinheiros foram troncos que cruzando. Nos séculos passados, apuravam-se geneologias: quem foi pai de quem. Agora, plantificam-se os habitantes de cada na-

1/1/82

ção. A este respeito — e do crescimento católico — apurei as seguintes taxas de aumento populacional (mede-se em tantos por cento, mas vou citar em tantos por 1000 para evitar decimais):

Espanha — 12 por mil e por ano, Filipinas — 29, França — 3, Islândia — zero, Jugoslávia — 9,7, Portugal — 21, Inglaterra — 0,7 (menos que 1), R.D.A. — 1,2, R. Federal Alemã — 2 negativos (decrece 2 por 1000 ao ano), Rússia — 9, Zaire — 30, Itália — 50, Holanda — 1, Suécia e Dinamarca — 4, Suíça — 3.

Para amostra já basta. Em percentagens seria: Espanha — 1,2, Inglaterra — 0,07, Itália — 5, Suíça — 0,3 ou 1,2%, etc..

### III

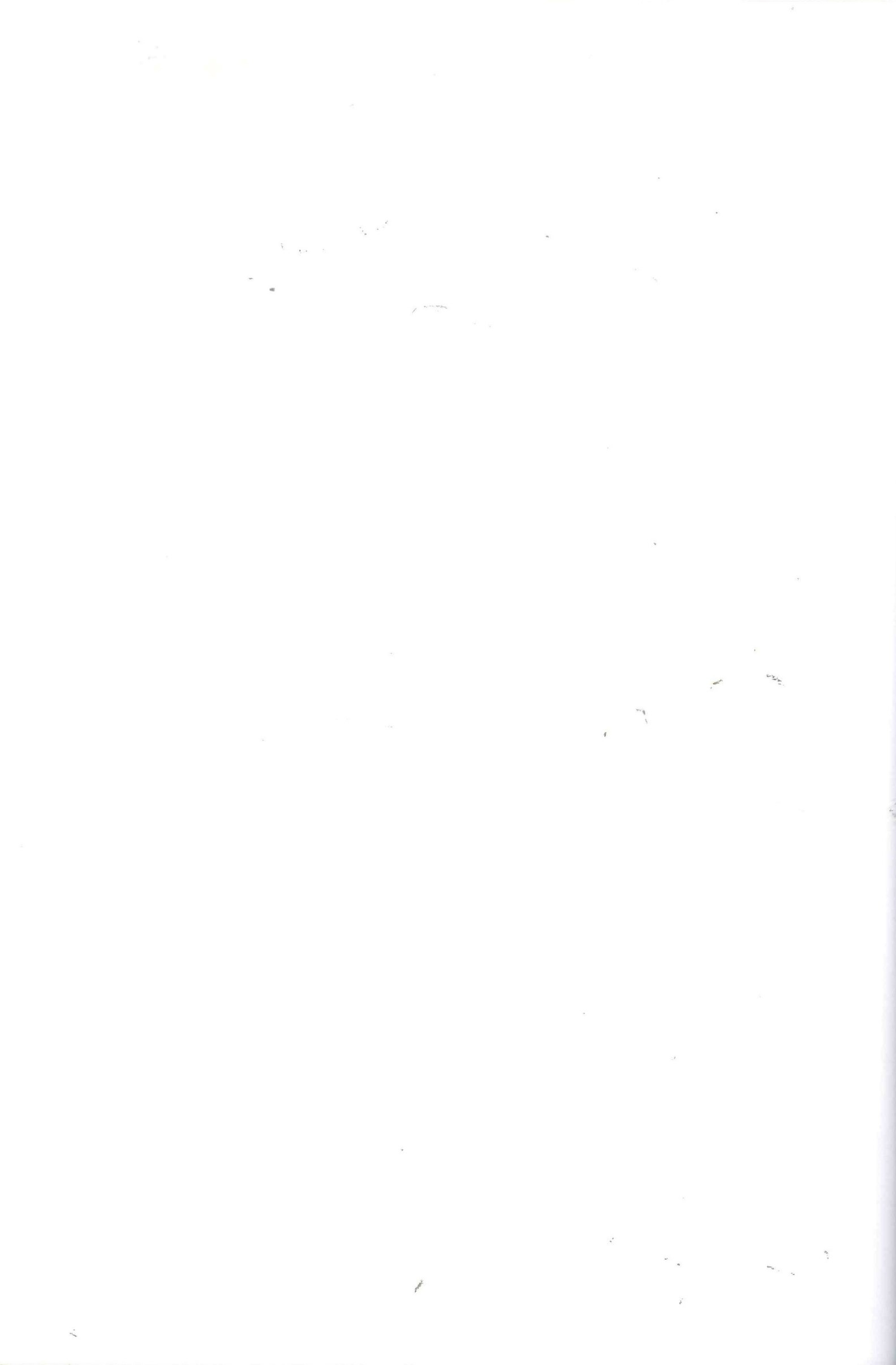
Um dos meios de os católicos aumentarem é pelos casamentos chamados Mistos, o que acontece muito na Inglaterra, Alemanha, etc., como pode verificar no romance aí traduzido que se chama Um Deus Ciumento. E rezam as crônicas que o político Bismark, chefe do governo alemão há 100 anos, fez quanto pôde para protestantizar toda a Alemanha por meio de casamentos desses: mandava funcionários prussianos, protestantes, para zonas católicas, encarregando-os de casar com noivas católicas (e fazendo-as protestantes a elas e aos filhos).

### IV

Daqui já os senhores leitores vêem que cuidados e trabalhos hão de ter o Papa e os bispos para defender os católicos de se casarem com os de outras religiões, sejam judeus, protestantes, muçulmanos, budistas ou outros. Daqui já vêem uma das maiores funções do padre, freira ou leigo que lavre da seara de Deus em terras de missão: estar atento às

(Continua na página 4)





# COISAS DE LONGE E DE PERTO

Pelo DR. FRANCISCO DE ALMEIDA

## O ROMANCE DE UMA POETISA MINHOTA

É ela a Professora D. Laurinda Carvalho Araújo, que me diz ter família em Barcelos, e escreveu umas páginas a que chama O Fim da Hospedagem — 48 páginas. Por via disso, e sobre o livro, elaborei 3 artigos com o título supra.

Mas acho que aos leitores não interessará tanto esse Romance e por isso, limito-me a noticiar a obra para os nossos poetas a dissecarem, querendo. Só umas amostras: V.M.º 9.I.82

«Minhas penas ao nascer/Eram brancas, virginais/verdes nasceram depois/ verdes, lindas, cor de esperança» pág. 44). E esta: «A trote se entra na vida/E a trote se vive nela/E depois de trote em trote/De corrida se sai dela» — que vem publicada na Monografia de Porto Espada — de que aqui já falei — é como as da nossa D. Laurinda um mel saboroso e rico de ideias. Ora já pelos anos de 1200 uma rapariga poetava assim:

«Pois nossas madres (mães) vão a São Simão/De Vale de Prado candeias (velas) queimar/ Nós, as meninas, ponhamos d'an-

dar/Com nossas madres. E elas então / Que queimem candeias (rezem) por nós e por si / E nós, meninas (moças) bailaremos i» ou 'lá) terreiro do Santo).

Voltando à D. Laurinda: «O fim da hospedagem é o fim/o fim de tanta ilusão/o fim de tanta esperança/gravada em letras de oiro/no humano coração» (pg. 7). Pois é: vejam o livrinho e lá verão o Romance desta nossa conterrânea aí de Freixo, a viver em Braga, e que acaba de subir ao Cristo Rei (do Corcovado) no Brasil. Isso é outra história.

## O NATAL NA AMÉRICA

Uma moça de Portalegre que casou com um americano da Califórnia acaba de mandar à família um cartão de Boas-festas. Lá, como cá já vai sendo: o cartão traz imagens que nem de longe nem de perto se podem relacionar com o Cristo, Menino. O cartão é pagão. Os nossos já o vão sendo. Devem ser repudiados.

## O NOSSO CONTERRÂNEO DR. GONÇALVES E O NATAL

Para os leitores saberem: é sacerdote, do Espírito Santo, natural de Galegos. Escreveu o «É Natal» na revista Encontro, dos Espiritanos, Dezembro de 81 e afirma que pelo Natal 40 por cento (40%), só falam de brinquedos e presentes, 20% de festa e comezaina, 10% de neve e jogos no gelo (esqui), outros 10% auxiliavam os pobres, mais 10% que o confundem com o Pai Natal,

(Continua na pág. 4)





# Notícias à roda do Mundo

(Continuação da 1.ª página)

persistente de uns quantos, no Bem, isto está melhor do que em 1910, o que ainda não lhes vi agradecer.

Fala ali gente de quase todo o Mundo: italianos, franceses, belgas, americanos, etc, além de portugueses.

Qual foi ele? — Fundador de uma casa da juventude como o italiano Dom Bosco ou o fígureiro Padre Américo.

Quem o perseguiu? — Dois padres para quem o celibato não era lei e com oposição se aliam a quanto maçon e anarquista havia naquele tempo!

Quem ajudou? — O ministro da justiça de 1909 que se arrastava o direito de exigir ao bispo readmitir 2 padres pelo bispo despedidos.

Em que deu a coisa? — Anunciando D. Sebastião em Visita Pastoral em Serpa, soube que rebentou a República e que em Beja logo se reuniram 600 combatentes para o irem lá matar. Para evitar o descalço, embora contrariado, aceitou a sugestão dos bons de Serpa para se exilar, o que fez pela meia noite, atravessando a fronteira. E depois, o hipócrita Governo da República, processou-o por ter abandonado o posto, Beja!!!

Autores mais destacados das

numa terra do Congo (Zaire), a esposa a quem morra o 1.º filho é também morta! Ora chamaram o padre para baptizar o recém-nascido, que ia morrer. E a mãe, pagã, quis logo ser baptizada para poder ir ter com o filhinho! Baptizou. E o certo é que essa jovem mãe não tardou 15 dias a levar sumiço! Caso para dizer como um Professor de Leninegrado, em um livro: «Tragédia Biológica da Mulher».

# Notícias à roda do Mundo

POR F.º DE ALMEIDA

7.113

I

Um amigo quis que eu folheasse um livro muito grande chamado *In Memoriam*. Já tem 57 anos e compõe-se de centenas de cartas. Cada autor, cardeais, bispos, sábios, jornalistas,

diz da sua justiça sobre um homem, português de lei, que foi bispo de Beja nos anos de 1910. Chamava-se *Dom Sebastião Leite Vasconcelos*. Falo-vos dele porque: 1) é um nortenho; 2) caracteriza uma época; 3) foi pai dos pobres

— acção que não palavras; 4) foi o mais injustamente perseguido dos homens daquele tempo; 5) há ali cartas de muitos nortenhos, ou ali a viver; 6) demonstra-nos que, pela acção

(Continua na 8.ª página)

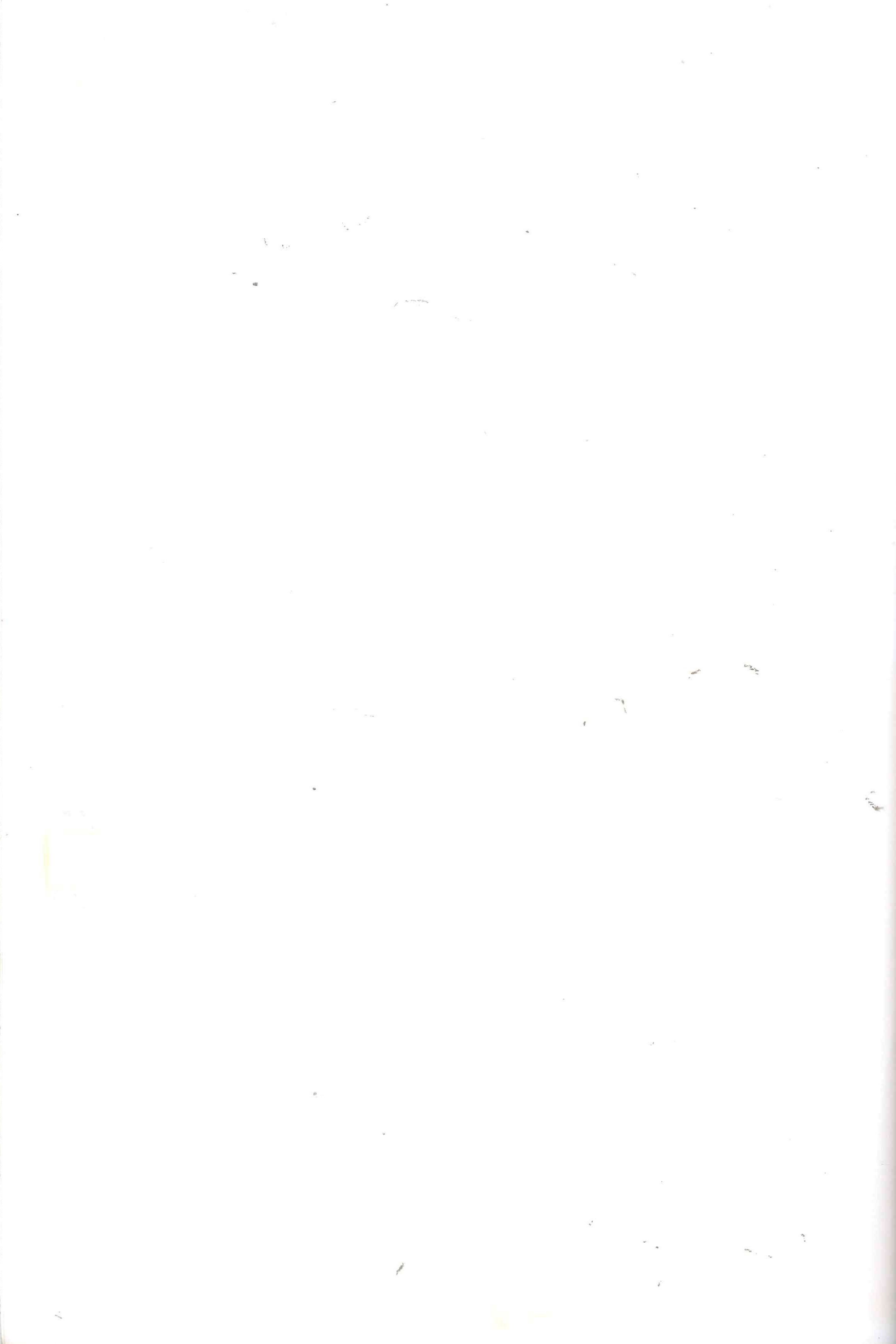
referidas cartas: Rei D. Manuel, Rainha, Cardeal do Porto, D. Américo, Padre Gonzaga Cabral, Gonzaga da Fonseca, Marquês de Faria, Padre Cupertino de Miranda, Cardeal Mendes Belo, Arcebispo Vieira de Matos (noso, Braga), Correia da Silva (o bispo de Fátima, D. Agostinho de Campos (Prof. Doutor), Alberto de Oliveira (o poeta), Pinheiro Torres, Alfredo Pimental (polemista), (Prof. Dr. Ribeiro de Vasconcelos, Antero de Figueiredo (o poeta), Prof. Dr.

Mendes Correia (o arqueólogo), o Conde de Azevedo (Lama-Barcelo), poeta Eugénio de Castro, Prof. Dr. Almeida Garret, Prof. Dr. Mendes dos Remédios, Júlio Brândão (o de Guimarães), o arqueólogo P.º Aguiar Barros (Braga), P.º Martins Campela, Paulo Freire (romance).

Citei apenas os que continuam com nomeada no mundo da cultura. E disse o que aí fica para que não esqueçam nem a bondade de uns nem a malvadez dos outros. É mel esquecer-se a História.

2/2182 II  
Ia agora falar-vos de 2 cartos relatados na revista Encontro — missionária, mas já falta o espaço. Só este resumo:







# Cartas de Lisboa

Como isto vai!

Já não admiram livros como um de Manuel Pinto, titulado «O Casamento dos Padres». O Pinto é certissimamente sacerdote, mas com toda a «liberdade» que ele reivindica, atira-se a Paulo VI porque escreveu numa Euclicca em que

lhes não permite casar. Não deixa de ter o livro algum interesse. É lúcido. Todavia, não sustenta que o sacerdócio do padre ele vem do povo? Até pergunta se Jesus Cristo não terá sido casado!

Que demónios de padres são estes?

A vida dos sacerdotes é dura.

ento que a pode

que esse assunto do Casamento já passou de moda. Depois que o Papa disse não ao casamento generalizado. Também passou de moda o livro de João Ilharco sobre Fátima: à 4.ª edição chegou daí não passou, o que significa não ter conseguido os 800 contos que do livro pensava colher.

Vi em letra redonda um estudo

acerca da sociedade em Portugal. Aqueles senhores pretendem que a ninguém seja permitido cult var terras, senão às associações. Nunca ao lavrador isolado. Se a coisa fosse avante, adeus casa de lavoura com 2 vaquinhas, todavia, «minhas»!

Também li o que outro senhor aí disse, e foi que se cultiva a terra ainda como já o faziam os Visigodos — mais ou menos no tempo do nosso Santo Arcebispo, S. Martinho de Dume! Têm cada uma! E fazer as malas ou mudar de estilo.

Mudar? Isso sim! É preciso que primeiro se mudem as vontades. E não podemos fazer como os judeus para quem quase só as novas contam. Não dizia um deles, há dias, que general da mais de 55 anos já não manda?

Mais 2 notas: parece não tardará que os funcionários passem à reforma logo aos 65 anos ou 35 de trabalho; lamento que só há dias se publicasse a notícia da comemoração a fazer em Setembro, em Braga, do II concílio bracarense a que presidiu S. Martinho de Dume, há 2400 anos. Temos injustamente esquecido esse apóstolo das nossas terras.

Francisco de Almeida

## O São João nas nossas aldeias

m. C. S.

(Continuação da 1.ª página)

Na diocese há milhares de capelas e confrarias sem monografia, mas não é preciso seguir mau exemplo. Em 1930, a fome aperta-va. Em 82, o povo tem mais pão e menos incultura: precisa e pode ter umas linhas acerca dos seus monumentos. O S. João de Galegos é do Povo, não do pároco. Não sou adepto de que se alterem os monumentos como no Santo Amaro se fez: era de 1662 (última reforma) e fizeram-no ser do século XX. Como histórico, deixou de existir e não condiz com o belíssimo cruzeiro ao lado que é nada menos que dos anos 1500. C. Sar 25/6/82

As críticas é de responder como ouvi dizer que fez o falecido Abade Joaquim: — na História há dia e há noite; quem actuou de dia merece louvores, quem operou no escuro deve — porque a verdade diz-se — ter relato escuro. Os Evangelistas não ocultaram que Pedro traiu o Amigo. Assim, deverá chapar-se no papel aquele jantar havido em Galegos em que se programou a expulsão do abade Vilela, aí por 48, coisa que só há pouco me foi relatada por fonte que reputo segura. E quem diria que tudo capitaneado por outro pároco que pelo êxito recebeu peças de prata?! O que vai seguir-se não é muito nem é tudo quanto há sobre o nosso S. João: não me é fácil ir ver os Arquivos a Braga. Outro me completará ou mesmo corrigirá que, se não escrevesse com o que tenho, não escreveria nunca, o que era ainda pior para as nossas gentes. Atenho-me aos arquivos de Galegos e

po. Bastará dizer que só até ao ano 1500 foram escritos mais de 200 volumes sobre temas bíblicos (que tratam também do Baptista), em Latim e quase outros tantos em Grego. E há-os ainda em Etíope, Russo, Arménio, Siríaco, etc. impressionaram-se com a figura de João: geração fora das marcas humanas, estar anunciado havia mais que 700 anos, ter um nome escolhido não Jesus por quem Maria, «agnóstica, mas dorada» tem tanta simpatia, a vida pobre e dura que se impôs, o ser mandado por Deus como Jonas, da Galeia: vai falar àquele povo «que não sabe distinguir a mão direita da esquerda», a coragem para dizer ao rei o que ele nunca antes tinha ouvido, a perseguição feminina que sofreu e por tudo isso, ter ficado sem a cabeça.

Trataram-nos os pintores — e são milhares os quadros sobre o Baptista e isso é com a História da Pintura, Iconografia, etc. Os escultores lavraram pedras e troncos de madeira fazendo deles Joões vivos; modelaram-no em barro e em gesso que ficaram, ao parecer, gente de carne e osso, uma mais e outra menos artística. C. Sar 25/6/82

Não vou continuar o tema porque tinha de investigar muito, falece-me a competência e para o nosso fim, o que já disse chega: não quero um tratado, mas apenas umas pinceladas sobre escritos, pinturas e esculturas acerca deste sujeito que os tem tantos como outros humanos tem, mesmo nas nossas aldeias.

E já não cabe aqui o n.º 8 — Medir Terras, o n.º 9 — A História como a contam os Estatutos de 1781, etc.

pouco mais.

Convirá lembrar aos conterrâneos que um folheto pode levar o nome deles para bem longe da terra em que nasceram e isso é honra tanto para os que nela habitam como para os que dela saíram.

Nota: isto é quase uma carta e ponho-a aqui por me parecer que interessa aos do «Cardeal Saráiva» lê-la. Ela é a Introdução a uma série de temas que esbocei sobre o S. João. Para não alongar demais, aí vai o n.º 5. C. Sar 25/6/82

### N.º 5 — ESCRITOS, QUADROS E ESCULTURAS SOBRE O BAPTISTA

Nestes 2.000 anos que nos separaram de S. João (para nós até já é homem antigo) muitos foram os que focaram sua atenção sobre a figura e vida e obras e família e discípulos e doutrina e martírio de S. João. E em muitas línguas da Terra.

Dava trabalho enorme reunir em volumes — quantos não sei — o que há escrito sobre este Homem: discursos, cartas, comentários, etc. Um dos últimos é a tese defendida no livro Manuscritos do Mar Morto que o afectam a uma seita daquele tem-







# A Festa do Natal

Pelo DR. FRANCISCO DE ALMEIDA

no 141

## Algumas anotações

QUEM se der a examinar as vidas dos grandes homens da antiguidade, filósofos por exemplo, dá logo com este tropeço: nem sequer de 1 em cada 1000 se conhece o dia, ou ao menos o mês, ou ao menos o ano em que nasceu. Ninguém sabe a data em que nasceu Paulo nem o dia em que o imperador Augusto veio ao Mundo. Não era uso anotarem essas miudezas ou os registos perderam-se.

Como sabem, face aos extraordinários acontecimentos que os Evangelistas relataram aquando do Nascimento de Jesus Cristo, era impossível fazer parar a imaginação dos povos e escolheu-se um dia para Natal.

Assim, diz um historiador do Cristianismo: «As festas mais características do Senhor... a de Natal aparece provada em 25 de Dezembro, em Roma, no ano 336. Portanto, celebra-se pelo menos desde há 1600 anos para cá. Se o Menino nasceu em Dezembro ou noutro mês, a 25 de outro dia, é coisa que pouco importa e pelo menos até agora se não conseguiu apurar.

Aram o Boice 25/XII/82  
O Natal é festa popular e até nacional em muitas nações. Pelo menos naquelas que de Roma receberam o Cristianismo — e foi toda a Europa Ocidental, que toda já foi católico-romana (até aos anos 1540). Por isso, 25 de Dezembro é tão Natal em Portugal como o é nas geladas Finlândia, Suécia ou Noruega. Mas já não é festa entre os Turcos, Marroquinos ou Chineses onde os Cristãos não passam de pequeno punhado de fermento. Aqui em Portugal nem o Afonso Costa conseguiu fazer dia de trabalho o dia de Nascimento. E ele não era nada adepto daquele Cristo-Menino. Póliticas.

(Continua na página 4)

Mas se examinarem as festas nacionais nos países das Américas, lá hão-de ver: Argentina: 1/1, 6/1... 25 de Dezembro, Natal; Brasil, idem. E também no Canadá, Costa Rica, El Salvador, etc. E Cuba, dir-me-ão? O Almanaque que me informa diz: «para 1980 — 24 e 25 de Dezembro, dias de feriados oficiais». Mesmo na Cuba comunista, 25 é feriado. E até já o dia 24! Pasmem. Outra vez a política.

Mas agora quero anotar esta. Lá na minha aldeia, que é Galegos, havia as Novenas do Menino. Sabem o que isso é. Eram de madrugada, aí pelas 5 ou 6 da manhã. Ora eu suponho que devia ser raro o miúdo que faltasse nesses dias à novena e à Missa. Era neve e até descalços iam! Louvado seja Deus! Por devoção ao Menino? Não tanto. O que mais contavam eram 2 coisas, a saber: ser aquilo muito bonito e terem figos no fim da cerimónia. Claro que eu também ia. No fim, passava-se pela sacristia de baixo onde o Anselmo

(que otercia os figos) abria um saco deles e, ele só, ou ele com o genro, Paulino, distribuía às mãos cheias: toma tu, vá lá para ti! Suponho que morto o tio Anselmo, o entusiasmo esmoreceu. Porque o Anselmo era um humanista e um político: tinha descoberto que os miúdos não são apenas alma — também gostam de doces. Os da minha geração talvez se não recordem de nada do que o abade de então, já entradote, Gomes da Costa (da Ucha) lia ou falava em cada novena. O que não podem esquecer é a devoção ao Menino, via figos e outras doçarias que o Anselmo pagava. E não lhe haviam de ficar baratos aqueles 9 dias contados. Mas era assim, lá na minha aldeia. E nas outras? Bem sei que algumas até levam violinos, tudo para honrar O que vai nascer. Deste Menino o Centenário é como nas Repúblicas em Coimbra — é todos os anos. Coisa estranha: ninguém senão Cristo se pode gabar de tal.

Certo que os povos festejam o Deus-Menino. Às vezes, muitas







vezes, des-festejam esse Deus nas obras, até políticas, que praticam Deus grande! Caso para perguntar se teria razão um filósofo de 600 anos que ensinava: os pecados dos homens não são contra a vontade de Deus (não conseguem isso sequer), fazem-nos à revelia de Deus.

Festejam. Mas para o nosso tempo, será talvez importante atender mais ao período, à Infância, que ao Nascimento. Evidente: o Natal é uma voz forte contra o aborto. Com aborto, esse Menino não teria nascido.

• VM 25-XI-82.

Não posso garantir, mas parece-me que desde há uns 300 anos para cá, se começou, de facto, a olhar também para a Infância desse Menino. Um francês, por 1600 e tal, escreveu um livro dedicado à Santa Infância de Jesus. Talvez desde essa época é que começaram a aparecer nas nossas freguesias as Confrarias do Menino-Deus, como vi para Galegos, anos de 1750 (e acabou). Mas altarrzinho ao Menino, bem repolhudo, esse lá continua (e nunca me referiram o porquê? Tem mais de 200 anos).

Agora esta observação: Folheiem-me uma história da Medicina. Hão-de ver que só desde os anos 1870 é que os biólogos, sociólogos e políticos se começaram a interessar pelas Crianças. Claro que há muito se ensinavam, umas coisas sobre partos e grávidas e tal, nas universidades. Todo o movimento a favor dos pequeninos o fizeram médicos, e até criaram 2 especialidades: a Puericultura e a Pedagogia. Que médicos? Por sinal, não raro eram ateus como o nosso Miguel Bombarda — que mataram em 1910.

Daqui a contradição: os mais votados à infância não foram os amigos da Santa Infância ou do Natal, sim os que contestaram o próprio Cristo. Ou foi que Bombarda e outros, ao lutar pela Infância, eram, sem querer, movidos pelo Cristo que não conheciam? Os Evangelistas não mostram Cristo a discursar aos miúdos. Mas se o Natal de cada português não tiver por modelo o de Cristo, se a infância dos nossos não tiver como modelo também o de Cristo, teremos Bombardas, Anteros ou Cunhais, que não os homens devidos.

Bem sei que até o diabo se vê obrigado a trabalhar e a ver Deus a colher os frutos.

Contudo, também é meu parecer que os responsáveis devem ir pensando em dar mais conteúdo a cada Natal que passa...

## **Lumo, de dom material, se faz mau livro**

na 1ª pg. Sem Relato

por FRANCISCO DE ALMEIDA

Um francês de apelido Delumeau escreveu o livro que a Bertrand fez traduzir, com o título

C. Sax, 19/2/82  
**O Cristianismo Vai Morrer?**

O que o livro ensina não corresponde nada ao título, que é mera propaganda.

Mas a Bertrand, ou lá quem foi, diz nas capas: — que assistimos a indiscutível descristianização; — que o futuro da Igreja é sombrio; — que se pode adivinhar a data em que os seminários ficarão desertos; — que é patente a desagregação entre os cristãos, uns a querer a secularização e outros a lutar por um regresso ao passado, etc.

Curiosa questão, ao menos para alguns leitores: se o Cristianismo vai acabar pelos nossos lados quando se sabe que

só os Católicos (que não são todos os cristãos) são quase 1 bilhão!

O Autor até se desvia para ir buscar o estilo de Vida na URSS e dizer: assim como lá o sistema é socialista e nem todos alinham pelo marxismo, assim também na Europa de 1500 a 1900 o sistema era católico e os desvios eram enormes na população.

E o sr. Delumeau pensa que fez uma descoberta! Como se não tivesse sido Cristo a man-

que parecia uniformidade cristã era mais uma uniformidade pagã, verniz. 72 página

**As Homilias de um pároco** e o que revelam já de falta de efectiva vivência cristã no povo. Como foi possível os cristãos massacrarem-se, escravizar gente, o inglês matar a sangue-frio tanto irlandeses (pg. 23 a 30).

**A Tolerância (sua história)**. As manhas de Maquiavel. Como agiram os judeus em França (e este tema já interessou Herculano e ultimamente ao autor de Pio XII e a Alemanha Nazi); isso e a história do anti-semitismo (pg. 54).

**Direitos das gentes nas obras de autores católicos, apesar da guerra** (pg. 57). O problema do **Medo na cultura do Ocidente** (pág. 60): medo dos espectros, da Morte, de ...de... (ver Congresso a correr na Gulbenkian, exactamente sobre o tema Morte). Porque será que investigam isso? Omessa!

**A Ditadura religiosa e política do protestante Calvino, na Suíça, anos de 1500** (pg. 72). **Tratado acerca de Herejes**. As festas e a Revolta (pg. 86).

**O Barroco (estilo)** e o que ele significa (as nossas igrejas, muitas, são de estilo barroco). **Luta entre o cabaré e o pároco** (93).





# Na Festa do São

455 N.º 2 e 6

Acerca de uns Apontamentos, já —  
lhes mandei publicar alguns núme-  
ros, tais como o n.º 3 — *O nome*  
*João e n.º 16 — O S. João em Gale-*  
*gos em 1938*. Dou-lhes agora o n.º 1  
que é: *O São João noutras terras*.

Só trato de S. João Baptista, que  
é o de Galegos, como aliás o vene-  
rado por aí além. É que, como disse  
na minha Galegos, pg. 27: «foi o  
drama o que o povo fixou, não as  
Escrituras»; não o João que escre-  
veu Apocalipse, mas o João a quem  
Herodes cortou a cabeça.

Ele, Baptista, é Padroeiro (Ora-  
go) destas freguesias barcelenses  
(ver Ern. Magalhães, Barcelos, ano  
de 58, pg. 276): Barqueiros, Bastuço,  
Chavão, Gamil, Silveiros e Vilar. E  
talvez em Vila Boa. Portanto, mono-  
poliza 9% dos títulos de Oragos (os  
outros são S. Paio, etc.).

Anote que quase todas as fregue-  
sias joaninas ficam a sul do Cávado.  
Isso tem de significar alguma coi-  
sa. Porque as não há a norte do  
Cávado? Omessa!

Em 1937, ano em que o Dr. Teo-  
tónio escreveu no Barcelense os ar-  
tigos que vieram a dar a sua Bar-  
celos 10 anos depois, o nosso Santo  
tinha capela nas terras que seguem  
(e não sei se a conservam): Alheira,  
Galegos, Tregosa, Vilar e Barceli-  
nhos — são 5 (os de Vila Cova des-  
truíram a deles). 3/6/82 J. Barc.

Na Resenha, disse o Mancelos (p.  
89): «As ordens nomástico-militares  
tinham — digo só os nomes — Cha-  
vão, Banho, Campo, Chorente». Uma  
dessas ordens foram os freires do  
Hospital (Hospitalários) cujo Patro-  
no era São João Baptista.

Por 1220 e 1258 (textos das Inqui-  
sições), estes cavaleiros eram donos  
de terrenos entre os barcelenses (co-  
mo veremos no n.º 6).

Pergunto: foram então os Hospi-  
talários, como outros fizeram para  
Bento e Amaro — como já disse —  
quem divulgou pelos nossos lados a  
devoção ao Baptista? Se não foi,  
parece.

Aqui perto de nós, o S. João mais  
famoso é o de Braga, como sabem,  
e a seguir, o do Porto. Ou o S. João  
nas nossas terras é influência do de  
Braga? J. Barc. 3/6/82

8-22

O n.º 10 — E: Os Estatutos de 1781  
e a Autoridade Eclesiástica (Braga)

2461

Só em 1804, 23 anos depois do  
Alvará civil de Viana, foi Galegos  
pedir a Braga a aprovação dos Es-  
tatutos. Braga quis saber o que  
aquilo era e responderam os de  
Galegos: a) «a capela não é da  
Confraria mas sim do povo da fre-  
guesia»; b) «na memória dos nas-  
cidos se não lembra quando foi  
feita»; c) «só sim se lembram que  
há perto de sessenta anos foi nova-  
mente reedificada e acrescentada  
outra vez à custa do povo»; d) «tem  
seu património a juros»; e) «tem  
obrigação de mandar dizer onze  
missas rezadas e fazer uma cantad.,  
no dia da festa»; f) as ofertas, dimi-  
nutas, recebe-as a Confraria (de  
S. João). CV. 17.G.821

E foram a Braga porque para  
isso receberam «aviso».

O Procurador da Mitra era o  
Cónego Peixoto e foi a perguntas  
dele que deram as respostas.

Pela resposta de 1804 é que  
deduz que a capela virá, pelo me-





# Para a Festa de São João

Pelo DR. FRANCISCO DE ALMEIDA

*In A 103.º aniversário*  
Preparei uns Apontamentos acerca de A Capela e a Confraria de S. João Baptista, em Galegos. Mas não tenho tempo de os pôr a circular e porque me pareceu de interesse publicar aqui alguns extractos, eles aí vão.

## N.º 3 — O NOME «JOÃO»

Era raro haver judeu a chamar-se João, mas o nome já aparece num dos últimos livros do Velho Testamento que se reputa ter sido escrito cerca de 100 anos antes de Jesus Cristo. É o livro dos Macabeus. Entre nós, e é pena ser assim, este chama-se Francisco porque assim o impôs o padrinho, João porque soa bem, etc. Os judeus, mesmo em 1982, usam muito os nomes bíblicos, de judeus antigos, cujas biografias conhecem, mas nós, não: Saul, Samuel, Salomão, Ester, Tobias, Simão, etc. Cá também se usavam muito, ainda pelos anos 1700.

*V. 11.º 12/6/82*  
Investigações históricas e arqueológicas recentes provam que, em Roma, o Baptista tinha muitos adeptos já no ano 200 após Jesus Cristo, adeptos que já então lhe faziam festa anual. Mesmo assim, só o Papa n.º 53 se chamou João (estava-se no ano 523, uns 40 antes de cá viver o nosso S. Martinho, o de Dume). Não vi os Concílios de Toledo para determinar desde quando aparece pelas nossas bandas este nome João. Em Braga só aparece um bispo «João» no ano 1238, mas chamou-se João o do Porto em 585 (ainda antes de os Árabes terem vindo ocupar isto) e João também o de Dume em 589 e o de Beja (nesse tempo, Pax Júlia) no ano 681. *Em resumo:* é muito antigo o uso do nome João por estas nossas terras.

UMA CURIOSIDADE: Mas após a vinda dos Mouros (711), decaiu o uso dos nomes cristãos como este de João. E é assim que no famoso documento referente a Galegos (e outras) do ano 1081 (veja a minha Galegos), só aparecem nomes bárbaros, talvez visigodos, como Adolfo, Guiscalco e uns de mulher, Unisco, Ónega, Tota.

Mas 100 anos a seguir (1220 — Inquirições) já os nomes são cristãos (ver m/ Galegos, p. 11).

A QUESTÃO: desde quando então o Baptista é Padroeiro de freguesias barcelenses e desde quando passou a ter ermidas ou capelas por estes lados? O 1.º rei que tivemos, desde nome, foi D. João I por 1385.

Há muitos Joões canonizados: o de Deus, o de Brito, o francês Eudes, o Damasceno (sírio), etc. Mas o maior de todos, disse-o Jesus, foi o Baptista, que preferiu lhe cortassem o pescoço a deixar de dizer as verdades que Deus lhe mandara proclamar. Um Valente, que o povo sempre admirou mais que ao outro, grande Apóstolo, místico, intelectual e escritor — o Evangelista.

Outros temas que queria tratar:

*V. 11.º 12/6/82*  
4 — Vida e Obras do Baptista; 5 — Escritos, quadros e estátuas dele; 6 — Os Hospitalários (baptistas) em Barcelos; 7 — O nome «João» nos documentos de Galegos (Inquirições — em que 25 % são Joões, o Tombo de 1518 em que baixam para 22 % os Livros das Visitações de 1671, etc.). E ainda: se é verdade ou não que os de Galegos lhe levantaram a capela lá pelos anos 1400 ou ainda antes, por voto ou promessa e com «pedidas» também pelas outras freguesias. Mas isso não cabe na conversa de hoje.

Francisco de Almeida







# SOBRE O PROBLEMA DOS

Continuação da primeira página

*Bare 29/I/83*  
Ou os grãos vão exigir uns palmos aos judeus e uma fatia aos Sírios e uma cêdea ao Líbano para ali «prantar» os da O.L.P.? Ou os Palestínianos desfar-se-iam em diáspora, se fossem presos os homens da O.L.P.? Ou os da O.L.P. só existem e actuam porque este ou aquele os arma para ver aqueles diabitos as turras? E lá vêm os Americanos dizer que os Sírios voltaram a receber mísseis, vindos da URSS. Por causa da O.L.P.? Que terra pretende a URSS que os Palestínianos ocupam? Se Israel desaparecesse, era meio caminho andado para um exército russo sair, num dia, da Geórgia e estar, no outro, a tomar banho no Mar Vermelho ou mesmo no Oceano Índico. *Bare 29/I/83*

Há 300 anos, 2 Estados católicos turravam para que

*Bare 29/I/83*  
um não tivesse poder (território) demais: a França do Cardeal Richelieu e a Áustria (que então era Império). E turravam, apesar de ambos católicos, com doutores, sábios, de ambos os lados, a dizer que a guerra era justa, coisa em que os governos de agora já nem pensam.

*Conclusões: — 1ª) Não é tão cedo que os Palestínianos hão-de vir a ser Estado; — 2ª) por causa dos blocos, dentro em pouco, não há-de haver ilhota que se não torne em Estado (que fomos opor à independência dos madeirenses, se a quisessem? Pombal morreu há muito); 3ª) cada dia há mais condições para, conservando-se os Estados, eles se associarem num Super-Estado Mundial, que julgasse as questões entre eles e unificasse os humanos cada vez mais. Era bom, era-lhes útil. Qual dos actuais blocos vai ser, a*

## Palestina

*29-I-83*  
quantas casas já havia. E emigraram e deram que fazer ao general, César.

Ora este povo (nação) tinha um território e abandonou-o para ir conquistar outro. O mesmo fizeram os Suevos e outros que tais. Logo, a História demonstra que para uma Nação (povo) ser Estado, tem ela de começar por ganhar, ocupar, conquistar, certos quilómetros quadrados de rios, matas e campos onde durma, cave, casa, morra e seja enterrada. E os Palestínianos? Parece que procederam ao contrário e querem fazer a casa a começar pelo telhado: viviam (os antigos) em terras que venderam ou perderam a favor dos judeus; emigraram para territórios que já eram de outras gentes (Jordanos e, depois, Libaneses); não conseguiram conquistar a terra nem dos Jordanos nem dos Libaneses nem reconquistar nada aos de Israel.

E agora? O Egipto é vasto e amigo, mas não lhes dá

*Bare 29-I-83*  
Que é então uma Nação? Desde quando é humanamente honesto—e, logo, licito—um povo proclamar a sua independência? As Malvinas devem ser independentes para acabar com a luta entre a Argentina e a Inglaterra? Lá território já os Malvinianos teriam (mais que os Palestínianos) ...  
*(Continua na 4ª página)*

## PALESTINIANOS

força o comandante, o preponderante, nesse Super-Estado? Os pecados dos homens talvez venham a fazer com que Deus permita que a sede desse Super seja a gelada Moscóvia.

Também é certo que houve povos, por esses anos fora a ter de suportar castigos maiores. E se, por fim a Rússia se converter, então, terá valido a pena o sacrifício da colonização referida.

*(ver fls 34 in fine) —*





# COISAS DE LONGE E DE PERTO

(Continuação da pág. 1)

É curiosa a ideia que vi lançada há dias e é a de que este ano façam especial festa os nascidos em 33. Também por ser ano de Jubileu. Mas quando me lembro que por causa de Jubileus, ou a pretexto deles, Lutero se revoltou contra Pedro e deu origem aos protestantes... Junqueiro era um traste mas disse bem: o protestante retalhou a mortalha de Cristo (em África) em tangas de algodão. O cínica Inglaterra, Ó... clamava ele. E não será tão cedo que os povos cujos governos os fizeram falar contra Roma não-de voltar a obedecer a Pedro. Se os comunistas polacos pudessem, fariam o povo protestante só para estaçar e matar o que Varanda de Castro no Primeiro de Janeiro chamou de Bacilo (melhor, vírus) polaco.

E agora pensem nesta: porque é que, dos polacos, um é o supremo boca de Deus e os outros são a boca de Lucifer, o diabo? Como se compreende que Zita Seabra, se fala verdade, decidisse, logo aos 15 anos (tão novinha e para mais um Seabra!) aderir às hostes de Cunhal (Lenine)? Como se compreendem as listas de alunos do 1.º Ano de Teologia em Braga que um livro diz terem sido 58 em 1864, mas 28 em 1874, 50 em 1884, 103 em 1894, contra 39 em 1909, 7 em 1919, 29 em 1939? E houve picot de 1913 a 1919 foram 9,9, 13, 10, 7, 8, 7, respectivamente. Ora a população tem sido sempre a crescer. De modo que Braga já passou por — e superou — outras crises de vocações. Vila Seca teve várias e parece que desde há 30 anos estancaram também lá. Ao modo científico: quais as causas?

*Vila Seca, sustenta-se que as Confrarias do Subsino (ou Subsino?) fizeram de Tribunais de Freguesia. Nunca lhe vi em Galegos tais funções, mas não vi tudo. Hei-de ver isso e remeto ao Padre Hélios esta questão. Na Ugha foi como em Vila Seca? Outra questão: esperemos que os do P.S.D. e P.S. agora tenham juízo e castiguem quem mereça porque é Obra de Misericórdia corrigir os que erram.*

Francisco de Almeida

## HISTÓRIA DE BARCELOS

(Continuação da página 1)

O 1.º, o do Assento ou sede da freguesia, tinha 13 parcelas e logo o 1.º terreno era «cercado por parede e valo», «corre por uma parede até à devesa de» e «correm sempre por parede e valo».

A 5.ª parcela — a Seara — era «cerrada por cômaro e parede sobre si», quer dizer: de um lado o próprio terreno fazia valado e onde tal não havia, faz-se parede.

A 6.ª — chamada lodeiro — era toda fechada (não diz se pela natureza do terreno)

A 8.ª um terradilho, como a 9.ª, 12.ª e 13.ª, eram cerradas por parede. Temos então defesa arti-

cial (das pastagens e das culturas) para 6 de 13 parcelas, quase 50%

O 2.º casal do Tombo tinha 15 parcelas e tinham parede as com os n.ºs 6, 8, 9 (parte), 10, 11 e 15, o que dá 6 em 15 ou 40%. A média dos 50 e dos 40% é 45%.

Anote-se que a n.º 5 aparece divisada por estrada pública, a 9.ª por carreira (em parte) como a 13.ª e da berma das estradas ainda hoje no Alentejo se protege por canas, silvados, etc..

Conclusão: é de todas as épocas haver perigos contra os bens de cada um (mesmo do Estado). E já há 400 anos os que podiam defendiam com o material mais resistente.

Francisco de Almeida







953

P. Verso 8-26-27

In Canto

# Monografia de Vila Seca-Barcelos

Custou, mas chegou o tempo em que as pessoas começam a preocupar-se em saber as suas origens. Agora temos o prazer de anunciar a publicação da história de Vila Seca, uma das mais brilhantes, risonhas e progressivas terras barcelenses. São 300 páginas, da autoria do pároco dela, há 35 anos, Sr. Padre Areias da Costa.

Advirta-se que uma obra destas, neste ano de 1983, ilustrada como é, e só quanto à edição, não podia custar menos que 150 contos. Mas se o P. Areias da Costa teve de pagar a edição, então deu à freguesia anos e anos de trabalho a investigar e a escrever, a cor-

rigir e a anotar e a rever, o que bem vale mais que outros 150 contos. Toda a gente se pendura no Estado: para escrever 2 fichas, às vezes inúteis, para ir investigar — se é que investigam — para fazer o livro. É ver quanto bicho-careta consegue pendurar-se na Imprensa Nacional para publicar seus sonhos! cv. 71/783

Merecem parabéns os de Vila Seca. Merece-os sobretudo este historiador cauteloso, esforçado e dedicado que é Areias da Costa.

O Autor anuncia que a monografia é de História, tradições e costumes. Há ali de tudo isso e muito mais, em 23 capítulos e

densa bibliografia e documentação inédita. E termina assim, o que não dá o fito da obra: «incentivar os filhos de Vila Seca... a não desmerecerem o brio e bairrismo dos seus antepassados», lema que de todo, aprovo e, repito necessário e urgente, incutir na nossa desnacionalizada gente.

Daí, um voto: que outros lhe sigam o exemplo, ainda que apoiados, como Areias da Costa diz ter feito, nas bibliotecas de dois historiadores minhotos que são o Dr. Marques e o Dr. Franquelim Soares (p. 4).

Começa por discutir o nome da terra — porquê Vila e porquê

Seca? Já foi mais intensa (século passado) a febre de Toponímia. O padroeiro é o Apóstolo Tiago, cuja vida descreve, o que é raro ver-se feito e é de louvar que se faça. Mas Vila Seca está ao pé do Monte da Franqueira — que foi Castro — e pertenceu outro Castro (quando julgado), o de Vermoim. O Autor nada relaciona com o Castro da Franqueira e, admirei-me de que não cite A. Luís Vaz por causa do livro dele O Cabido de Braga.

Folheou muitos documentos para se situar — o de D. Martinho Pires, arcebispo — 1206, muitos do ano 1400, na Torre do Tombo em

Lisboa, para as relações com a que foi famosa Colegiada de Barcelos (que o 1.º Duque de Bragança quis igualar à de Guimarães), escrituras de bens que foram o casco (capital) das confrarias de Vila Seca, actuação do grande Arcebispo, D. Bartolomeu dos Mártires (e é de louvar a obra Bartolomeana que os Dominicanos têm publicado há anos — mas Areias da Costa não cita), os Calendários (mini-sínodos) do arcebispo D. Fernando Guerra em Vila Seca, etc.

Também não esqueceu o material do Arquivo Distrital de Braga — e ele há tanto material lá!

É verdade que precisamos de

outras monografias e uma delas é a da Colegiada de Barcelos.

Mas eu reparei que há mais de 100 anos que os Seminários têm uma Cadeira de História do Cristianismo. E não vi que professor algum desse ramo, em Braga, publicasse nada salvo o falado Padre Martins Capela que até é referenciado por A. Luís Vaz na pequena biografia sobre o falecido Prelado, D. António B. Martins Júnior. Por outro lado, é a 1.ª vez que vejo ser citado nas nossas histórias, o Direito Canónico do Cônego Gigante. Fá-lo Areias da Costa e fez bem.

É uma obra difícil esta, a de

Historia

Vila Seca

(Conclusão da 5.ª Pág.)

827

dos gerais, do centro, das teses, em vez de ir procurar ao Dr. Ave-lino Coste as migalhas que lá haja sobre a freguesia tal ou tal. Nessa procura, o Arquivo de Braga algo poderá ajudar. Mas não confiem muito, se funcionar como a Torre do Tombo em Lisboa.

Claro que não vivermos do passado nem no passado. Mas quem sou eu se não sei sequer quem foram os meus bisavós? Ora 90 por cento dos nossos contemporâneos desconhecem quem foi o bisavô deles. A continuar assim, degeneramos. Mas isso é péssimo. Aqui ficam algumas notas sobre a obra de Vila Seca. Oxalá seja útil ela e úteis estas notas.

Acácio Torres

Foto

HERNIA modo

DE







# Algumas Notícias da Ronda do Mundo

POR  
Dr. Francisco de Almeida

1.ª) Eu ainda queria poder saber como seria hoje o Brasil se, em vez de colonizado por Portugueses, o tivesse sido por Alemães ou Ingleses. Do Norte, americano, fizeram os Saxões esse colosso que agora acaba de mandar embaixador permanente para junto do Papa. Mas a América Central e a do Sul (Brasil incluído) continuam na cepa torta. Defeito dos Índios ou dos mestres que tiveram (os colonizadores)? Por exemplo: a revista Fátima Missionária de Janeiro deste ano relata que no extremo norte do Brasil foi criada — só há 4 anos, pasmem — a diocese

de Roraima. Que é isso? Terra farta, com uma área de 2 vezes e meia Portugal (ela tem 230.000 Km quadrados), habitada apenas por umas 100 mil pessoas (metade, Índios que nem o Português falam). Para essa terra toda, só isto: 23 padres, 6 irmãos e 18 freiras, todos da ordem da Consolata, incluindo o bispo (o que significa, quase todos de origem italiana). Concluo: tanto os Governos como o Episcopado brasileiro se deixaram atrasar no que toca ao Território (não é ainda Estado) da Roraima. Aqui não foi só como diz um bispo japonês: — os moinhos de Deus moem devagar; os governos também só cuidaram do Rio e de São Paulo, o que é grave. *Base, 28.1.84*

2.ª) Vi um livro sobre a filosofia Indiana. Pasma de como os nossos, Portugueses, que pelas Índias andaram, não foram ler os livros Santos dos Hindús e dos Budistas. Quem os estudou? Alemães (o maiores), ingleses e franceses. Ultimamente, os Americanos. Nós falamos de Salvador (Divino Salvador do Campo, por exemplo): que é exactamente o Menino do Natal. E também de História da Salvação (que os programas do Seminário dos séculos 18 e 19 chamavam História Sagrada). Ora é raríssimo alguém falar hoje da Salvação (sim das greves, das pontes, dos buracos das ruas e tal). Acho que é de pascar que os comentadores dos tais livros hindús e budistas se tenham colocado em todos os séculos este problema: que é que um homem há-de fazer — ou não fazer — para ganhar a Salvação de sua alma? Comparando com

(Continua na página 4)

IV  
Dizia-me hoje o barbeiro que uma filha dele preferiu ir ter o filho ao hospital das freiras em Oeiras que à grande maternidade do famoso republicano Alfredo Costa (Lisboa). Mas não é desta e doutras operações femininas que falo — só das semeadoras. Escreveu o ex-cardeal de Lourenço Marques (Maputo) que a psicologia da mulher preta é tal que nela só pode penetrar a Religiosa — o que vi confirmado, para 1940, pelos Missionários Monfortinos.

V  
*Vind. 3.1.88*

Das minhas colheitas de informações missionárias constam factos como segue. No Brasil, disse uma mãe «índia» para a freira que acabava de passar uns dias na povoação: — A Irmã, que já aprendeu o nosso jeito, fique connosco! Não pôde ser. Em bastantes dioceses cujo território ainda tem pagãos, à falta de homens, os bispos têm nomeado uma freira como pároco — ela dirige a comunidade cristã em tudo, menos quanto à Missa e à Confissão. Essas valentes mulheres se têm atrevido a ir semear (pregar), falar aos não cristãos) a povoações aonde nunca houve um padre disponível para lá ir.

Todavia não as vi muito faladas no Decreto Conciliar sobre as Missões (Ad Genes). E parece impossível não terem sido abordadas em algum dos 177 Relatórios que Roma recebeu de todo o Globo.

VI

Mas nem só a freira age: na Coreia do Sul (que cá dizem ditadura) e cuja evangelização começou em 1783 (está no 2.º Centenário) os católicos aumentaram em 72025 no ano de 80 (já tem 3.011 freiras coreanas). E agora vejamos: só uma cristã, velhinha, só ela, conseguiu, não sei como, converter ao catolicismo 90 dos 300 presos de uma cadeia!

Por outro lado, a cada passo surgem mulheres a fundar novas ordens religiosas e isto é novo. Assim é que vi há tempos que em 1923 surgiram em Santarém (Vejam, Santarém - 80 Kms. de Lisboa) as Servas da Senhora de Fátima (tem umas 270 irmãs). *veja*  
Nos Açores já em 1940 havia uma ordem religiosa (freiras) lá criada. *(na Madeira?)*

Francisco de Almeida





# Uma Estátua em cada Aldeia

Por FRANCISCO ALMEIDA

Os leitores conhecerão uma Revista que os Missionários do Espírito Santo publicam e que dá pelo nome de Encontro. Há dias informaram-me de que custa mantê-la porque é boa demais para o preço: uns 200\$00 por ano, mensal. Chegou agora o número de Fevereiro e foi ele que me sugeriu o tema deste apontamento: porque nas nossas freguesias não há monumentos a homens grandes nem aos pequenos.

Os assuntos deste número são, em resumo: sobre a ilha Reunião

## ALDEIAS CIVILIZADAS

Eu bem sei que temos freguesias, sobretudo no Alentejo, onde os caminhos já se chamam ruas. Uma estou a recordar que não tem mais que 600 habitantes (quase sem crianças) e onde há placas de metal a dizer: Largo da República, Rua Conde-lheiro José Estevão, etc. Estes nomes e estas placas são devi-

dos à febre republicana de 1970, como os leitores podem ter na História da Franco-Maçonaria em Portugal, obra de um jesuita renegado, Borges Grainha (da Covilhã) que a escreveu em 1913 — e que outro maçom, encoberto, o sr. António Carlos Carvalho, reeditou em 1976, em 3.000 exemplares.

(Continua na 2.ª página)

PAGINA 2

# Uma Estátua em cada Aldeia

Por FRANCISCO ALMEIDA

(Continuação da 1.ª página)

Ora lá na minha aldeia viveu e trabalhou um homem que merecia ser recordado, ao menos com uma placa. Foi o abade Joaquim, que faleceu de de

não é monumento, mas objecto de serviço, a uso. Há excepções. Uma ou outra já fez escrever algumas páginas da sua história. Uma ou outra tem faladura permanente no jornal da vila ou da cidade. Muitas são todavia as que que nunca falam no jornal, nada

3) É preciso não arder com a febre dos alentejanos que só homenagearam estranhos.

4) Carece a freguesia de crescer face à cede do conelho.

5) Já estão as freguesias a dormir há tempo demais; há que

e o Haiti (que o Papa agora visitou), a China, o Paraguai, Avintes (Porto, Portugal), Arábia, Guiné-Bissau, o Gana, Moçambique, Senegal e Coreia do Sul.

Lá se diz esta coisa que me impressionou: os avintenses decidiram levantar uma estátua em honra de um seu conterrâneo que eles acham grande e que faleceu há 3 anos: quotizaram-se, encomendaram o monumento, plantaram-no lá em Avintes e a cerimónia meteu muita gente e deu festa. Pensei eu: — até que enfim! Já não são só os cidadãos a ter monumentos em termos modernos! Aldeias, como esta Avintes, estão a acordar de longa noite de sono. Porque assim é que é.

que na uns 4 anos. E todavia, ainda se não conseguiu unir as vontades da população no sentido de lhe fazer estátua nem busto nem sequer placa! Somos muito ingratos.

Donde: ao reparar na obra dos de Avintes, ter eu de reconhecer que ou estes são mais generosos que os barcelenses da minha terra, ou têm mais «botões» (e talvez não), ou o homenageado deles era maior que o meu ou falta na minha aldeia o líder que galvanize e una os pareceres. Porque, lá, subiram a 100% (estátua) e na minha, não passam da cepa torta — nem placa, 0% (zero).

## OUTRAS COISAS NA ALDEIA

Cada uma tem sua igreja ou capela e seu cemitério — o que





# NA PA'SCOA DE 1984

(Continuação da 1.ª página)

Um vizinho meu veio a falecer do coração. A viúva reage dizendo que não se conforma! É indiferente, o mais que pode fazer é escrever-lhe a biografia: era de facto um homem bom, mas perdeu o sopro da vida antes do próprio pai que tem 82 e anda na ponta da unha. Quer dizer: ou aceitamos o que a Escritura ensina — Deus é quem deu a vida — ou fazemos como alguns médicos, filósofos, biólogos e assim — e a origem da vida é impossível de se saber. Mais fácil é aceitar que Deus criou a vida, mas não falta quem escolha o caminho mais difícil e continue às turras à procura de quem fez haver coisas com vida.

Um livro que comprei há anos na Feira do Livro de Lisboa é este: Um Homem q. é Deus. E no interior explica: a pessoa de Jesus. A 1.ª vista, o título é uma heresia, um erro enorme: um homem nunca é senão isso — homem, e portanto, não pode fazer surgir aí, sem mais, uma formiga que seja, só Deus é capaz disso. Podemos, então pôr o título do livro ao contrário — Um Deus q. é Homem — a pessoa de Jesus. Ora houve sujeitos muito atilados, a começar por um tal Ario, egípcio, que há 1600 anos se pôs a ensinar que Jesus é tão só um homem, não Deus. O problema leva-nos ao exame de qualquer sujeito: vive, fala, anda, pensa, ri, chora, nasce, morre — é isto a vida de um qualquer homem (ou mulher). Comparando com Cristo, vê-se que Ele vive, fala, anda, pensa, etc. Logo é homem.

Mas, mais que isso, Ele fez coisas destas: a mortos e bem mortos mandou que se pusessem de pé (um morto nunca está de pé) e eles saltaram logo pondo-se a prumo e a falar; aos ciclones mandou que sossegassem e as rajadas de vento desapareceram logo, etc. Disto, os judeus e judias, sensatos, que O viram e ouviram, tiraram esta Conclusão: impossível, não é só homem, é Deus que está nele. Por exemplo: o Pedro e a Madalena, que as nossas terras honram por santos. Concluíram bem e tanto que são hoje uns 2 biliões os que se convenceram que aquele Homem, Jesus, é homem

não cumprem, só são amigos dos amigos.

No livro, o autor põe o célebre Napoleão a falar de Jesus — e eu não sabia que este general de há 200 anos, tanto admirava Jesus. Porque escreveu: «Jesus Cristo pregado, amado, adorado, vivo em todo o universo... as gerações (povos) pertencem-lhe por laços... mais íntimos que os do sangue (parentesco)... Muitas vezes penso nele e esse amor é o que mais admiro». Ora Napoleão foi imperador da França, da Itália, da Alemanha e até de Portugal (recordar as Invasões francesas por 1810). Como nasceu nele tamanho amor por Cristo? Ter as pessoas a gostar dele, como viu que Cristo tem, é que Napoleão nunca conseguiu e foi isso que o fez pensar. C. S. M. 20/4/84

A mim me impressiona muito esta diferença: a Moisés falava Deus no meio de trovões, aterrava, isto há uns 3.500 anos. Depois mudou de tática porque se meteu naquele Homem, Jesus, e passou a falar de homem para homem, como se não fosse Deus. Deus escondeu-Se em Jesus e por isso alguns protestantes concluíram com esta imagem: o Deus de Moisés, morreu — Deus está morto: o Novo Testamento (novo tratado, Deus — Homens, nós) é uma revolução comparado com o Testamento Velho, como lhe chamavam os monges sábios que viveram em Alcobaça. O Deus em Jesus tirou a lei que mandava as infiéis mulheres serem mortas à pedrada e outras leis assim duras.

Infelizmente pouca gente há que alguma vez tenha lido uma Vida de Jesus.

Ora falei-lhes disto tudo por me parecer que tal falta deve ser corrigida: sem conhecer Jesus, como podemos sequer ser cristãos? Não pode.

mas também Senhor do Mundo, Deus.

Então por que castigo ou por quais razões é que outros não vergam o joelho perante esse Cristo? — Não sei.

Mas nas nossas vidas há muitos pontos que Cristo ensinou e nelas não entraram. Assim, ouvi na minha Galegos: — era um bom homem — amigo do seu amigo... Ora o livro refere que Cristo ensinou assim: — sereis amigos mas é dos vossos inimigos! Logo, na minha Galegos,







# Os Passos em Barcelos, nas freguesias, no Mundo

Na revista de Missões, chamada Além-Mar, Fevereiro de 85, uma leitora da vila de Felgueiras, que fica

## GUIAS DE LER E DE PERTO

Já aqui fiz anotar ser muito frequente na nossa região a devoção dos povos ao grande Bento de Núrsia (Itália) e ao Mauro ou Amaro. Pois bem: do 1.º, fundador dos beneditinos, parece não ter chegado cá notícia antes do ano 1053. Mas é a propósito do Amaro que direi duas palavras.

Observou-se já que as capelas por aí espalhadas em honra de Santo Amaro nunca estão longe de uma antiga casa (mosteiro) de beneditinos. Também já se disse que o estilo da prática religiosa minhota deve ser adaptado ao nosso tempo.

A propósito: quando será que as regras do Vaticano II serão adaptadas à vida portuguesa mediante concílios diocesanos, provinciais, ou outros? Na Alemanha já se fez um sínodo após o Vaticano II.

Ainda a propósito: porque será que no jornal — cujos leitores são quase sempre de espírito cristão — tão raríssimas vezes algum especia-

PELO

Dr. Francisco de Almeida

lista aborda os temas actuais do Cristianismo? Decerto pela mesma razão que não tivemos valores no Vaticano II: desculpa de não termos especialistas. Que temos então?

### O Vaticano II

Os Decretos há-os traduzidos, mas a colecção é cara para o género e expansão. Tem ao menos um bem aparelhado índice de ideias, como é uso nos livros científicos.

para lá de Braga e Guimarães, escreveu: — é a 1.ª vez que vos escrevo. Tenho 43 anos, a minha tem sido sempre triste e a vossa revista entristece-me ainda mais.

Pobre mulher! Mas a verdade é que há pessoas que, como diz meu pai, um lavrador, só dão chuva (tempo pesado, triste). São assim, vem-lhes de dentro, são doentes, as coitadas! Ora os Passos põem-nos ali à frente dos olhos a coisa mais triste do Mundo.

Talvez por isso é que a leitura, mesmo do nosso Barcelos-Aquém e Barcelos-Além, do Dr. Teotónio, nos faz saber que tantos Calvários das freguesias foram caindo em ruínas. Calvários são passos fixados, tais como o do escadório do

Bom Jesus de Braga, o da Franqueira, o de Cervães. Obras que custaram fortunas. Nem assim o de Braga, sequer esse, que é tão famoso, deixa de ter já sinais de ruína como vi ainda no verão passado.

Mas os Passos de Barcelos são quadros vivos, Calvário ao vivo: ali vai o Cristo, tão sofrido que O chamaram o Homem das Dores. Passos e Calvários são devoção e monumentos daquilo a que a Revista — e o Vaticano II — chamam Igrejas antigas, quer dizer, que vêm de há mais de 1.000 anos, como é o caso das gentes da nossa região. Pergunta-se: as igrejas, cristandades, das Descobertas (posteriores a 1500) como as do Brasil, Angola, Japão, Canadá, fazem Passos? Se sabem responder, digam-mo.

Ao que vejo na Revista de Fevereiro, os missionários não vão nada com os nossos usos. Criticam-nos por insuficientes. Por exemplo, as 1.ªs comunhões, as comunhões solenes, etc. Explicam que no Perú (igreja nova), por exemplo, na paróquia se fazem grupos para a leitura das Escrituras, etc., o que cá se não consegue. Pois bem: a leitura de agora é a Paixão (Passio) porque os Passos são um palco para mostrar o que foram os sofreres de Cristo.

## OS PROBLEMAS

As nossas gentes sabem levantar questões ao ver os Passos. Por exemplo: porque é que na Sexta-Feira dos Passos aconteceu ficar Cristo abandonado de todos? — Nem pai nem mãe, parentes, con-

(Segue na 2.ª página)

DIA 10 — D. Teresa de Jesus Alves de Almeida, Galegos Santa Maria, Mãe muito querida do nosso ilustre colaborador Ex.mo Sr. Juíz Dr. Francisco de Almeida.

DIA 12 — Manuel Magalhães Coutinho, Arcozelo; Manuel Matos da Costa, Alvelos; D. Maria Isabel da Silva Pimenta, Guimarães e Domingos da Silva Carvalho, S. Paio de Carvalhal.

DIA 13 — Jacinto da Costa Duarte Senra e Joaquim M. dos Penedos, Remelhe.

A todos os aniversariantes os nossos parabéns.





# AS MULHERES E O MÊS DE MAIO

POR Dr. Francisco de Almeida

Também na minha Galegos se fazia todos os anos o Mês de Maio: iam à devoção muitos miúdos e miúdas. Porque era uma festa de flores:—flores e rosas ao Coração de Maria! E vá de atirar as flores como se fazia aos noivos! Os grandes talvez entendessem as leituras, os miúdos entendiam as flores. E nunca o bom do abade se chocou com os disparates dos pequenos. Recordo o mês de Maio com saudades, o da minha Galegos!

E vai daí, pus-me a ver: sendo festa em honra de um mulher, deviam ser elas a programá-la, organá-la, tomar a festa em suas mãos. Deviam ser as mulheres a reunir tudo. Já se disse e escreveu sobre a Mãe de Deus—sector do saber a que chamam Mariologia. Decorem lá esse palavrão.

Segue em  
10/36

Perguntei-me então: como é isso da Mãe de Deus entre os que seguem Maomé—que é desde Marrocos até ao nosso Timor—800 milhões de pessoas e logo 400 milhões de mulheres? A resposta é: estes não dão louvores a uma Mãe de Deus. Também o não dão os Hindus, que veneram Brama—e são uns 500 milhões (Índia, etc.). Nem os Budistas. Ainda: não veneram a Mãe de Deus os Protestantes, desde os anos 1520—sejam da Alemanha, da Inglaterra, Suécia, América e Canadá.

Mas honram a Mãe de Deus:

a) os Católicos—e há-os em todos os povos da Terra—são 400 milhões de mulheres; 0 Barç. 25/5/85

b) quase todos os chamados Ortodoxos (Grécia, Egipto, Turquia, Síria, Rússia, etc.)—que são uns 100 milhões de mulheres.

Agora reparem nisto: já pensaram que a Mãe de Deus nunca falou a pastorinhos e assim, entre os Protestantes (que todavia são cristãos) nem entre os Ortodoxos? Porque será não sei dizer.

Um livro americano chama a Maria—A Nossa Mãe (Âncoras, ano 1950) e refere isto que gostareis de saber: por 1950, os comunistas pegavam nos párcos polacos e pregavam-nos nas paredes da Casa Paroquial (residência), assim em segredo! (página 14); fez-se procissão e um soldado deu um tiro na hóstia que lá seguia (era comunista, coitado!); os cristãos russos, presos em trabalhos forçados, por não se fazerem ateus, cantavam: A Sibéria foi

(Continua na quarta página)

## As Mulheres e o Mês de Maio

(Continuação da 1.ª página)

conquistada para Cristo! (pg. 16); um psiquiatra da Hungria queixava-se de não ter conseguido pôr o santo Cardenal Mindzenty—já esqueceram este valente?—a falar marxista! (pg. 79). Para quantos isto fizeram, é impossível haver Mãe de Deus. Nem de Deus nem Nossa. O erro é deles, mas só os séculos e Ela os podem mudar. Quando, Ela não disse, que talvez não saiba.

Ora bem: em Portugal, Ela é nossa Mãe. Daí que: 1.º os mestres ensinam o Rito Bracarense dá grande relevo à Mãe de Deus; 2.º que tenhamos tantas paróquias e basilicas a Ela dedicadas (Santa Maria de Barcelos, Senhora da Aparecida, etc.); 3.º que para Ela vá o sábado, o terço, o rosário, o mês de Maria, as flinhas de Maria, o jornal Cavaleiro da Imaculada, etc., sem esquecer quanto há sobre Fátima (um mundo de livros), sobre Lourdes (França), a Virgem del Pilar (Espanha), do Loreto (Itália).

(Continua no próximo número)





# O Governo, a Autoridade e Outros Temas

(Atrasada na Redacção)

I *J. Barc 3/9/87*

São hoje 9 de Julho. Mais uns dias e faço eu anos. É quase meia noite e mesmo assim, Lisboa é uma cidade muito quente, como o tem sido em todos estes dias de Julho de 1987. Tudo sua as estopinhas. Nos tribunais, os advogados abanam-se como se fossem damas a agitar os leques.

No Alentejo, então, vão umas quenturas de matar bicho. Parecem as torreiras do Marrocos. Que a vaga passe. Por este caminho, as águas das albufeiras (barragens),

que são já de 15 por cento a menos que em 86, vão ficar esgotadas. Até aqui, o ambiente.

Hoje reparei que os rapazes do Cunhal (C.D.U.) se agitam mais que o costume na tentativa de chamar votantes. O sinal é esse, agitam-se. Que, causas os façam correr tanto é que vos não sei dizer. Parece-me que as pessoas estão marcadas: cada uma aderiu ao seu clube devoto e já dali não arranca. Há os flutuantes, é certo, não seguros, que talvez ponham o Cavaco ao comando do barco nacional. Que desespero será então para o Eanes e o Constâncio! Porque o Cunhal disse sempre que queria o Cavaco fora, vocês lembram-se.

II

Há quem não vá votar. É um acto de boi, estúpido, e por isso imoral, anti-ético, um pecado. A escolha dos chefes por votos é bastante estúpida. Como pode A ou B, que nada lê, saber quais são os mais Dignos? Criticaram aí os bispos por falarem de eleições. O meu parecer é que os senhores bispos têm obrigação de insistir em que o povo tem de dar contas a Deus pela forma como vota. Pior se não votar. Porque votar é acto de gente. E como acto de gente é Imoral ou Moral, certo ou errado, recto ou tor-

(Segue na 4.ª página)

(Vem da 1.ª página)

to. É o que é imoral, errado, torto é contra a vontade de Deus. E logo, castigável. *Conclusão:* se os Bispos e padres não alertam para o recto, quem tem Deus que ao Povo alerte? Os leigos? Não é bem a missão deles. E não há querer falar quando os Mestres da Moral se calem.

*J. Barc 3/9/87*

III

A Autoridade, o Comando do País, pode ser organizado de mil maneiras. Por exemplo: o Governo podia ser escolhido entre 100 candidatos de que as Câmaras escolhessem 30. Se um morresse, chamava-se o mais votado a seguir. Mas já viram ir um ministro, que prevaricasse, para a cadeia? O pudor de acusar o pequeno! E sem castigo, os larápios habituam-se. Enxofre

neles, é o que precisam os maus agentes da Autoridade.

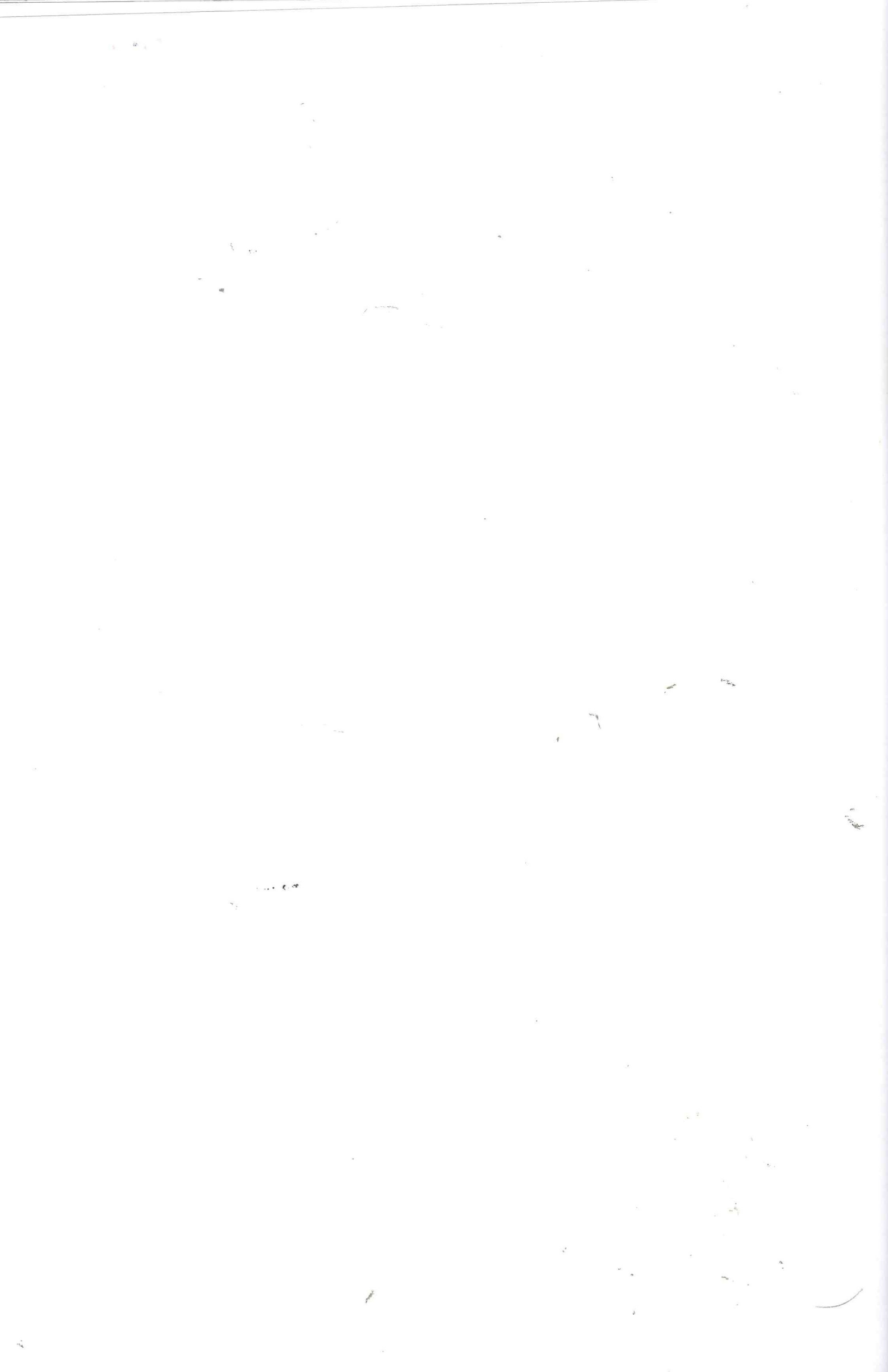
Anotem no que Cristo disse: — o poder, a autoridade de A mandar sobre B, vem de Deus. Logo: até na Rússia os que lá governam recebem de Deus o poder. Logo ainda: os ateus são maus cidadãos, não se submetem ao seu irmão (homem) presidente da Câmara, juiz, padre, etc. Donde vem isto? De sempre. Pior desde 1789, a Revolução francesa, que foi uma peste.

Seja como for, enquanto as ideias de população não se opuserem, a Democracia é o que se vê: o PS a arrastar para um lado e discorrendo de todos. Os outros, na mesma. O Governo óptimo só pode ser o menos mau. Dos maus, escolham-se então os menos «péssimos». E não batam nos coitados dos P.C. — eles morrerão por si.

(Continua no próximo n.º)

FRANCISCO DE ALMEIDA







# O Governo, a Autoridade e Outros Tem

(Continuação do número anterior)

## IV

Concretizando: *Not. Fam. 10/9/87*

a) Vi um desgraçado livro que me ofereceram e se chama qual-quer coisa como filosofia dos Ex-Libris. Escreveu-o o dr. Cruz Malpique. Doutra vez vos direi o que

(Vem da 1.ª página)

a falar contra o nuclear (quando a Rússia tem nuclear como nin-guém), etc.

2) Também há bolsas de traba-lho (com medo do desemprego). Não é só cá desemprego?

3) Também a propaganda pró Virgindade das raparigas! E esta é de um cinismo atroz.

Se para eles nem há lei de Deus nem 6.º ou 9.º Mandamento! Que se passa, meninas e senhoras cá do sítio?

4) Também há 6 liceais a res-ponder a 6 questões (sondagem).

Mas quase nada nos dizem da vida real dos mais de 250 milhões de soviéticos. E ensinam russo. O método é que é desastroso, senão eu aprendia-mos tintas do russo (eslavo).

## V

Louvo a coragem de Vale Miran-da no apontamento sobre Barquei-ros. Os Barqueiros, tanto incenso lhes dão os políticos, que até hão-de pensar que foram heróis. Por-que se não publica um livro com os documentos sobre o processo-Barqueiros? A venda é garantida.

Rua de D. Carlos de Mascarenhas, n.º 70-2.-Esg. — 1000 Lisboa

P. Herculano Lopes de Oliveira

dos melhores paladinos.  
«JORNAL DE BARCELOS» é um numerosa imprensa local, da qual mento de Barcelos e das suas gen-vertam em benefício e engrandeci-

*1.ª reac. 27.XI.84*

são os Ex-Libris, que nesta terra devem ser raros.

b) Fui a fronteira, que é ali per-to de Sousel, Portalegre, Avis, Es-tremoz. Comprei lá a Vida Soviét-ica do mês de Junho/87: 63 páginas — 70:00. Disse-me o logista que só vendia umas duas cada mês.

Tão pouco? Como se gaba então de tirar 46 mil exemplares por mês? Desiludiu-me, mas são curiosos es-tes russos:

Louvo também o articulista do n.º 6 do Tema-Leigos-em o Barcelen-se. Lamento que para ele, pensar custe tanto como andar à chuva. Observou bem as Mudanças do pen-sar nas freguesias. Tem veia de So-ciólogo. Que diga mais, que é útil.

A propósito: suprimam-me nos jornais o inútil, preço, porque me irrita. *Not. Fam. 10/9/87*

Do Constâncio: andam aí a dizer que melhor fora substituí-lo já, à frente do P.S. Seus democratas! Elegeram-no e vão agora derrubá-lo? De facto, não lhe acho jeito nenhum para arrastar gente: nem

1) muitos temas políticos:

— Se o Ocidente irá ter vontade política (um chavão, a cassete); que agora já elegem para os soviets locais! (que democratas eles são!); tudo louvores para uma E.P. (na-cionalizada) junto ao Mar Báltico, Cooperativa, Kolkoze; — o Gorbachiov a falar às mocidades de lá (a Komsomol); — 3 russos tristes

(Segue na 2.ª página)

a cara, nem a figura, nem a voz, nem o gesto, nem a Oratória.

A propósito: quando é que esses Oradores se resolvem a estudar umas tintas daquilo a que os velhos chamavam Oratória? Pois fiquem sabendo que na tese de Doutorado que aí corre — Literatura e Signi-ficação — se arroga o regresso ao estudo da antiga Retórica (que no povo, ficou retórica, palavreado, bo-nito)!

Resumo:

Leiam o que antecede à 1.ª porque o calor dificulta a ar... o processo de reflectir.

para que gestos desta natureza re-  
Formulo os mais ardentes votos  
da mais profunda consideração.  
os protestos da mais alta estima e  
gão, com os meus respeitosos e  
tão elevada e não merecida distin-  
a expressão da minha gratidão por  
Digne-se, Senhor Doutor, aceitar  
da sua direcção.  
trabalho logo que esteja de posse  
Tenciono escrever ao autor desse  
tura.

merário para a respectiva assina-  
e, consequentemente, enviar o nu-  
Venho agradecer essa gentileza  
Almeida.  
timado amigo, Sr. Dr. Francisco de  
do, um trabalho do meu muito es-  
vinha inserido, em artigo de fun-  
me um exemplar n.º 1765, no qual  
ta-feira, dia 8 do corrente, enviar-  
CELOS», editado na pretêrita quin-  
Dignou-se «JORNAL DE BAR-

de "Jornal de Barcelos"  
Cartas ao Director





# COISAS DE LONGE E DE PERTO

(Continuação da pág. 1)

mas 5% para quem é só Missa do Galo e só para outros 5% é Cristo Messias. O artigo é duro, caustico e cheio de sugestões. Por isso é que o Natal é problema histórico, filosófico, etnológico, etc. Enfim! Nem todos conseguem ver e saborear o Mel que o Natal contém.

## DO LIVRO «NÓS OS CABINDAS»

Um conterrâneo nosso, já falecido, de Galegos, Padre Domingos, viveu anos como missionário em Cabinda. Para quem não saiba: fica-nos para Sul, a uns 7.500 quilómetros, a norte de Angola, de que hoje faz parte, e já foi reino.

Pus-me a vê-lo por causa de uma Antropologia e dos Bantos. Estes diabos dos Cabindas só casam com mulher do sangue das suas mães. Porque será? Pagam um preço pela mulher, se puderem casam ainda que seja com 10 (e um texto sobre a Guiné-Bissau mostra-nos que os há com 1 mulher (48%) e com 2 e até com 10. Nos Cabindas a mulher é quem trabalha (já lá caíram as feministas?) e é-lhe ilícito manifestar opiniões ou ciúmes. Para eles (pág. 217), o missionário é Gamba Zambi ou Feiticeiro do Deus dos brancos.

O livro é do ano de 1940, escrito pelo príncipe negro D. José Franque e retocado por um Manuel de Resende. Quantos Cabindas ainda não têm Natal?! Mas de facto não o querem, isto é, a Doutrina desse Jesus Menino.

## POR CÁ DE MAL A PIOR

Escreve-me uma mulher já de idade: «esta, apesar de ter sido felicíssima com o marido, morto ele, daí a 6 meses já falava com... e no fim de um ano casou»; «e o que é pior nos velhos, que de 40, 50 e mais anos se embeicam por raparigas de 17 e 20... e deixam o lar...»; «o 25 de Abril abriu os diques de todas as maldades, loucuras, vícios... as telenovelas... têm contribuído duma forma assustadora para o descalabro...»; «agora, a maior parte já tem vergonha de se chamar padre e toca a formar-se para terem o dr.»; «mas no Rio, é tão grande a podridão que nem sei como o mar o não submerge».

Mas o Brasil tem ainda 31 etnias de Índios, em reservas, oficialmente (de nome) protegidos pelo FUNAI, muito sangue dos Cabindas e outros poligâmicos, etc., pelo que terão um crivo, ante Deus, mais ralo do que nós — que não temos essas desculpas.

Também não há Natal para os que servem Alá (Deus) pelos passos de Maomé, sejam eles da seita Fatimista, Chiitas, Sunitas ou de qualquer das centenas e centenas de Confrarias ou seitas «Marrocos, Turquia, etc.».

Impressiona como homens cultos como Fazlur Rahman se afdigam a defender o Alcorão, a lei islâmica, uma Dogmática que chama Dialéctica, as Escolas do Islão, a Filosofia subjacente ao Islamismo, etc. (ver O Islamis-







# COISAS DE LONGE E DE PERTO

Pelo DR. FRANCISCO DE ALMEIDA

8-36

## Quais são as freguesias mais antigas de Barcelos?

Li agora, e só agora porque um colega ali de perto de Braga me pediu, li, dizia, o Cávado do dia 8 de Janeiro. O Cávado é um jornal que sai em Braga e badala por esse País abaixo. Ora bem: o Cónego Vaz anda nele em disputa com o lente iubilado da Universidade de Coimbra, que é o Padre Professor Doutor Avelino de Jesus Costa.

Situemos os disputantes. Vaz: um homem muito sereno, mestre de arte literária, antigo director do Diário do Minho, que é dos diocesanos de Braga, natural de Melgaço, investigador das coisas referentes ao Cabido (cónegos) e ao Rito. Costa: natural, se não erro, de terras de Ponte da Barca, historiador de renome internacional, famoso pelo livro Dom Pedro.

Uma autoridade em História. VM 24.586.

Tese do Cónego Vaz: que as mais antigas igrejas em cada região minhota foram de 3 tipos, a saber: baptismais e culturais, as baptismais dedicadas ao Baptista e as de Culto, a Santa Maria e Divino Salvador.

Esta polémica ia, no dia 8 de Janeiro, no 16.º artigo do Sr. Cónego Vaz.

A coisa interessa aos leitores porque cada freguesia tem seus louros e pergaminhos. E como podem ver nas histórias de Barcelos (por exemplo, a Resenha), ou na de Galegos ou da Ucha ou de Rio Covo, o autor de cada um delas não conseguiu lavrar tão fundo que soubesse dizer como foi Barcelos ou Galegos nos anos 100, 500, 800, 1000, etc. A mim pelo faro, pareceu-me que alguma achega podia trazer o problema dos Oragos. Por exemplo: S. Paio de Carvalhal (quem é o estúpido que quer baptizar aquilo de Carvalhos?) é necessariamente uma freguesia criada para cá do ano 1000. Concluo então, com Vaz, contra Avelino Costa (mas não vi os artigos dele no Diário do Minho ou lá onde é), o seguinte:

1.º) Como não há documentos para os anos 100 a 900, cada freguesia tem de Induzir da Arqueologia, da Liturgia, da rede viária (estradas) e outras Ciências, o que decerto foi a história dela. Logo: se Avelino Costa se apoia só em documentos, como os não há, não pode falar.

(Continua na página 4)

Ele é nosso, barcelense que se preza e já foi Provincial.

O meu volume é já da 2.ª Edição do livro. O Padre Durães já apresenta um Aparato de livros que é uma biblioteca: Os do P.e Américo, o que dele disseram, outros sobre Teologia e Ciências afins (primas, ligadas). Os outros sobre o Padre Américo é que são poucos — quase já desde 1960. Mas um rapaz de Braga, do tempo do Dr. Costa Lopes, já falou do Santo Pai Américo em 1950 (há 38 anos!). Foi pena o Padre Durães só publicar a 1.ª edição da sua «tese» — de 71, em 1987. ADZ VM 24/9/88

E agora vejo que me fica por dizer quase tudo o que se devia dizer sobre este livro que é gente da vossa terra. Paciência! A Voz do Minho vai falar de outros assuntos, por exemplo: Da maravilhosa escola e progresso de Roriz e Alheira, até ao Facho, que vi agora. Mais uma vez, os meus louvores ao Padre Dr. Durães pela sua obra. E que escreva mais, que honra o Vale do Tamel, em Barcelos, e nos honra a nós todos.

Francisco de Almeida

## COISAS DE LONGE E DE PERTO

(Continuação da página 1)

ram o Padre Américo? Cá não é profeta.

Uma dificuldade «e grave» é esta: VM 24.7.88

A obra da Rua (gaiatos) só conta com 7 dirigentes, 7 sacerdotes.

E a obra das Meninas da Rua onde está ela? Fui ver o Dr. Teotónio no Barcelos-Aquém. Também a cidade, em 1928, deu uma mulher, uma Santa, cuja vida foi dedicada aos pobres pequenos.

Onde pára o reconhecimento disso? Ouvi dela uma conferência. Outra foram as Rodas. Padre Américo e outros mataram muita fome nos tempos do 28 de Maio (1926) até agora. V copy

3.º Ponto: tendo os Espiritanos uma Editora, vejo contudo que o livro do nosso conterrâneo o editoram os Salesianos (do Educador de 1860 — S. João Bosco) e isso é estranho. O Padre Durães deve

levar o seu caso ao Doutoramento, e folgo de o ver professor no Seminário do Arcebispo (em Braga). E tempo de deitar fora os exclusivos. Há dias vi que até umas freirinhas criaram uma Faculdade de Ciências da Educação como a Pontífice que o Padre Durães cursou. Se calhar, a Opus Dei cria qualquer dia a dela. Não esbargem dinheiro. Mas tais Faculdades são premissas. Não seria mau chamar o Padre Durães ao Falar Barcelos.







# TRES TEMAS: A Revista do Minho, Os Amigos Limianos, O Papa na América Latina

Card. Sar. 70/4/87

Francisco de Almeida

1—São hoje 31 de Março. Também em Lisboa, de onde esta vos escrevo, o calendário marca que estamos na Primavera. Mas tem estado uns dias frios, de manhã e à noite.

Ora ontem reuniu-se a direcção da Associação Limiana em Lisboa e fui ver. Só vos digo que admiro o fogo destes rapazes cuja distração é trabalhar pelo bem dos conterrâneos: lavrar actas, fazer fichas dos associados, inventar ex-libris, emblemas e o mais que é necessário a uma sociedade (ou associação) bem organizada. E tudo, tantas horas de labor, tantos gastos, tudo grátis, só pelo amor que se tem à terra onde nascemos! Mais ainda: mostraram-me uma Revista de que eu ouvira falar, mas que não conhecia, a Revista do Minho, ao preço, se não erro, de 120\$00. Bela revista. Perguntei se ela era devida a uma associação das Câmaras minhotas. Parece que não. Ao menos será de esperar que cada município faça assinatura de uns 50 exemplares para ter com que ilustrar os visitantes do concelho: a revista do Minho é, ou devia ser, a de quase 1 milhão de habitantes. Tem de ser mais geral que a Bracara Augusta, a Caminiãna, etc., mas referir as concelhias, que também as há.

Ora a Associação dos Limianos ou alguns dos seus directores, já possuem a Revista do Minho — e é isto que quero aqui destacar. Há-de vir a ser uma grande Associação, esta dos Limianos em Lisboa. Parabéns.

2—No «Cardeal Saraiva» de 27/3 sugeria-se que a Imprensa Regional fizesse associação. Não creio que possa vir a ser, a pensar nos jornais de Barcelos: são quatro, mas tão distintos, independentes e autónomos que só à força se poderiam juntar para dizer cada um a sua, no mesmo jornal da semana. O veículo podia ser único com 4 partes, a saber: a parte do Barcelense, a da Voz do Minho, etc. Não conseguem nem admira: o governo fundiu há anos o Diário de Notícias com a Capital (2 jornais) numa só empresa, mas nem por isso, os 2 jornais passaram a ser um só, com o título de ambos. Cada um trilha seus caminhos, canta com sua folha, no seu

ma (como nós temos). E um seminario que forma para Missões Estrangeiras (como Paris o tem). Vivem nela 66% dos católicos que há no Mundo. Os padres que lá trabalham são 118.680, (1 por 5.386 habitantes). Usam lá a Teologia da Libertação com as C. E. S. (comunidades eclesiais da base) o que os bispos de África torcem um tanto o nariz. Dizem que no ano 2000, metade dos teólogos da Terra hão-de ser latino-americanos (e talvez os factos venham a confirmar essas prospectivas). Uma dificuldade é que os latino-americanos falam lá em casa, nada menos que 537 línguas (nem todo o brasileiro fala Português). A zona foi muito agitada por Che Guevara e pelo padre, sociólogo e revolucionário, Camilo Torres, ambos desaparecidos. 50% são ainda analfabetos, as paróquias são, lá, do tamanho do concelho, cá; maus caminhos, pequena indústria, mas tudo fermenta, cresce. No ano 2000, são 500 anos que a Europa lá aportou, só 500. Há mais feito do que o há na África, a gente de lá é outra. O Castrismo goza lá de muito prestígio, embora um Valadares publicasse agora em Portugal um livro, a por Fidel de rastos. Também lá a cidade saduz e cresce o êxodo rural. As índias da raça caiapa, quando vão ter um filho, convidam as vizinhas todas a assistir. A tuberculose tem aumentado (em Portugal, também; e temos lepra e a lepra nova da Sida, essa coisa, lepra, moderna). Em quase todos os países têm sido mortos os novos padres (não os querem, alguns, a lidar os pobres, etc.). Acusam a Europa de lhes chupar o tutano e pior a América do Norte. Pesodela: sínodo de Roma, em 1985: cabiam 165 bispos. Desses legados couberam, 29 à América Latina, 38 à África, 32 à Ásia, 4 à Oceania. Puseram-na abaixo da África, não deve ter gostado, mas como diz um romance inglês: aquelas rapazes de Roma são espertas como alhos (o tradutor pôs: finos como agulhas!).

Aí ficam os meus leitores com alguns dados para melhor se aperceberem de como é o povo que o Papa visita (Chile e outras nações de lá).

poleiro.

Talvez que ainda bem. Uma associação que editasse, nas nossas terras, vários jornais, não seria anti-pluralismo, um quase monopólio? Factos são factos e gosto mais dos factos, embora veja, de novo, com gosto aliás, Garibaldi queixar-se de que a malta «já» foi suficientemente avisada. Se ela continua... ignorante, é porque quer.

O problema é esse: é lei da vida, ou factos — que nem todos acreditam nas mesmas deduções, a partir dos mesmos factos. Bem? Mal? Ai os marfots ou figurões!

3—As Américas têm agora o Papa no solo delas; nesta data, o Chile, aquele do Pinochet. Teve Allende e depois Pinochet e depois... quem outro chefe e hão-de tê-lo. Acho que o Papa deva ir visitar os povos — em ditadura como no Chile ou na URSS — ou em democracia. Mas há 20 anos, houve muitos a pedir que Paulo VI não visse a Portugal, como veio, porque vir podia segurar ainda mais o Salazar no poder. O mesmo pediram agora alguns do Chile. A maioria dos Chilenos querem o Papa lá porque entendem que isso pode desajudar o Pinochet. Quer dizer: erram ao servirem-se do Papa para fins políticos.

O Papa sabe distinguir. Se ele fosse a Moscovo, isso não significava aprovação do regime soviético. Mas os factos, postos que sejam no tablado da História, não podem deixar de ser entendidos e depois, li-dos: cada cabeça, sua conclusão.

O que desejo e acho que devemos desejar é que a visita traga efectivos bens aos Chilenos, aquele povo, ribeirinho como nós, que olha o mar para Ocidente, de costas voltadas ao Brasileiro.

Mas que é a América Latina? nela, o Chile? Eis alguns dados, no que se relaciona com a visita papal. Têm seus colégios teológicos em Ro-







# COISAS DE LONGE E DE PERTO

(Continuação da página 1)

8038

tecnico, um curso previo de Medicina. No andar do meu oftalmologista trabalham também outros oftalmologistas, um até professor de Medicina. Nos honorários deles não me meto porque dependem os ganhos da maior ou menor clientela que tenham. De um sei eu — ele mo disse em 1976 — que tinha ganho em 75, 600 contos e o Estado lhe levou de imposto, 300. Resultado: passou a trabalhar só até aos 300 contos por ano. Oia bem, senhores doutores: é imoral não pagar os impostos. Se bem que eu tenha de reconhecer que há impostos tão altos que são eles também, imorais. Neste aspecto saiba o leitor que os Americanos fiam mais fino: aquele de quem se prove que renegou impostos tem a carreira política arruinada. Olha se a moda pega neste Portugal! Uma coisa me parece certa em Barcelos: que todo o proprietário, com os novos métodos das Finanças, vai ter de pagar um tanto mais de predial do que vinha pagando.

E por falar no predial: não entendo como irá ser a Agricultura daqui a 10 ou 20 anos. Claro que as pessoas se adaptam, hoje um, amanhã outro. Não sereia tempo de: — 1.º) Acabar com a burocracia máxima da escritura na compra e venda do campo? — 2.º) de os lavradores fazerem sua quinta (emparcelamento), em vez de um ter 10 ou mais leiras dispersas pela freguesia; 3.º) de se começar, onde for viável, a fazer na freguesia, prédios de diversos andares para poupar terreno cujo metro é já tão caro? — 4.º) de se unirem os produtores de vinho em uma adega única (ou meia dúzia), de juntarem o milho em celeiro geral, de fazerem grupos para comprar tractores e outras maquinarias?

*v. n.º 24-10-87*  
Estive a ler uma Revista que vem de Braga e me emprestaram. É o Mensageiro. Li Janeiro e Agosto. Tem este esquema: 2 directores, 7 redactores e talvez uns 20 colaboradores extra. Já a vi em Galegos e deve ter para cima de 40 mil assinantes. Curioso que o livro da Maçonaria (1913, Dr. Borges Grainha, apóstata) já dizia mal que se fartava do Mensageiro. Vi nela algumas notícias que vos poderão interessar — para se não citar apenas o Comércio do Porto — e se são estas: — a) Janeiro/87: Sinais dos Tempos (coisa de que toda a gente fala). Diz que serão estes: Socialização, Secularização, promoção da mulher, civilização do trabalho, sexualidade humana, atenção às minorias, diálogo entre todas as culturas, diálogo com todos os bem intencionados, oposição à ditadura e às injustiças, direitos humanos, Evangelho pregado com fidelidade, adorar a Deus em espírito e verdade (pag. 22).

Cada palavra destas precisava de ser desdobrada mas o leitor entende. Ela diz-se para leitores de Cultura Média — eu e vi que os barcelenses, até em Alheira, assinam a revista Selecções (a americana), por sinal 10 vezes mais cara que o Mensageiro. As Selecções têm milhares de leitores (talvez 200 mil em Portugal). Mas o Mensageiro só interessa a pessoas especiais — as devotadas a pedir a Deus pelo bem da Humanidade.

O Mensageiro de Maio/87 diz, do Cambodja: que desde 76 não há lá uma igreja, 1 bispo, 1 padre, 1 freira; porque foi tudo morto! S.n. o Deus! E diz do Laos: que ainda tem um ou outro bispo, mas todos os bens da Igreja foram Nacionalizados. Sabem vocês o que isso é. Contra estes marcos, nem os milhões de orantes que o Mensageiro refere, conseguem que Deus secasse as mãos a tais malfcoitores anti-Cristãos. Mais: no Cambodja é já a 4.ª ou 5.ª vez que o vendaval da perseguição arrasta tudo, desde os anos 1500, quando os Portugueses andavam por Malaca e Singapura.

Ora bem: mas um jornal de Lisboa, de 28/9/87 noticiava que a nossa empresa Somec levantou na Malásia um prédio de 28 andares (ganhou o concurso, já se vê). Pergunto: e como levou a Somec a maquinaria para tão longe, perto de Macau, Malaca e Cambodja ou Camupchea? E os de lá gostaram, querem mais. Não é de ficarmos alogres de ver as nossas tecnologias brilhar tão longe de Barcelos? Este bichinho do amor à Pátria que a gente tem! O amor os aperseguidíssimos católicos do Laos e do Cambodja. Nesta coisa admiro os judeus e é que se baterem num judeu do Cambodja, todos os judeus do Mundo refilam. Mas qual foi o católico português que ripostou pelas dores infligidas aos irmãos do Cambodja? E agora que as mulheres querem tomar de assalto os lugares de padre e de bispo, pior,

já que se distraíram não por elas dito, machismo religioso.

Têm uma saída: fazem-se protestantes porque lá parece que vão dar às mulheres o ser padres e o ser bispo. Só que está provado que as ordenações dos Anglicanos não são válidas! Azar!

Francisco de Almeida





# COISAS DE LONGE E DE PERTO

Pelo DR. FRANCISCO DE ALMEIDA

7.56

TSU.  
-9V9.  
9110 Não é meu costume andar a par de aniversários e por isso é de interesse que cada jornal faça seu alerta. Atenção, faço hoje tantos anos! Ficamos assim a saber, pela boca do Sr. Dr. Falcão Machado, que «A VOZ DO MINHO» tem 21 anos de idade.

Nem vou divagar sobre o que são os 21 anos da gente. Mas relato-vos esta: Certo dia, os alunos de um curso, já com 21 anos, estavam reunidos no intervalo de uma aula, quando ao que era talvez o melhor do curso, um de menor cravetia perguntou: — Ouve lá, estás disposto a voltar ao tempo em que tinhas só 10 anos? Respondeu: — sim, mas só na condição de não esquecer nada daquilo que já sei! Significa isto que o saber, mesmo para os melhores alunos, é coisa difícil de obter, custa.

Ora nestes 21 anos de «A VOZ DO MINHO», os que a conhecem desde o berço, sabem em ideia geral, o muito que ela noticiou, ralhou, fez engolir, travou, ensinou, etc. Bom era que o Dr. F. Machado, que vejo ter arquivo de tudo — e tanto que há tempos transcreveu texto, que disse ser meu, e de 1967, vejam!, bom era, dizia, que nos desse uma monografia de «A VOZ DO MINHO» durante estes 21 anos. A bem da cultura barcelense.

E se é verdade, como escreveu, que «De Longe e de Perto aqui se prega o Evangelho da Realidade», (não o valor de Monografia será de alto nível.

r.m. 24/10/87 (24.10.87

De facto, recebi agora um cartão de leitor que pessoalmente não conheço, a tecer elogios pelo De Longe e de Perto, que aqui lavrei aos 19 de Setembro, aquele em que falei da Ponte e dos bolchevistas e maoistas, de Meca e dos 100 mil anos que o Papado há-de durar. Por esta via, agradeço ao ilustre autor do cartão as palavras dele e o trabalho de o escrever e a despojar em mo remeter para esta cidade Santa e diabólica que Lisboa é. E aos d: «A VOZ DO MINHO», maxime ao Director, a quem devo resposta a carta sua acerca daquela coisa de Barqueiros, coisa que o Dr. Vale Miranda abordou no último Jornal de Barcelos, aos de «A VOZ DO MINHO», sobretudo pela trabalho que lhes deu fazendo-os ler os meus manuscritos — sempre manuscritos — os meus sinceros parabéns pelo Aniversário. E que Deus os abençoe a todos. Porque fizeram do Jornal uma Instituição em Barcelos. Até aqui, sobre o aniversário, com alguns rodeios.

Há dias passei no oftalmologista, esse médico especial que cuida dos olhos da gente. Agora repaio: desde o ano 1500 que nós tivemos sujeitos a dedicar-se principalmente aos problemas dos olhos. Mas não vejo razão suficiente para se exigir ao oftalmologista, que é um

(Continua na página 4)





# 8-40

## encontro de Coros Paroquiais em Lijó — Barcelos

(Vem da 1.ª página)

Programa: Gevaert, Lopes Morago e D. Pedro de Cristo (cuja polifonia não é para quem quer e resultou no mais puro estilo), *Il Ritorno*, de Baaber (em italiano, e grupo de solistas muito agradável a dialogar com o *tutti*), *En Belen*

*toen a fuego*, de Cervera (com efeitos instrumentais muito bem conseguidos), M. Faria e Spilman — tudo à altura.

A maior surpresa do Encontro foi o Coro do Grupo Social de Arte e Cultura de Carapeços, regido por Manuel Fonseca. Imponente coro este de bons 80 elementos, trabalhados pela mão firme e decidida de um nosso antigo aluno.

Falamos assim porque o Manuel Fonseca, no tempo em que esteve no Seminário, estudou música a sério, entrando mesmo pelos domínios da composição, e não se esqueceu disso no meio das idas e vindas, com que os baldões da sorte o mimosearam lá por terras de Luanda, onde houve de ser professor disto e daquilo, acabando por organizar, no melhor da festa, o Orfeão da Universidade, de onde foi corrido improvisamente pela «exemplar descolonização». Que regalo, vê-lo aqui agora, entregue a uma actividade em que realiza a sua inata vocação musical, a par da sua recôndita aspiração das alturas! O coro é profano, mas não desdenha a música religiosa, e não o vemos arredado da colaboração litúrgica na paróquia de Carapeços. As suas vozes seguem uma técnica mais aberta, mas conseguem pianíssimos admiráveis. Aqui sobressaem, pela qualidade, os naipes femininos. O programa vem gizado em muito bom nível estético. *Moi-ra* de Silveira Pais e *Dança Minhota* de Manuel Faria conquistaram imediatamente as favores do público, uma por certo romantismo, outra pela graciosidade popularesca.

A *Rosamunda* de Schubert naquela ritmo íntimo schubertiano que só um artista pode sentir e transmitir.

Em contrapartida, o *Regina Coeli* de D. Pedro de Cristo requiere, em nossa opinião, um andamento mais vivo.

O *Aleluia* de Häendel muitíssimo bem, (com o acréscimo de dificuldade inerente à falta de acompanhamento) foi prejudicado pelo texto português adaptado. Ótimo o *Espiritual Negro* de Ella Jenkins.

Outro tanto se diga do Coro de Mendelssohn e da marcha de Gounod (Charles e não François), sendo cantado com muita graça o pitoresco *Old Mac Donald Had a Farm* de Mitchell (em inglês!).

Por fim foi oferecida ao autor destas letras a execução das suas *Mondadeiras*, escritas ainda nos «bons tempos», em que se não olhava a dificuldades e se sonhava a velas pandas. Homenagem muito grata de um discípulo de eleição e «prova de doutoramento» do coro de Carapeços.

O Encontro terminou em glória com o *Gaudeamus igitur* cantado em português pelo conjunto de todos os cantores, perante a multidão que enchia o recinto da cripta





## III

Anotei o que em 1978 me parecia mais útil. Os leitores repararam o que significam esses nomes todos, gente que viveu na época das nossas freirinhas beneditinas? Significa isto:

a) Em Galegos, de toda essa gente, não se conhece nem rasto, salvo os que, em 76 eu levantei do pó na m/ Galegos.

b) Quem me sabe dizer 2 linhas sobre a Dona Ana, de fls. 2, que vivia nas freiras de Barcelos? Pelo que diz o Sr. Padre Avelino podia não ser religiosa (professa, freira). Eu pensava que foi freira.

c) O livro foi da Confraria da Senhora e mostra-nos o que não percebo e é isto: que, já naquele tempo, gente de Roriz, etc., etc., era imigrada em Galegos? Esta era assim tão industrial? Tinha o Souto de Oleiros (e nele quase não os há hoje ou são-no de outra loiça). Ou a Confraria era tão poderosa que até gente de fora viesse filiar-se nela? Omessa!

d) Repararam quantos servidores tinha o pároco de 1700? E vejo-os hoje quase sem dinheiro para ter quem lhes frite umas batatas. Ora eu não tolero cozinhar. Só à força, embora saiba que há dias um pároco foi admitido no Clube das Domésticas por ele ter provado que na casa dele, a doméstica dele próprio é ele. E as mulheres são atenciosas com as domésticas — machos.

e) Reparem na Filosofia — Supriana (por Cipriana; este Santo, dos anos 250 ainda vive nos nomes de hoje!); Brízida (por Brígida, que suponho ter sido rainha dos Suecos pelos anos 1000 e tal, não fui ver).

f) Vejam como estes nomes amplificam quanto escrevi no folheto sobre Galegos. Sem livros destes não se faz História da freguesia, copia-se apenas o que outros já disseram. Vão-me aos Arquivos, senhores, falem-nos do que eles contém.

## IV

E agora vejam-me esta — há muitos anos andava eu e outros às voltas com um livro que se chamava Ontologia (é uma coisa que não dá fogo de vistas). Também se chama Metafísica, como quem diz — do lado de lá das Ciências Naturais, coisas acima do alcance das mãos, dos olhos, das orelhas. Doutro modo: Coisas abstractas como esta: Que é o ser? Se eu digo que tu és chato, não digo já que tu és ou existes? A brancura é um ser? Se o é, como é que o branco não existe senão na cal, nas caras (não somos negros), etc.?

Ora outro valente problema que o mestre Ontologista nos mostrava era aquilo a que chamais causas. Coisa difícil. Um dia António, que era chefe de estação dos comboios, viu que um ia chocar com outro. Afinal não chocou. Mas o António assustou-se tanto que subiu ao 1.º andar de sua casa, agarrou no cinto e enforcou-se.

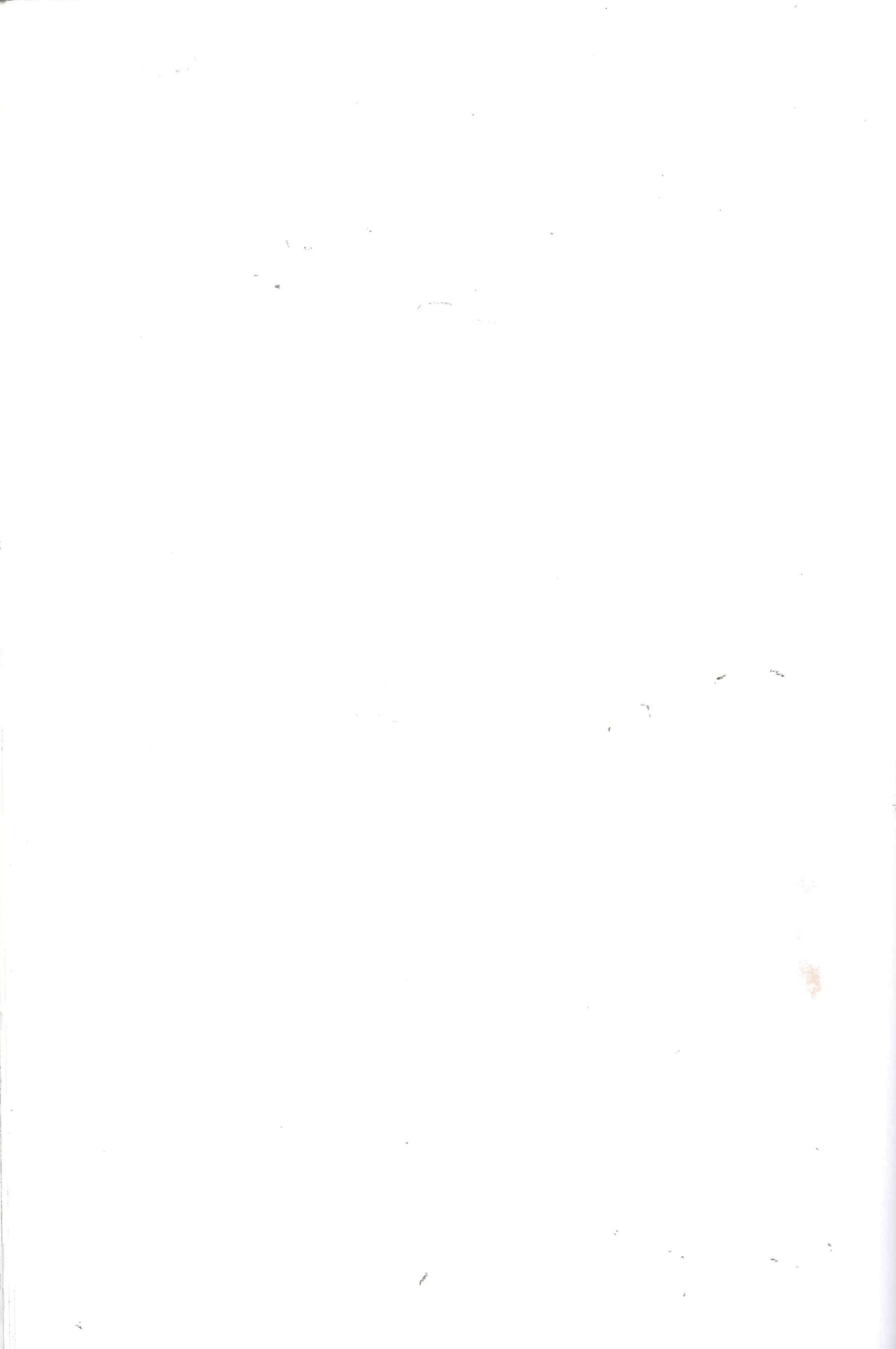
Queria a viúva — a C.P. deve pagar-me pensão porque aquilo foi acidente de trabalho. E os da C.P. — que não senhor, mas lá demonstrar que não — não lhes chegava a língua. Faz falta a Metafísica. E vi agora que na Feira do Livro em Lisboa, dos mais vendidos, são os livros de Filosofia!!! Olá, pensei eu. Que se passa? Viraram filósofos?

## V

Mas o que eu queria falar é isto: A Ontologia falava da *Causa Exemplar*. E eu agora reparo: afinal, a História, os Arquivos, este artigo não estão a ser Causa Exemplar e logo, Metafísica? E os que dão maus exemplos ou desencaminham jovens? E os medrosos da sida?

Francisco de Almeida





8-42

Em Abril da tra-  
(seja, nas nossas  
1364), dá em Belas um Lu-  
renço Martins (do Avelal) a  
mostrar o tal diploma e a re-  
querer que D. Pedro Iho con-  
firmasse porquanto era casa-  
do com uma neta do Estevão,  
chamada **Sancha Dias** — úni-  
ca herdeira do Estevão.

Visto o pergaminho e mui-  
to «compridamente» exami-  
nado, o rei — também por-  
que o Requerente era cava-  
leiro da casa do infante D.  
Fernando — o sem palavra—  
vá lá: confirmou a doação por  
novo diploma.

**Nota :** as referidas «Fon-  
tes» trazem uma lista de pes-  
soas que tiveram ligações  
com Torres. Lá se fala tam-  
bém de Fanga da Fé (quinta),  
Ribaldeira (q.), Vila Pouca  
(q.), Randide (Coutada), igre-  
ja de Santiago, Porto Real,  
Feliteira (casal), Fonte Grada  
(pinhal), Torre da Rainha  
(q.), Varatojo (terras), Vale  
de Pereiro, Igreja de Dois  
Portos, etc.

Francisco de Almeida

17 de Setembro de 1500

Muita terra por aí além, era  
da Fazenda Nacional, Estado  
ou Coroa, por conquista e ou-  
tros fundamentos

Esta herdade do Lepa até  
pertenceu ao 1.º duque de  
Bragança porque D. Duarte  
Iha deu (Ver Fontes, 60-62).  
Nunca houve Estado algum  
que não precisasse de di-  
nheiro para as despesas. Em  
tempos, o dinheiro vinha,  
também, desses bens da Co-  
roa. A moda liberal decretou  
que todos esses bens passas-  
sem a outras mãos. Passaram  
e vieram maiores impostos  
sobre os povos.

E se viesse a moda contrá-  
ria? Voltariam à Coroa (ago-  
ra, Fazenda) as terras que da  
Fazenda já foram e que ela  
vendeu. Não há mal por aí  
além se nas mãos da Fazen-  
da forem mais úteis às popu-  
lações. A questão é outra: E  
se vão só essas, mas ainda to-  
das as terras, todas, passarem  
para a Fazenda? Então tere-  
mos o Estado a abarrotar de  
rico e ficarão as pessoas to-  
das iguais. Serão todas uns  
Pedro-Sem, como o velho rei  
britânico que se chamou  
João - Sem - Terra.

Não se conclua daí que iam  
todos ficar de tanga. Não. Ha-  
verá sempre alguns necessá-  
rios para «alcaides-mores». E  
como é evidente, não vai uma  
Fazenda rica deixá-los morrer  
à fome.

F. Almeida

que amplie o escasso capítulo  
1.º da Monografia de 1926;  
em 8 páginas, o Vieira saltou  
logo para D. Afonso Henri-  
ques. 8 páginas são de todo  
insuficientes para dar uma  
ideia dos monumentos que  
esta Terra possui, como pou-  
cas, de há milhares de anos.  
É preciso ter presentes as in-  
vestigações de um Shulten e  
Martins Sarmento, o relato  
Ora Marítima, etc.

É uma gente com bastante  
elevado sentido de equidade,  
ou de justiça natural, em al-  
guns escurecida com ganga  
de interesses. Calma, ponde-  
rada, cordata. Há-os ainda em  
percentagem bca que não sa-  
bem escrever nem o nome.  
Fruto certamente daquela es-  
tupidez das Câmaras de que  
dá notícia o Vieira a pgs.  
209: «uma vereação muni-  
cipal... (pediu) que fosse ex-  
tinta a escola». Isto em  
1902!

**Daqui tiramos:** que os srs.  
políticos tenham cuidado no  
que aprovam e olhem o sécu-  
lo que vem. Se mandarem  
coisas disparatadas, as gera-  
ções futuras hão-de denegrir-  
lhes os nomes e vossos pe-  
destais cairão por terra. Não  
vos ficará senão má fama.

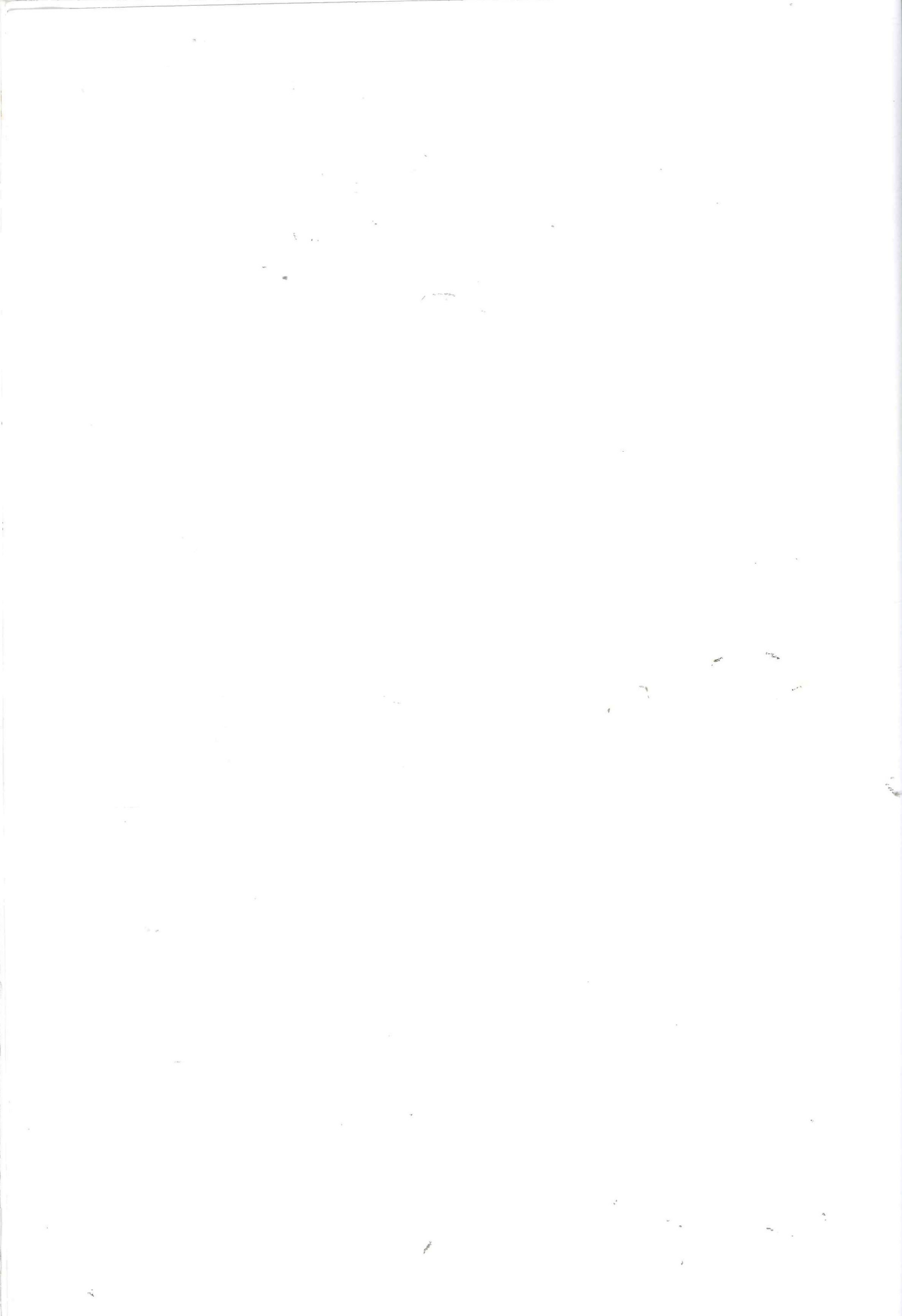
O nível cultural dos traba-  
lhadores é em grande percen-  
tagem ainda baixo. Disso não  
lhes cabe culpa nem sequer  
na falta de interesse que de-  
notam pela leitura dos jornais  
da terra ou ao menos de os  
ouvir ler. Há quem fuja de  
falar claro: como enguias.

### OS CUCOS

Chegou até ao Minho a fa-  
ma destas termas. No jornal  
Folha da Manhã, que circula-  
va em Barcelos, saiu em 1901  
um extenso relato e grande  
elogio sobre elas.

F. Almeida





# O PAPA

## esteve em Portugal

### Algumas notas de análise sociológica

É sabido que passados 300 anos da morte de Cristo, o Império Romano de então deu um trambolhão de 180 graus: o novo Imperador, Constantino, um político de gema, de pagão que era, abandonou os antigos amigos, pagãos, e voltou-se para os até então perseguidos, cristãos. Os porquês disso é que não disse. Ora, ao contrário do que acontecia até agora, os jornais passaram a interessar-se por saber como vai essa coisa da Crença, ateísmo e catolicismo nas ideias do povo, na opinião pública. É um sinal de progresso: procuram-se os factos, anotam-se os números, em vez de se falar apenas pelo faro. Interessa-me agora tão só examinar as faladas ideias religiosas das mulheres face aos homens e tomo por fonte os dados publicados no jornal «Expresso» de 8 de Maio de 1982.

O acolhimento que os portugueses dispensaram ao Papa — coisa nunca vista tanto em Braga como no Alem-Tejo corres-

ponde às Estatísticas: só 8,4% se declararam sem Religião, logo ou agnósticos ou até contra Deus. Coisa espantosa essa de até uma Inter, marxista, ateia e estalinista, se ter sentido na obrigação (por motivações várias) de vir a público saudar a vinda de um Papa cá. Ou como diz o meu amigo: na Polónia cravaram um espinho tal que os desgraçados Jaruzelskies não sabem como arrancá-lo ou como sair daquilo. Estamos no início da nova viragem para 180 graus como a operada por Constantino? Sei lá!

#### OS NÚMEROS E OS

#### FEMINISTAS

Não me repugna nada ver um cristão fêmea a ser sagrado bispo de Braga, se isso Deus o tiver querido. Mas reconheço que a descoberta é tardia já que até agora — e já lá vão

(Conclui na pág. seguinte)

## Imprensa Regional

um enorme valor: instrue os leitores e une-os à sua cidade; apresenta aos Governantes os problemas com que o «Concelho» se debate; aprova a acção de uns, estimulando-os a fazerem o bem; reprova as atitudes de outros, pondo travões à maldade e má vontade com que nasceram. Leva uma mensagem de bairrismo aos que longe vivem e mantêm neles o grande amor da Pátria.

O jornal tem milhares de línguas e «fala» em toda a parte. Os «do jornal» procuram saber notícias para vos darem; saber o que pensais e quereis para o dizerem aos que governam. E reparai que junto dos Governos há pessoas cujo trabalho é ler o que o vosso jornal «regional» diz. Vedes como a «folha» tem interesse?

Só na Metrópole, há mais de 1.000 pequenos jornais. Cada qual puxa a brasa à sua sardinha, pedindo aos Governantes ora isto, ora aquilo. É nesses jornais «de província» que mais puro se respira o amor à Pátria Portuguesa. É neles que, as mais das vezes, se tratam e discutem problemas de interesse para todo o nosso Povo. Lêem-nos milhares e milhares de pessoas.

Pequenos jornais? Grandes porque vivem da dedicação e do muito esforço e trabalho de alguns bem arrojados. Um jornal dá muito trabalho e canseiras. Que aquilo não desce escrito do céu.

Se amais a vossa aldeia, amareis o vosso jornal. Discutireis com ele, se não estiver certo o que diz. Fareis que vos dê mais notícias e menos artigos com «palha». Este tem valor e vós fareis que seja melhor ainda.

E isto para que melhor vos oiça, melhor vos represente, melhor vos defenda, melhor vos informe e mais vos una. Quanto mais isto fizer, maior o seu valor, o seu peso. E a gente honra-se de ter um bom jornal!

Mas nada disto fará se vós não cuidardes dele.

Francisco de Almeida







(Badaladas - n.º 1038 de 22.11.75)

# Ceasas de Torres

IV

## PODER ABSOLUTO

É nas Fontes Medievais de Torres, pg. 43, que pela 1ª vez se fala em poder absoluto. Fê-lo D. João I, em 1394. Isso foi uma mania a corresponder à moda que grassou nessa época: bem contrária aos usos de governar em Portugal. Uma moda de importância.

Os nossos reis eram descendentes dos Visigodos. Ora os reis visigodos eram eleitos e muitos foram arreados por mau governo.

Disse o rei: «fazemos saber que... de nosso próprio movimento, certa ciência e poder absoluto lhe damos (a um tal Gonçalo Lourenço)»

» 1

Nunca um governante teve — ou podia ter — o poder total, arbitrário, à vontade, etc. Isto porque o governo é para o povo e não ao contrário. Poder absoluto é o mesmo que governar só no interesse de um ou alguns. É o mesmo que ditadura.

O pior foi que o estilo de ditadura só veio a ser modificado com D. Pedro IV. Durou mais de 400 anos. Se vier agora outra, por quantos anos será?

## TOLERANCIA E CONVIVÊNCIA

Nas mesmas Fontes Torreanas, a pgs. 68, vem um documento por onde se demonstra ter sido possível que no tempo de D. Afonso V — neto do atrás dito João I, convivessem em Torres, muito bem, sequazes do cristianismo com sequazes do judaísmo.

Aí se lê: «fazemos saber... que Benvinda, mulher que foi de Abraão... morador (em Torres)... pediu-nos a dita judia que confirmássemos a doação a seu filho (chamava-se Samuel).

Quer dizer: os nossos usos

foram sempre de boa convivência entre todos os homens de credos — e outras ideias —

diferentes. Por isso a ordem do rei D. Manuel (após 1500) foi ditada também em corrente doutrinária e política vinda de fora. Isso teve efeitos desastrosos. Convém que os erros dos outros nos ensinem. É que a história repete-se: modas boas, certas e modas ruins, erradas e daninhas. Seguir o nosso próprio estilo é afirmar também a nossa Independência Nacional.

Francisco de Almeida

# Coisas d

n.º 1037 de 22.11.75

» 1

mercantilista, onde são raros os que se ocupam das coisas do espírito...»

O problema é de psicologia dos povos e não sei se é como Rego disse. Seja como for, não é qualquer vila que pode orgulhar-se de ter sido tão estudada como esta de Torres.

Verdade é que não está longe da fogueira cultural lisboeta. Mas as péssimas comunicações fazem que Torres diste de Lisboa mais de 200 Kms.?

Coisa estranha: referencie aqui um livro sobre o General S. Dias. E ninguém da família deste apelido — que a Torres está ligada — teve linha que dissesse: por exemplo, que o general é de outra cepa. E pode ter sido.

O concelho é uma comunidade. Logo, a vida e as notícias devem circular nela desde a vila às freguesias e destas para a vila. Logo, os jornais devem fazê-lo as gentes das aldeias também: criticando os

## A propósito de

## “Coisas de Torres”

### um esclarecimento

Francisco Almeida, no último «Badaladas», sobre o tema em epigrafe refere-se, de novo, ao General Sousa Dias.

Evidencia assim:

1.º — Que não é «de Torres», pois se o fosse não desconheceria que o General não teve nunca nada em comum com «Torres»: não nasceu, nem viveu, nem morreu em Torres Vedras.

2.º — Que, se andasse melhor informado, por certo concluiria não ser este o momento indicado para incomodar quem nem o conhece nem o deseja conhecer.

Finalmente: de facto o General era tio direito do Dr. Mário Pessoa de Sousa Dias, o qual radicado há cerca de 40 anos em «Torres», também, por acaso, não é natural de «Torres».

— Se o sr. Francisco de Almeida pretende aprofundar os seus conhecimentos sobre aquela figura tem ao seu alcance outros processos: a leitura do livro, as enciclopédias, etc.

Respeite pois a cepa que é de facto da do general, não o incomodou, mas poderá vir a incomodar.

Definitivamente,

António de Sousa Dias

# le Torres

desvios que os da vila escrevam, porque da poda sabe o podador, não só o teórico. Deve ter acabado o tempo em que o sr. funcionário da vila é que sabia, tratava, movia os cordelinhos da coisa. **Vamos lá pôr o torto direito.**

Vejam lá que um inspirado notário em Torres foi quei-

mar alguns dos mais antigos livros que Torres até ele havia guardado (ver Sumários, pgs. 9 e outras). Um selvagem! Como o Mouro que fez arder uma biblioteca toda! Mas era mouro. E selvagem. Neste nosso tempo, o Dr. Rui Grácio é acusado de ter mandado queimar livros com a vida do célebre português, cha-

frase  
quy







se lembram deles. De facto, também têm culpa porque não escrevem sequer ao pároco da terra a dar notícias e quando regressam, nem falam aos conetrrâneos sobre os povos a quem missionam.

É o que dizia D. Ernesto aos da Ucha na festa ao Padre Hélio: temos paróquias, mas não temos «comunidades cristãs».

Ora se não há marxista que não lute por espalhar suas ideias, como é que tem sido possível haver cristãos, cá, que por lealdade para com o seu Cristo, se não esforcem

8-45  
não precisam dos Mandamentos nem do Baptismo nem de Cristo para nada. E é verdade que a ideia de Cristo não foi a de salvar corpos, só, mas sobretudo almas — para outra Terra que não é esta onde se sepultam os corpos. Os leitores sabem.

Há portanto muita gente a abordar, contactar, convencer para que ganhe a outra terra, a eterna. Não me admiro de que bastantes deixem os pagãos à sua sorte, mas pasmo de serem tão poucos os preocupados com que os povos co-

## As palavras sobre o Ateganistão

Curiosa a coincidência da terminação dos nomes nessas terras «istão» que aparece também no vizinho Paquistão, Indústão, Turquestão, Cazaquistão, etc. O Afeganistão é 7 vezes maior que Portugal, maior que a França ou a Espanha, o dobro da Itália, de população ainda mais rara que o nosso Alentejo. Ficamos para o nascer do Sol, muito longe, para lá do Irão ou Pérsia, quase no centro da Ásia que é uma zona de

altíssimas montanhas e planaltos. A norte tem o Curdistão soviético e o Taduziquistão e o Casaquistão e o Mabequistão todos conquistados pelos russos há pouco mais de 100 anos. A Leste fica-lhe o Sinqiã chinês e a Sul o Paquistão com o Baluchistão. Aqui as mais altas serras do Globo e o Pamir e o Tibet são o centro donde partem serranias tais como o Cuelum, Caracorum e Altai para Leste e os Himalaias para Sul e nos Himalaias fica o Everest, pico 18 vezes mais alto que os montes que rodeiam Barcelos, que não chegam aos 500 metros.

Por Francisco Almeida

tor) que ficou na literatura como «cura de almas». O arcebispo não cuidava nem podia cuidar desse curato. E daí ter nascido ao abade X o uso e o direito e o dever de mandar pastor para a filial. Na Guarda, os casos de 1 pároco apresentar (nomear, escolher) o pároco para outra freguesia são, em 100, mais de 30. Quer dizer: a paróquia apresentante foi missionária (centro de missão) criou filiais, hoje autónomas.

Há rastros que nos elucidem freguesia a freguesia, sobre quais as igrejas matrizes e quais as que foram filiais. Anotem que por toda a banda estão a surgir estudos sobre a pequenada — as freguesias. E a Guarita é nesse campo, pioneira. Parabéns.

Francisco de Almeida

jeitos (catequistas) que ensinam o que é preciso aos novos e aos catecúmenos, e os baptizam, e até fazem casamentos pela Igreja (autorização prévia do bispo, que mora longe).

Por outro lado, vejo isto na História, — dita, da Guarda, pg. 91, lista das freguesias: Águas (S. Marcos) — Curato anexo à Vigararia de Penamacor, Águas Belas (Santa Maria Madalena) — Priorado da apresentação dos Marqueses de...; alcaide — da apresentação do Rei.

Isto de Angola e da Guarda antiga parece elucidar as *antiquidades de Vila Cova* e arredores, desta forma:

Nos anos 572, que disse atrás, o bispo de Braga era sozinho para o que agora é a diocese de Bragança e Vila Real e Braga e Viana. Logo: só quase de 100 em 100 anos, o arcebispo (já então o era) poderia passar por Vila Cova. E o pároco? Seria só um para todo o concelho de Barcelos, por exemplo. Logo: como em Angola, só de 10 em 10 anos e o (pároco) passaria por Vila Cova ou Galéjos. Havia baptizadores, leigos em Vila Cova? Responda quem souber.

Nessas condições, parece que, como a Guarda ainda mostra — e na nossa terra já não mostra — o pároco zeloso abria filiais aqui e ali; a filial era o curato (ou curadoria) e mandava para lá um padre (curador, cura, pas-







# As nossas gentes

V.V. 21.X.23  
Escreveu o sr. Leonídio de Abreu, há quase 20 anos, um livro a que deu o título de A Vila de Prado.

Acho que foi pena não ter escrito antes a história de Vila Verde, já que, no fundo, o que estuda é a história de uma freguesia — Prado — que foi vila a qual, como foi escrita, pouco instruirá os pradenses. Mesmo assim é útil.

Pasmosa era a lei que vigorava nas terras de que Prado era cabeça (que iam quase até Barcelos e, a norte, até Parada, Oleiros e Igreja Nova): se alguém «de fora» prendia um homem destas terras e o punha a ferros, 300 soldos de multa. Mas se fosse um de Prado a prender estrangeiro, só 5 soldos (60 vezes menos!). Como vêm as ideias e os costumes alterarem-se e com elas a lei (ver o n.º 20 do v/ foral, do ano de 1260).

Os estudos feitos sobre Barcelos, Braga e outras terras esclarecem muita coisa das freguesias de Vila Verde. Referi apenas 3 obras:

Do Padre Ernesto de Magalhães: Barcelos no passado e no presente: — A Senhora do Bom Sucesso, venerada em Prado, é-o também em Galegos e em Barcelos (pág. 129); também em Barcelos houve nobreza com o título de Sousa (132), talvez descendentes dos Sousas de Prado; trata de Manhente nas págs. 214 e 244 e de Azevedo

na pág. 248 e de págs. 276 a 285 cita inúmeras freguesias que foram de Barcelos e outros concelhos e são agora de Vila Verde. Exemplo: Procelo que foi de Barcelos; Barbudo que foi do concelho de Vila Chã tal como Carreiras e Doçãos; Escariz que foi de Portela de Penela tal como Goães, Marrancos e Rio Mau; Quitelo que foi de Larim tal como Turiz.

Outro autor, de nome Mancello, na obra Barcelos, Resenha, ano de 1927, também se refere às vossas terras. Assim: pág. 39: doação por Estêvão Anes de Penela a D. Nuno Alva-

(Continua na 4.ª página)

— China e  
— Índia. Aquasó sobe e só para a cavalo, vestem-se de panos da China, de algodão e de couro no inverno. Os alimentos são quase todos baseados no leite dos rebanhos.

Desconhecido, disse, e todavia houve missionários portugueses que se atreveram a subir e permanecer nas terras do Tibet, como um Bento de Gois por 1.600. Formidáveis rapazes!

## III

Que gentes são estas? No norte do Afeganistão são de uma raça chamada «tadziques», que se estende pela URSS. Estamos na chamada Asia Central onde as populações são mongólicas (olhos vinhos como os chineses) ou turcos. Por isso as línguas destas gentes pertencem ao grupo dos falados no Altai. Por isso também, uns têm rosto comprido como cá e são barbados e altos (1,69 de média) e outros estonados de cara. Na antiguidade foram gentes célebres e por isso a Arqueologia vem descobrindo maravilhas. Nas serras dos arredores de Cabul, capital do Afeganistão, há figuras lavradas na rocha há milhares de anos — antes de haver história.

8-46  
Palestina  
dental da  
— onde por  
portugueses em  
de 30 mil famílias  
seu bispo. Tanto  
Xavier como João de  
santos, verificaram isso,  
bora a doutrina deles andasse bastante deturpada.

## IV

Desconhecidos por nós, ocidentais, os do pôr do Sol como os de lá dizem. Sabe-se que o cristianismo vigorou nestas paragens e foi levado até à própria China — extremo nascente da Terra. Com base na Pérsia formaram, soube-se cá 1.200 anos depois, um Patriarcado a chefiar as cristandades situadas fora do Império Romano, que ia até à Pérsia, exclusiv. Tal Patriarcado passava de tio e sobrinho (menos mal) e chegou a chefiar 25 arcebispos e mais de 100 dioceses. Mas porque as sedes cristãs eram Roma e Bizâncio, quando o rei persa se zangava com os romanos, logo os cristãos da Pérsia e outros eram perseguidos como sendo amigos do inimigo do rei. Resultado: um patriarca cortou relações com os bispos do Império Romano depois de adoptar as mesmas ideias dos nestorianos.

Inacreditavelmente, esses povos que defrontaram Roma e Bizâncio, caíram depois sob o jugo dos sequazes de Alá, os maometanos e quando um imperador mongol decidiu recusar o cristianismo para aderir ao Islão, foi um desastre: os mongóis dizimaram os cristãos destas regiões. Desde então — há 600 anos — a Pérsia, o Afeganistão e toda aquela zona são islâmicos e assim se fecharam ali as portas ao Cristianismo.

## VI

O Império Romano caiu, depois o Otomano (que ainda durou uns 500 anos). Qual





# A ver se isto dá uma vida...

(Continuação da 1.ª página)

de Portugal vai doravante ser lida ao contrário! Por isso o Curso pode ter só umas 3 ou 4 cadeiras. O que se precisa é de Dialéctica, luta de classes, economia, o pão. Do resto cure o demo.

Um exemplo disso? A história económica de Portugal de Armando Castro. No volume VI ele ensina a teoria toda! Ao menos defende um ponto de vista que, como ele diz, não é «clássico». E não é.

## O grupo Russel em Portugal

Russel foi um homem nascido e criado na velha Inglaterra. Morreu há pouco com seus 90 anos. Era bastante culto e deixou, pelos 18 anos, de ser o cristão protestante que era. Escreveu umas palestras, reunidas no livro *Porque*

*Não Sou Cristão*. Povoando-se de cientista, dá umas razões para não ser — ou deixar de ser — cristão, que mais lhe valera estar calado. Exemplo: como pode ser bom quem pega numas cordas e à chitotada corre todos os que vendiam no templo? Como pode ser bom quem de uma só voz manda que certa figueira seque e ela secou mesmo?

Russel! Diz lá tu à figueira que seque a ver se ela seca!

Os do grupo dele vieram a Portugal: indignam-se por estarem presos os que queriam *ditar* no 25 de Novembro. Não dizem palavra por tanto preso anterior sem que se lhe conheça culpa!

Assim é que é, amigos! Mas porque não passam o muro de Berlim para lá? Lá é que é bom e os da URSS vêm um para a Suíça e outro agora para a França? Isto não joga certo. Há gato! O Xico da Cuf escreveu um livro sobre os 26 anos que passou na Rússia. Ora a ver!

N. de Elvas

(Continuação da página 1)

cebispo nem cardeal — directamente sujeita à Santa Sé. Só que — é imenso — tem há muito universidade católica em Friburgo e os católicos são lá mais que os protestantes. Ser á que Bertrand Russel tinha razão ao escrever, há anos, que daqui a 100 anos não haverá protestantes (ver, dele, *Porque não Sou Cristão*).

São muitos já os portugueses que trabalham e trabalharam na Suíça. Acolhe italianos e vai tomar café ali ao outro lado do Reno, na Alemanha. Este povo não tem outra história que não seja a de guerras entre cantões e com duques da Alemanha e da Áustria. A Suíça demonstra que os nossos teóricos ao dizer que Portugal é nação porque rios e montes

o separaram dos Castelhanos, erram porque a Suíça demonstra o contrário: é alemã sem ser da Alemanha, é austríaca sem ser da Áustria, etc.. É nação por vontade das suas diferentes gentes. E há vários séculos.

Da Suíça nos veio o veneno do Filósofo Rousseau, um homem desgraçado mas brilhante; da Suíça nos vêm os melhores relógios e outros aperfeiçoadíssimos instrumentos. Ela não tem nada que a nós falte, salvo juízo, trabalho e patriotismo. Não tem só qualidades, é certo. Mas as virtudes são muitas. Aqui tem a O.N.U. departamentos; aqui têm sede os mais acreditados bancos do Mundo; aqui tem a sede o Conselho Mundial das Igrejas — mas também é cobigado campo para os K.G.B. e outras. A Suíça já se prepara para a bomba atómica com abrigos próprios ao construir edifícios novos.

Veremos como este povo acolhe e recebe o seu vizinho e amigo — Também alpinista como eles — João Paulo, o da Polónia.

O PAPA E A SUÍÇA





# ALGUNS LIVROS QUE FORAM DE VILAR

8-48

Pretendia eu saber se a Câmara de Barcelos tem catalogados os seus manuscritos. Parece que não nem quer saber disso. E nessas andanças, muito apressadas, vim a saber duas coisas: que o livro mais antigo do nosso Registo Predial data de Novembro de 1966 e que na biblioteca municipal há uma lista manuscrita de livros que vieram do convento de Vilar.

POR

Dr. Francisco de Almeida

Onde param esses livros de Vilar disse-me a Senhora Pais Vilas Boas da referida biblioteca e nem quero dizê-lo aqui para não desonrar quer a Câmara, quer o Conselho Municipal, quer as Juntas de Vilar ou de Barcelos. Falemos então da lista que a Sr.ª Vilas Boas escreveu e me permitiu compulsar e dela tirar apontamento, o que aqui lhe agradeço.

II

Trata-se de 31 cadernos de 4 páginas cada, que relacionam um pouco mais de 500 obras. Tomei nota de 117 títulos e por eles se vê que ainda não foram queimados, mas pode o bicho ou a chuva tê-los comido, 5 obras do século XVI (anos de 1500) e 31 do século XVII. Porquê na biblioteca de Vilar a genealogia dos Laras de Espanha? (n.º 2, ano de 1696).

Os temas dos 117 títulos são grosso modo: *Vidas de Santos* (incluindo as de Cristo)—7; *Medicina*—3; *Direito*—6 (n.ºs 41, 76, 328, 364, 428 e 478); *Filosofia*—7; *Teologia Moral*—8; *História*—5.

Curioso haver lá as obras do jansenista (hereje) Arnand, o que significa que os monges de Vilar eram muito mais cultos do que havíamos de supor. E muito escolhidos eram os livros: 1 sobre a teoria do Probabilismo (n.º 103); 1 de Calderón de la Barca (poesias), os Sermões de Bernardes, 2 sobre ateus, ambos do século 18 (n.ºs 138 e 444), 1 de Inglês,

(Continua na página 4)

## SOBRE O NATAL

Há 20. x. 11. 75. Minho tinha criados ficava sem eles de 23 a 26 de Dezembro. Porquê? Iam às casas de seus pais para a consoada. Elas até levavam das casas dos patrões cestos cheios. Ainda é assim?

Possivelmente, apesar de já não andarmos à luz de archotes nem do petróleo nem do azeite ou sebo; apesar de podermos ouvir grandes palestras na rádio ou televisão; apesar de tudo, cada ano que vem traz um Natal mais desfigurado, mais oco, mais sem sentido. Em dia de finados já vi risotas no cemitério; em 8 de Dezembro, poucos deram à festa da Conceição algum sentido. Não admirará que também o Natal se transforme em dia de peru ou bacalhau, com doces e iguarias. E pouco mais. Quer dizer: tais festas vão perdendo significado.

Países há onde celebrar o Natal — por mais que a propaganda afirme o contrário — não se pode. Se calhar, é aí onde a festa adquiere sentido: porque só aprecia a comida

quem tem, tome.

Observações

Algum leitor já perguntou a si mesmo porque é que o 1.º Natal o de Belém se verificou apenas há uns 2.000 anos? Parece que Deus não teve pressa nenhuma.

1.º Nat. I. (Belém)

Já reparou que Deus perdeu tempo e trabalho? Mandou profetas ao povo que Ele escolheu e nada. Mas porque escolher aquele povo — judeu — e não os Iberos (de cá) ou os Cartagineses ou Chineses?

(Cont. na página 4)







8-49 apenas para nos matar a todos como tordos? Eles até discutem (Rússia e América — nós entretemo-nos com a dívida externa de 1 bilião de contos) que tu tens mais bombas, que eu tenho menos bombas! Ridículo, se não fosse trágico, mortal!

A 4.ª — Será que Deus, para que tanta bomba lhe não destrua este astro, que Ele fez (a Terra, rezam o Génesis e o Credo) vai prender

cas e as Atómicas, que, se Deus não põe mão nas mãos destes sábios malucos, eles farão da Química e da Atómica, não os instrumentos que nos ensinam os maravilhosos segredos das coisas, mas os explosivos capazes de porem a terra em 4 pedaços sem vida nenhuma. O homem é cada vez um zero à esquerda na Terra.

F. ALMEIDA

1980 N  
(Vem da 1.ª página)

#### IV

Todos nós sabemos que as flores têm cheiro. Que há frutos perfumados. Que há fábricas de refrigerantes (doces, verão) e de plásticos. Tudo parentes entre si! E pergunto, porque é que as flores cheiram bem?

E lá me vêm os químicos explicar que o ter aroma depende de pouca coisa. Todos os aromáticos (perfumados) são corpos obtidos de muitos elementos, que formam, casotas como o favo das abelhas, e sempre os mesmos elementos: Compostos Cíclicos (e os não-cíclicos não têm perfume). Vejam se a Química não é formidável para nos revelar, descobrir, tantas coisas que eram segredos!

Infelizmente temos de tirar as seguintes conclusões:

A 1.ª é que a Atómica não é mais do que fazer com que a partícula (átomo) de chumbo, por exemplo, se parta em duas; aí novo assombro: isso dá uma força (explosão) incrivelmente forte e como em 1 quilo de chumbo há biliões de átomos, a força de todos, se a põem à solta, pode destruir tudo quanto há em Portugal num só minuto!

## Último

## Quadrante

1924 de 29.9.73  
r 8.50  
Agora a subida de preço dá-se no papel. E falta papel. Tanto que o jornal beirão, «A Comarca da Serpã», numa das semanas passadas não saiu.

Que não tinham papel. Voltou a sair, com papel emprestado. O jornal de Barcelos, «A Voz do Minho», alterou a ~~escultura~~ dele: em vez de 6 páginas por semana, sai numa com 4, noutra com 8. Tudo à defesa, na

(CONTINUA NA PAGINA DOIS)

8-49  
Disparate, vão muitas pensar. É parva! De facto ainda há tempos uma moça do 7.º ano me «demonstrava» a pé junto, em Portalegre, que senão justificava nada que a mulher obedecesse ao marido.

Obedecer? Mas porquê? E porque ela, sempre ela e não ele a ela? Ou então, porque falar em obedecer? Combinam, «consertam-se» decidem, mas «os dois». Nem objecto nem escrava dele. *Romano*

1980  
Que era a mulher no Direito Romano? Perguntava um assistente de Direito ao aluno. Este lá disse do seu pensar. E o Prof. Raúl Ventura: — eu acho que ela era um prédio rústico!

Já não é prédio rústico, porque é semelhante ao homem, marido. Mas existe para ela, ou não, o dever moral de obedecer? A resposta não é de dar com tanta simplicidade como era usual. Então numa cidade como Évora onde a maioria dos rapazes não passa da 4.ª classe e a maioria das raparigas é que continua os estudos... como vão elas, depois, casando-se, obedecer?

Atentem nisso que é pensado!...

\* \* \*

A ser exacto o que consta de que certos alunos os li-







## Vilar das Almas, os Antepassados e os Fiéis Defuntos

Card. Soc. 75. XI. 85

FRANCISCO DE ALMEIDA

Pus-me a ler uma separata cujo título é: Subsidio para o estudo das irmandades ou confrarias em Portugal e vi lá referida a limiana Vilar das Almas. Vai daí, lembrei-me do mês de Novembro (escrevo a 29. X) que é pelas nossas bandas, o mês dos defuntos, a que as Etnologias mundiais chamam os Antepassados. De tudo isso, a génese do título que pus a esta minha carta.

Pois é. As Etnologias relacionam antepassado com os seguintes termos-chave = múmias, crâneos, almas, o Além, mortos, alimento, máscaras, danças fúnebres, e outros. Vejam o que fazem ou faziam, na China do Sul = «Quando um indivíduo morre, o corpo é lavado, vestem-lhe roupas novas e depositam-no num ataúde, chamam os parentes, tocam de noite gaita de beijos... o morto recebe comida e um sacerdote abre-lhe caminho; no percurso para o túmulo, queimam dinheiro (notas) e lançam morteiros; sobre a cova, um sacerdote mata uma galinha e pede ao espírito do morto que não volte...».

Significa isto que estes povos, lá na sua filosofia, chegaram a este raciocínio = logo, um homem é mais que o montão de terra que uns quantos proclamam. Os mortos vivem e por isso, os Pigmeus da floresta africana concluíram que «tais espiri-

tos se instalam de preferência nas mulheres pela boca das quais fazem profecias».

De tudo isto que vejamos os Japões antigos, os de Madagáscar e outros prestar culto aos Antepassados. Na realidade, a atitude é lógica = se cá devemos ser gratos aos nossos pais, vivos, seria ingrato não cuidar deles, vivos, após a morte. O que me impressiona é a coincidência do pensamento de que o homem vive para além da morte. Porque nenhum povo se viu que o não acreditasse. Como se explica isto sendo as Afrias separadas, e tanto, das Américas?

\* \* \*

Claro que as nossas populações estão de todo convencidas de os seus (pais, irmãos, filhos) viverem para além do dia que diz a certidão de óbito. Já o acreditavam antes de serem cristianizadas, como no-lo mostram as Histórias da Civilização e até as Arqueologias. E por isso mesmo ficou o mês de Novembro, não sei desde quando nem de quem foi a iniciativa, dedicado a sufrágios pelos antepassados (passaram, faleceram, antes de nós) que não foram fulminados com o inferno imediato — esses são infelizes defuntos.

(Continua na 6.ª página)

## ULTIMO QU

m 8.49 *Cali polaise*

Estamos chegados ao derradeiro quartel do século XX: último quadrante. Más perspectivas aparecem no horizonte dos povos e da cultura. Não vêem que essa história do progresso económico não pode ser exacta, já que não existe o infinito material?

Ironia: os Arabes obrigaram todo o Mundo a sério exame de consciência. Quem são eles para porem toda a gente de gatas? Quem é esse todo assim vencido? O Japão, os Americanos e outros muitos.

O problema é outro: se o petróleo só dará para o «último quadrante», de que se alimentarão as

## ADRANTE

De 8/12/73 17203

indústrias no ano 2000? Colapso; Cai-se assim no campo da Filosofia da História: que sentido têm todos estes balanços, não já de invasão de povos, mas de sobras e faltas de produtos? Assim mesmo, a Europa continua tão egoisticamente nacionalista quanto o foi em tempos idos. Não se aprendeu nada de solidariedade entre nação e nação.

★

Publicou-se há dias o 2.º número da revista dos Inventores. Segundo ela, quase 80% dos produtos que vão faltar em 1980 — produtos novos — estão por criar, por inventar.

E assim? E os Planos de Fomento não terão de ser drasticamente alterados, e da emergência, porque as máquinas — a automação — etc., não andam sem combustível? Há quem pense que não. E sem devermos ser parvos, não devemos cair no desespero. Nem profetas da desgraça.

Então esses automóveis eléctricos tão eficientes, dos Ingleses e Japoneses? Venham eles dar uma achega.

★

O certo é que sem produtos naturais não há indústria transformadora. Caindo a indústria cai o movimento — e a continuar-se assim quem vai comprar automóvel? — e caindo a vida, não há notícias: hibernação, o que vai afectar a política de informação.

Os jornais, as revistas, vão meditar isso e deve ser também por aí que o conturbado Grémio da Im- (CONTINUA NA PAGINA TRES)

## Nem só do pão..., mas também dei

Cv. 26. I. 74

Apareceu um dia em Ponta Delgada (Açores) um homem a pôr a seguinte questão: que um seu sobrinho tinha sido desde os 10 anos sacristão da igreja da freguesia, com certo ordenado, e passados 5 anos, veio novo pároco que, sem mais, despediu o «pequeno», dando o lugar a outro. Tem ou não tem o rapaz direito a ser indemnizado pela perda do lugar?

Tal indemnização supõe um contrato de trabalho e, para que este exista, há-de haver um patrão. Quem é o patrão do sacristão duma igreja? O pároco? A fabri-queira? Mais difícil será a situação num caso em que o sacristão «parta» uma perna em serviço.

A existir contrato de trabalho, sobre alguém recairá a responsabilidade pelo desastre. O caso já se deu em Bragança — com o que se terá

afligido o prelado — e noutros lados onde é usual a igreja ter sacristão permanentemente afecto a ela, ao contrário do que é geral no Minho. Por isso mesmo, diversos párocos, à cautela, têm os Sacristães no seguro. Boa medida e de uma justiça flagrantemente esquecida. Porque também de pão vivemos, apesar de só dele não dever ser. Acresce que o patrão que não «segura» é pela lei actual punido.

...

Uma questão traz a outra. E se um pároco fosse despedido da paróquia, sem mais, digamos, sem a falada justa causa? O caso é que nenhum pároco o é à força: é-o por um contrato com alguém. Com os paroquianos terá ele um contrato de prestação de serviços (religiosos), remunerados um a um, como em



cor  
te

cor  
te



# A ARQUEOLOGIA EM PONTE DE LIMA

## ALGUMAS NOTAS

por Francisco de Almeida

C. Sar. 24/8/84

Vem este apontamento a propósito de um convite que o Instituto Limiano me fez e diz assim:

«Convida... para a inauguração oficial do Museu... com uma nova secção de Arqueologia...».

Ora morando eu em Lisboa, não me é possível assistir a uma tal inauguração. Mas agradeço o convite que o Instituto Limiano me fez e vai daí, escrevo quanto se vai.

E a 1.<sup>a</sup> observação há-de ser me congratular por que

uma pequena terra tenha já o seu Museu, a sua secção de Arqueologia e o seu Instituto. Terras de maiores posses não têm ainda nada disso.

A 2.<sup>a</sup> é para observar que estas coisas do saber não são estanques e por isso o grupo arqueológico de Ponte não pode deixar de se pôr em contacto com algumas que há, vizinhos, nomeadamente com um de Braga nascido pela mão de um homem do Alto Minho, o Dr. Luciano Santos — que tem recolhido nele, religiosamente, quanta pedrinha, figu-

rinha, e assim, dê testemunho da vida dos nossos Antepassados.

A 3.<sup>a</sup> é para dizer que se o Museu não tiver a visita explicativa dos aldeões, estagna: 1.<sup>o</sup> porque na Vila nem todos curam do passado; 2.<sup>o</sup> porque os que curam raro poderão ser mais que curiosos — mas um Museu só para eles é privilégio a mais; 3.<sup>o</sup> porque

(Continua na 2.<sup>a</sup> página)

## A ARQUEOLOGIA EM

(Continuação)

a geração, que hoje se interessa, passa, e o Museu — com Arqueologia e tudo — pode vir a ser tão abandonado como o foram os conventos desde 1834: a sede do Museu prova-o

CAVANDO MAIS FUNDO

C. Sar. 28/8/84

Não há-de faltar voz para inquirir: — Museu de Arqueologia porquê? E a pergunta

## Uma vista de olhos pela Europa

Saiu a revista DAEDALOS, da Academia Americana de Artes e Ciências, referente ao 1.<sup>o</sup> trimestre de 1979 com oito extensos artigos sobre a Europa. Pelo seu interesse, damos os títulos de alguns deles: «Política e Anti-Política na Europa do Oeste», «A Noção que a Europa Ocidental tem da URSS», «A Europa do Ocidente nos anos de 1968, 78 e 98», «A Europa do Sul evolui para que sistema?».

São uns artigos de vinte a vinte e cinco páginas cada um. Não é oportuno aqui senão notícias de alguns sub-títulos e dos temas das obras que serviram de base aos autores, todos pesados e difusos à custa de pretenderem ser ou parecer, cientificamente isentos, não alinhados.

## stória de Barcelos

a pág. 4)

época eram um tal Dr. Osório e o Padre Coreias (abade em GAMIL).

1078. ETNOLOGIA: Superstições portuguesas (sem Autor). São elas: acerca do Nascimento, casamento e parto. Exemplo: que no Minho há 3 dias em Fevereiro nos quais se não pode casar. Desconheço.

Em Barcelos fez-se a procissão do «Viático aos enfermos». A vida SECULARIZOU-SE, como dizem, e se vê pela amostra.

1080 — ALHEIRA — fala-se do Afonso Portela. Quem era ele? O que livrou muitos em Galegos da tropa aí por 1920?

1081: Um artigo que estranhámos. SERÃO OS PADRES EMPREGADOS DO ESTADO? — Responde que não. Se ainda o fossem, saneavam-nos (com a «fé» que alguns lhes têm). Incrível o anti-clericalismo que há. Mas em 1910 foi pior.

Arrematações de foros (da Misericórdia e do Senhor da Cruz). Que desbaratamento! Agora a mania é outra: nacionalizar.

Quando é que se terá juízo?

Por 1900 foram terras à praça como nunca visto. Que transformação social isso implicou! Que de mudanças de donos e promoções de uns quantos!

1082: VILA SECA: Padre Paços e outro fulano, processados por falsas informações. Eram de partido rival e pagavam as favas.

RORIZ: Abade Pais «despachado» de abade aí para ALVITO — S. MARTINHO. Este homem, diz-se em Galegos, tem que ver com um «Morgado» que aí houve e que foi criado» pelos Vintenas de Roriz.

F. Almeida







# «Vila de Rei e a sua gente»

- Monografia -

Saiba, há pouco, do prelo mais um trabalho do apaixonado e infatigável cronista de Vila de Rei, Mons. Dr. José Maria Félix, ilustre escritor, de vontade intrépida, já conhecido e apreciado pelos leitores de «A Comarca da Sertã», de que é distinto colaborador.

Continua Mons. Félix a mi-mosear-nos com rara perseverança, dando-nos obras de valor positivo, nada rendosas, é certo, sob o ponto de vista pecuniário, mas de real interesse para a cultura intelectual dos vilarregenses e, podemos dizê-lo, sem exagero, para toda a comarca da Sertã.

O novo livro, composto de 819 páginas, ilustrado com nada menos de 98 gravuras e gráficamente bem apresentado, intitula-se «Vila de Rei e a sua Gente» e, entre outros assuntos, predominam as genealogias. Se eu tivesse autoridade, competência e indispensável licença para emitir a minha opinião, ousaria, agora, após a leitura, acrescentar ao título uma pequena palavra para ficar assim: «Vila de Rei e sua boa gente», imitando de certo modo Camões que no Rotei-

ro da sua primeira viagem à Índia, em 1498, chamou a Iahambane, onde teve bom acolhimento dos nativos, «terra da boa gente».

E que o povo de Vila de Rei tem revelado, há séculos, magníficas qualidades morais, que não são vulgares em algumas regiões do país, vencendo as insensatas inovações desta época em que a poluição moral se expande iafrene e com cusa-dia assustadora por esse mundo além, considerando a pessoa humana apenas como animal dotado de instintos, tal a sua conduta.

Na monografia, de 1969, «Vila de Rei e o seu Concelho», quis já Mons. Félix introduzir alguns capítulos respeitante a várias famílias do Concelho; mas depressa observou que o volume não ficaria manuseável e cómodo por ultrapassar o milhar de páginas, o que não agradaria aos leitores, que no tempo actual só apreciam coisas leves, fáceis de engolir, como os comprimidos dos laboratórios farmacêuticos.

É «Vila de Rei e sua gente» um belo incentivo e real con-

(Continua na página 4)

POR

Dr. Francisco de Almeida

Há muito tempo que os filósofos detectaram este facto-problema: o homem não quer sujeitar-se a outro, uma família nada quer de dependência face a outra, um grupo humano (tribu, raça, nação) quer-se governar a si própria e, todavia, todos aspiram a que haja um só governo no mundo. De facto, se houvesse um governo universal, era impossível a guerra entre as nações (como é hoje impossível que qualquer dos 49 Estados da América do Norte se ponha em guerra contra qualquer dos 48 restantes).

Pergunta-se então quando virá o dia de haver um só governo no Mundo.

II 29/1/83

Vários eram os Estados sedeados na Itália, há cento e tal anos, e fundiram-se todos em 2: o do Vaticano (Santa Sé) e o da República

Italiana. Várias eram as raças existentes em Angola e fundiram-se numa só colónia e, agora, Estado angolano. Dois eram os Estados na Inglaterra (um era a Escócia) e fundiram-se num só. Há um germe de Estado Universal com a ONU, onde também a URSS entra, como a América. Todavia, duas são ainda as sociedades na Terra, seja, os 2 blocos: de um lado, URSS e Satélites; do outro, América e os dela. Cada vez mais poderosos em pistolas. Capazes de partir os dentes um ao outro. Em que virá a resultar esta situação? Porque nem a América pensa em conquistar a URSS nem, para já, a URSS pensa conquistar a América.

III

Há 30 anos, havia xis Estados independentes e uns tantos colonizadores (Angola por exemplo). Tudo mudou.

Mas na Espanha, os das Vascongadas não querem

1.ª página)

logia, a Paleontologia e a Antropologia. Mal o fazemos porque o fim último de cada é apresentar tentativas de explicação sobre o que o homem foi, é e há-de ser. É o homem, como o doido do marxista, Politzer, disse, um ser somente carne e osso? E as provas disso? Ou é o homem um ser dotado de espírito imortal como Cícero fez Catão dizer no

ro De Senectute? Porque Catão disse ali aos dois que o sitavam e lhe pediram que lasse da sua Terceira Idade: «Nunca alguém me há-de invencer de que...»: Catão istentava que ia morrer, sim nhor, mas porque levou vida cta, não temia a morte e ém disso, como Ciro, persa, isinara aos filhos, ia para rra melhor que esta e volta-a a ver os amigos que morrem antes dele. Vida recta, sse ele. De modo que muito stigo hão-de ter esses outros a vida se pauta por regra nenhuma — como se Deus não ouvera, pior que os pagãos África de hoje e o povo que o Minho vivia no tempo de isto, no tempo dos Castros (asas nos altos), no tempo Pedra Nova e da Pedra Ve-a (Paleolítico), quando nos Antepassados cortavam le-na a golpes de pedra, etc.. Alta então a pergunta: ar-neologia para quê?

Seria assim de todo o interesse ir formando alguns modelos, com alguma teoria e muita prática, que soubessem distinguir, nas margens do lma ou do Mar, a Pedra que obra de homem (partida por omem há milhões de anos) e sso mesmo ensinassem aos neninos e meninas das escolas urais: ensiná-los a ler as pe-

obedecer aos Castelhanos e sim ser Estado independente. Daí a Eta, etc.. Os da Córsega (ilha de Napoleão) não querem ser colónia da França — e daí o terrorismo que lá se vê. Os da Irlanda do Norte nada querem com os Ingleses e nem o Papa ir lá perto os fez mudar de ideias. Já se fala dos das Canárias mandarem a Hispandade às urtigas. Quanto a nós: e se algum dia os da

Sobre o problema





# PONTOS DE VISTA

(Continuação da 1.ª página)

que muito haveria a dizer sobre este ponto — e que nasceu em Seligenstadt, perto de Aschaffenburg, cid. da Alemanha Ocidental — Baviera —, em 1433 e faleceu em Bruges em 1494. Génio muito original, forte, quase toda a sua carreira se desenvolveu em Bruges, onde são conservadas as suas principais obras: composições religiosas de um estilo doce e calmo. Citemos algumas: além da já acima referida — Casamento Místico de Santa Catarina — e a Relíquia ou Relicário ou urna de Santa Úrsula, existente também no referido Hospital de Bruges. A seguir algo direi sobre Santa Úrsula, por identificação de obras de arte com as que vimos esclarecendo. De Memling temos também uma Pietà impressionante que, como sabemos originou obras de arte magníficas de vários artistas. Cito algumas, sem nada dizer dos autores, para não aumentar o trabalho e porque serão conhecidos já por outras obras, já por outros meios: A Pietà mais famosa é a de Miguel Ângelo, hoje fortemente protegida na Catedral de S. Pedro, em Roma, a qual foi mutilada em 22-5-72 por Lazslo Toth, mentalmente desequilibrado; o quadro de Guido (Bolonha); de Anibale Garacci (Nápoles); de Van Dyck (Antuérpia); a Pietà de Villeneuve-lès-Avignon (Hoje Louvre); a Pietà de Bellini; a Pietà de Van der Weyden (Bruxelas); a Pietà de Avinhão, da Escola Francesa do século XV; a Pietà, escultura de bronze, António Teixeira Lopes e a de mármore, em tamanho natural, na Sé de Lisboa (1904). Deste último — Teixeira Lopes — devo referenciar algo da sua biografia, bem como de seu pai e irmão, por se tratar de artistas portugueses: comecemos por seu pai, José Joaquim Teixeira Lopes, notável escultor, nascido em S. Miguel do Tua (1837-1918). Discípulo em Paris do Prof. Joffroy, é autor da estátua de D. Pedro V,

no Porto, do conde de Ferreira, no Hospital que tem este nome, etc.. Seu filho José, architecto illustre, nasceu no Porto (1872-1919), que ligou o seu nome a importantes projectos, entre os quais o da Companhia Garantia do Amazonas, no Pará, etc.. O outro seu filho António, architecto e escultor, aluno distinto da Escola Portuense de Belas Artes, discípulo de Soares dos Reis e em Paris, de Cavalier e Barrias.

## MAS O PAIS QUE SÃO ASSASSINOS

Por Francisco Almeida

Dizem os dicionários que assassino é aquele que mata alguém com surpresa ou com premeditação. Mata ou manda matar, autor físico ou moral. A História da Humanidade colleccionou casos de gente que matou os filhos, de gente que matou os irmãos,

de outros que mataram os pais e ainda dos que mataram as mulheres ou elas os maridos. A Bíblia quase abre com um fratricídio: Caím prosta Abel por uma ninharia. Termos como patricídio, matricídio, uxoricídio, filicídio e infanticídio são frequentes e conhecidos. *10 x 80*

Na velha lei de Israel havia a regra do toma lá, dá cá, olho por olho, matas-morres. Em meu parecer, a úni-

ca pena justa para quem mata por querer é morrer também. É tanto assim que em mais de 150 países que há, só 21 não matam o homicida — até ver, que isso vai mudar. Aí vai. Como é possível ao homicida confesso ir apelar para o hotel da raparigas apenas por uns dias do não fogueira para os dissonantes? *85 10 x 80*

8.53







# BARCELOS:

I

Ridícula a gesta dos nossos republicanos de há 70 anos: ridícula e estúpida! Então, os desgraçados não foram baptizar de Largo da República o terreiro que sempre mais não foi, nos factos e na boca das gentes, que Largo do Senhor da Cruz?

J. S. M. 11/2/82-

Não me interessa agora falar do Templo que é centro das festas das Cruzes. Se comemora as Cruzes, porque há-de chamar-se, do Senhor

Continuação da 1.ª página)

9 meses de inverno e 3 de verão só permitem raros arbustos e pastagem onde criam ovelhas de cauda grossa (a lâ de Cichemira), cavalos e pouco mais. Ultimamente, algum algodão e minas permitem que estas gentes, outrora sempre ambulantes à procura de pastos para os gados (nó-madas), se vão fixando como aqui em Portugal.

Era um país desconhecido, de gentes perdidas nas serras. Chegar ao Afeganistão só é possível em subida contínua transpondo esta e depois aquela garganta de serra, quase sempre caminho estreito

## Da 1.ª Encíclica do Papa da Polónia

### Algumas notas

por Francisco de Almeida

E' bantante extensa esta carta do Santo Padre e já vi duas edições em Português—um desperdício e até descoordenação porque, uma menos científica que a outra, ambas custam os mesmos 30\$00 e sendo só uma, podia ser mais barata. Quero crer que haverá pelo menos um leitor da Encíclica em cada aldeia, o que nos dá um índice de cultura, mil vezes mais vasto que há cem anos. Os antigos consideraram sempre escritos destes como sagrados e é por isso que chegaram até nós textos com quase dois mil anos.

Quase no fim, o Papa chama-lhe meditação. Já todos notaram que pela 1.ª vez um Papa diz eu em vez

do majestático nós. Está certo porque Cristo nunca disse nós, mas Eu.

E' natural a curiosidade de querer saber que doutrina vem ensinar um homem saído da Terra dos Tentões onde convivem judeus e católicos de rito latino e outros de rito

oriental e cismáticos ortodoxos e protestantes, todos sob o jugo de de ateus da doutrina do proletariado, isto apesar de ele ter estudado na universidade pontifícia de Roma. E' que a visão da mesma doutrina cristã pode ter expressão diversa num Papa vindo da Polónia ou da América, do Japão ou da África. Deus que o lá colocou, alguma coisa lhe achou.

Frisa bem João Paulo II que o Vaticano, também II, é palavra de Deus como nas Escrituras, o que às vezes os católicos de Oeste, nós, esquecemos e Monsenhor Lefebvre esqueceu. Insiste bem ao modo dos

(Continua na 4.ª página)

los sobre a origem da Árvore do Natal, que se usa nas vilas e cidades e não nas aldeias. Não é costume pátrio. Note-se que o Vaticano II manda se adaptem os usos dos povos: tudo serve de louvor ao Deus Menino, o que conta é a intenção.

Fala das rabanadas que os Mi-chamados ritos de passagem, cada um de nós e são: Nascimento, Casamento, etc. Também nascemos como o Filho de Deus, já o atestava o Infante Santo, prisioneiro dos Marroquinos (anacronismo) pela boca de João Álvares. E é bom que se ligue: para santificar o nosso nascimento e ligá-lo ao do Menino, também mortal como nós e sem privilégios frente a nós.

Que mais queria o Sr. Teófilo Braga, grande adversário desse Jesus, que Deus fizesse? Mais tolo, contudo, que o Dr. Leite de Vasconcelos: este acreditou na patra-

(Continua na 7.ª pág.)

vereira. Vejam o que traz (recolha de textos até 1959), sobre a época do Natal.

Páginas 322, no distrito de Viana, refere o jogo do pinhão que em Barcelos é «par ou pernã»?. Estu-

photos reservam para o Natal e outras terras, não. Aqui, o bacalhau, para o sul, o arroz de peru (pirum, dizem os do Alentejo) e é por isso que em Lisboa havia antes da festa, mercado livre de perus. Acabou tal mercado. Aqui, a missa do galo que muitos autores estudaram, até Adolfo Coelho, Luís Chaves, etc. No sul, quase não há: foi-se, decerto como o compasso está a voar de cá.

Esses estudos são por regiões: Paços de Ferreira, Viana, Aróuca, Madeira, etc. Na Madeira, as missas da novena do Menino — que Barcelos anuncia com foguetes — chamam-se missas do Parto. — da senhora, claro. Bem observado.

Na Sé de Angra havia ritos especiais em honra da Senhora do Leite de Vasconcelos deu-se a procurar donde vem a palavra Consoada, como se deu ao trabalho de estudar o Natal no livro do Doutor João de Barros, dos anos 1500.

Isto do Natal pode ligar-se aos







perigo de aqui não haver pão e havê-lo além com fartura sem que ele o soubesse, etc.

E todavia, é muito de estranhar que para inventar uma só máquina tantos cientistas calculem, desenhem, observem e experimentem e digam que o cérebro do homem, com 14 milhões de células, se formou por «acaso»! E é muito mais complicado que qualquer máquina de calcular como os neurologistas demonstraram. Por outro lado, cada pessoa ou animal contém em si uma série de máquinas automáticas: ele é a visão, o digerir dos alimentos, o caminhar e aquilo que a máquina não pode fazer muitas outras funções sem falar nunca: ter filhos, programar-se a si próprio (decidir), pensar, ter amizades, dominar as máquinas.

Quem é este ser chamado homem que assim se eleva não só a dominar a terra como a tudo quanto nela há? É ele apenas terra? Mas já se levantam em França meia dúzia de revolucionários a dizer que o marxismo falhou, está morto.

Como diz um neurologista francês: os materialistas têm de ter mais cuidado com o que dizem porque a doutrina certa é a de São Tomás. ao dizer que o homem é terra, mas animada. Sem alma é cadáver e seus mecanismos param todos.

FRANCISCO ALMEIDA

## FÉRIAS DO MINHO!

dizer que algum lá não vá. Vejam quem é. 16/2/24

Têm alguns subsídios de férias. E deviam ser todos os que trabalham com a cabeça: no verão é insuportável não mudar de ambiente. Mas... e dinheiro para ir para férias? Por isso se ficam pela Terra, vegetando. 16/2/24

No sul, muitas famílias vão para férias em casa dos parentes a viver fora: o Porto, Aveiro, Lisboa e tal. O Minho não usa tanto esse sistema como independente que é e aborrecido de aborrecer. Nem «cravar» ninguém.

Dito isto, eis a questão: não seria a F.N.A.T. criar no Minho colónias de férias? É que só ela, pelos preços que pratica (por exemplo, 15 dias por 1.400 \$), pode dar aos nossos trabalhadores uns dias de fuga, descanso e convívio a preços suportáveis pelas bolsas deles. Enquanto não, terão de continuar a gozê-las na Póvoa nada caras...

ACACIO TORRES

Madeira quiserem ser Estado independente? E se os Açores?

Não duvidem de que hão-de ter por esse mundo fora quem os apoie.

### IV

Conta um general mais antigo que Cristo, que, um dia, os Helvécios (Suíços) resolveram mudar de terra, emigrar. E, para que não houvesse saudosos, no dia x, os chefes deles fizeram queimar

8-55  
ao pomposo Instituto de Marxismo-Leninismo do Comité Central do Partido Comunista da União Soviética. 129 páginas, cartas e discursos de Lenine, dos anos de 1913, 1912, 1909, 1920, 1918, 1905, etc. Quer dizer: da época do nosso Afonso Costa, outro que tal, o desgraçado!

4) A publicação dessas velha-

## NATAL

ágina 1)

Ha-de haver aí alguém a botar sentença sobre estes assuntos. Atenção, portanto.

### Discípulos e Mestres

Os leitores já viram, o que não sei é se repararam: homens e mulheres, moços e adultos, ao nosso lado, têm cada um seu deus. Para estes é Marx: para aqueles é Sade; para uns outros será Lenine, ou Mao ou Freud, ou Diderot. Há-os que seguem Lutero e outros que tais. V.U. 20.XII.75

Uma só coisa eu observo: é que são coerentes, quero dizer, aderiram porque os conhecem às suas obras. Copiam-nos no vestir, no viver, no falar e estudam-nos cada vez melhor. Será que aqueles que dizem seguir o Menino são exactamente os que não O copiam na vida, nem estudam as obras d'Ele? Se é, estamos como os Judeus: perdeu Deus o tempo connosco.

Nos, não a y. Cristo. F. Almeida

## SOBRE O

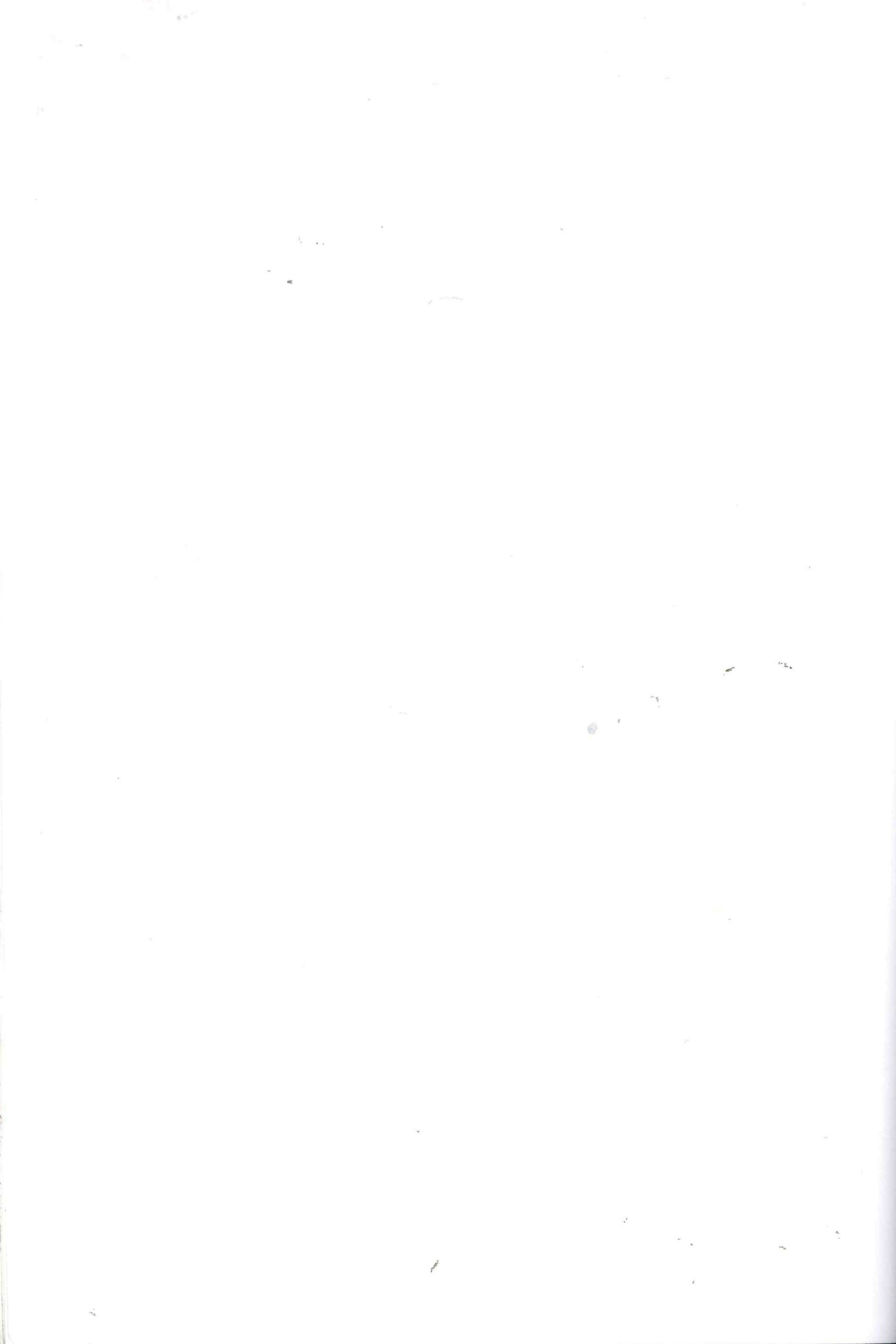
(Cont. da p. 2)

E porque é que tantos povos ainda hoje não ouviram falar desse Menino? Dos que ouviram: porque é que até em livros escolares (livros únicos) de algumas nações se ensina que isso do Menino-Deus é lenda? In V. Minho 20.XII.75

Nota: problemas destes não pertence serem estudados em livros de aritmética e semelhantes. Nos de história, não sei. Se temos historiadores a mais, como dizem, algum nos responderá a essas questões.

Final, o problema é este: que ganha ou que perde quem, como tantos, põe o Menino, e a consciência atrás da porta? E, indiferente, ou não é, seguir a doutrina que esse Jesus do Natal veio ensinar? Como nós não O vimos, nem ouvimos a falar, nem a curar doentes, etc., que meios temos para saber se quer que Ele existiu? Pela história do que já houve na tarefa? E vamos acreditar todas as histórias? Seja: como distinguir o que se diz — e é verdade — do que se nos diz e é mentira?







# ACHEGAS PARA A História de Barcelos

(Continuação do número anterior)

## DO 2.º PONTO — JORNAIS DE BARCELOS

Toda a gente havia de pensar que poderia ler os nossos antigos jornais na Biblioteca de Barcelos. Segundo Mancelos, não. Porque lá não

PELO

Dr. Francisco de Almeida

existem. Então onde? Na Nacional, em Lisboa, só há de cada jornal um ou outro exemplar. Que pena se a Câmara tudo deixou o vento levar!

Vejam os alguns, em sequência da lista do n.º 345 de 5/5/73 e da que se lhe seguiu e do «Barcelos em 1900» (Folha da Manhã).

1 — REVISTA DO MINHO (1886). A Nacional tem-na porque o Dr. Leite de Vasconcelos lha ofereceu. Trata: as bruxas a pentear-se (pág. 6); referem-se as TRADIÇÕES populares de Barce-

los do nosso Landolt; a Aurora do Cávado (jornal); a «CANINHA VERDE» por S. Vieira; estuda «gajo» — que diz cigano; «minha mãe prame casar»; Padre nosso pequenino» (que ranchos de pedintes contavam e de que ainda imagino a melodia). O volume recolhe só os números de Abril a Dezembro de 1885.

2 — O MOSQUITO (jornal). Só uns 20 números. Era do S. Vieira e colaboraram: Poupinha e outros. N.ºs 1 e 4. É de 1883. Saía ao domingo.

3 — O IMPARCIAL — n.º 1 de 24/7/1867. De José Alves Valongo e Sousa (administrador). Refere em Roriz a morte do pároco; a lei que obriga à feitura de paróquias civis com um mínimo de 500 fogos cada.

Galegos, Lijó, Manhente e S. Veríssimo, refere, passaram a ser 1 só

(Continua na pág. 4)

Ag. em Lisboa 8-56  
ficiente (n.º 22); para mais ser nascido empurra para emigrante (n.º 23); para mais, não há trabalho para todos os que querem — e precisam de trabalhar (n.º 18). 2.ª. 17-8-84

A pessoa humana sofre! Chega a convencer-se de que ser anarquista é que é o bom governo (Televisão, guerra Civil da Espanha). E sem governo, é ainda pior. Sonhamos pelo bom, saem as contas furadas!

As dores e as atitudes. Também os samurais sofrem — mas não o suportam como Cristo suportou. Também Estaline sofreu, diz a filha. Mas não suportou como Cristo fez. Nós sofremos, mas não como o Job da Bíblia encarou o que lhe caiu em cima. Ora bem: até aqui todos os leitores sabem o que dito fica. A mim parece-me que a Humanidade de hoje tem o que os Judeus deixaram de ter cerca de 350 anos antes de Cristo — não tiveram mais profetas. Parece-me que o Papa é um profeta: ensina na Carta dele a ver as dores com olhos não só de carne.

Por isso, a leitura da Carta há-de ser benéfica para muitos. Desse modo, os meus leitores ganharão em ler e meditar.

## PAIS E MÃES ASSASSINOS

Continuação da 2.ª página  
esta conclusão brilhante). Como se elas não fossem umas oportunistas, preguiçosas e desavergonhadas.

Que fazer? Enxofre sobre tudo? Se pudesse ser apenas sobre os culpados... Mas as bombas ao cair não escolhem caras, justos ou pecadores.

É aos vizinhos, à sociedade, que compete meter essas abortivas nos eixos. E aqui não pode haver democracia nem votos, é diladura do que precisam porquanto nunca o criminoso votaria a sua própria e mais que justa condenação. As crianças por nascer nunca foram agressores de ninguém. Menos ainda das que as conceberam e que já nem merecem mais o nome sagrado de Mãe.

10-X-80

um? Quem seriam? Mas sem história, não de do sem vilgância.

Mata-se quem não pode lar nem tem culpas algumas de existir. É morto só porque existe, porque é, como os judeus o eram por Hitler por existirem. 10-X-80

E afadigam-se depois a procurar razões: que na barreira da mãe ainda não são gente; que a mãe sofreria vergonha; que o não pode sustentar no estalão que pretende, etc. E viva o Progresso, isto é, a nova moda, a nova lei, mesmo exécranda!

Progresso em quê? Que é o progresso? Os profetas antigos chamavam, mesmo que lhes cortassem o pescoço. Os de agora remetem-se ao silêncio! E quando um como o Papa, refila, ai Marx (não Deus) que invade a Santa Soberania do Estado Italiano! Porque o Papa é um político para esta gente. Até escreveram que «elas» só vêem nele, «sexo»! Culpados? Como o escreveu uma ex-prostituta num jornal: a sociedade! Só! A ex — é uma santa, foi-o sem ter culpas de nada (ela não se lembrou de tirar





## A Propósito dos Monges de Vista

(Continuação da 1.ª página)

do Seminário de Braga (1.º volume), falta agora a da Diocese de Viana. A Guarda publicou uma em 81 (1.º volume). Mas saiu agora (1983) a de uma freguesia Barcelense (Vila Seca) que aborda tudo: civil e religioso. C. Sar 15/7/83

É verdade que o sector (história) religioso não interessa alguns. Mas qualquer história civil, portuguesa, que o não trate, falseia a vida dos nossos antepassados. Por isso, mesmo Oliveira Marques, ao jeito dele, claro, aborda em cada época, o religioso.

É verdade também que numa Coreia do Norte, o religioso não só não interessa como é combatido. É assim que se noticia que um capitão aviador de lá fugido (os aviadores têm sorte) respondeu, em resumo: a) nunca vi (no norte) uma igreja; b) a religião é lá combatida; c) para inglês ver, fazem professores de história fardarem-se de religiosos (Monges); d) quem discordar

e católico», refere na página 207, que em 1977 32% disseram sim e 56 não quando em 63 foram 26% os sim e 56% os não na Itália, mas já em 73 os sim eram 55% contra 34%.

Em Madrid dos votantes no PCE, só 16% se disseram ateus, 7% disseram-se católicos praticantes o mas destes o PSOE tem 22% a MC 51% e a AP 74%.

Como vamos nós aqui em Portugal?

Produto por cabeça em 75% Portugal. 1570 dólares, mas a Espanha 2750 (quase o dobro!) — página 185. Só muito raro alude ao catolicismo. Diz (180): a religião continua a ser em todos os países do Mediterrâneo católico, a variável decisiva... a sub-cultura católica (o substracto)...

Outra bibliografia: Problemas do comunismo (173). A experiência jugoslava. Cultura política e mudança política nos países de Leste (172). tempo da Ilusão (109). Mundo político em transição (73). Um outro comunismo? (49). A sociedade contra o Estado (49) e Crise Fiscal do Estado (48).

### N.º 6 — Dos Hospitalários em Barcelos.

Disse que este S. João é patrono dos Hospitalários que surgiram pelos anos 1100 para defesa dos Lugares Santos (Calvário, Belém, etc.). E ensina o Padre Miguel de Oliveira na História Eclesiástica (4.ª ed. p. 150) que (a do Hospital nasceu de uma Congregação destinada a receber peregrinos e cuidar dos enfermos... tiveram a primeira casa capitular (mãe) no mosteiro de Leça do Balio... Em 1232 doou-lhes D. Sancho II a terra do Crato», que fica um pouco a sul de Portalegre.

## João

Eles aparecem donos de terras nas seguintes freguesias, nossas (ver Dr. Teotónio — Barcelos): Aborim, Aldreu, Alheira, Alvito (S. M.), Ginzo, Carapeços, Cossourado, Creixomil, Lijó, Oliveira, Quirás, Silva, Tammel, Tregosa, V. Frescainha. São 15 das 47 do Barc-Aquém (norte), 1/3 ou 31%.

E no Barc-Além (sul): Bastuço, Carvalhal, Chavão, Minhotães, Paradel, Rio Covo, Sequiade, ao todo 3 em 46 — e logo 9 e tal por cento. Portanto, ao contrário dos Oragos que são mais densos a sul, o que, outra vez, há-de ter suas fundas razões. Que não sei dizer-vos.

Anote ainda que a coisa se complica quando o Dr. Teotónio nos ensina que as de Chavão, tornadas Comenda, abrangiam Quinta em Arcozelo.

Ora os monges não iam comprar, antes de 1220, aquelas terras todas. Deram-lhas. Mas quem? E que motivos levaram a que doassem aos do Hospital? Certo: a devoção ao Baptista cujos filhos cuidavam das gentes e lugares santos da Palestina.

FRANCISCO DE ALMEIDA







# UM K 7.1.72 e suas ilhotas

(Continuação da 4.ª página)

quezas humanas do ouvinte, nada mais seria preciso.

Mas na realidade, e porque é a própria Constituição que nos rege, asseguramos o direito de não sermos ouvidos senão acompanhados de defensor — que é um advogado ou outra pessoa capaz.

Há-de então haver defensor ao lado de António sempre que tenha de prestar declarações — ser ouvido?

Nos princípios do Código do Processo Penal, o problema não se punha: nunca se podia ouvir António sem estar acompanhado do defensor.

Mas das ilhotas do Processo Penal afundaram-se umas para surgirem outras e daí perguntar se se, após o Dec.-Lei 35 007, ainda se não pode ouvir António sem defensor, durante a 1.ª fase do processo — instrução preparatória, que dantes era feita pelo Juiz e hoje não é

que há meses, Roma mandou que um Vigário apostólico, alemão, na Namíbia, cedesse o lugar a um namibiano — tal como sucedeu em Angola após 1974. CV. 4. XI. 82

Actualmente, o internacional situa-se aos seguintes níveis:

1.ª) — agentes de catolização — que são padres, irmãos e freiras e até leigos;

2.ª) — fontes das receitas para as despesas de missionação.

Tomemos exemplos quanto ao pessoal (agentes) missionários: a) em Angola já trabalham padres e freiras idos para lá a partir de 3 dúzias de países — até do Brasil e do Japão. Até o antigo Ceilão (Sri Lanka) já exporta missionários e freiras para as Áfricas. As Filipinas, também.

Daqui conclui-se: sem pôr de parte a missionação Norte-Sul (Portugal-Angola), agora os agentes parecem seguir os caminhos dos paralelos, das Latitudes. Assim, o Brasil, o México, a Venezuela (e Cuba quando tiver liberdade) que tratem de catolizar Angola e a Nigéria e o Gabão e o Senegal, etc.

Por outro lado: até há 150 anos eram os cofres do Estado de Portugal e da Espanha a suportar os gastos com algumas dioceses do Ultramar. Desde então a fonte das receitas, estaduais, acabou e abriram-se fontes populares: são os católicos, até rurais, quem garantem as receitas para a missionação — e em 1979, Roma recebeu 6 milhões de contos, do Mundo todo, para o Mundo todo (Portugal deu 12.000 e tal contos).

Quer dizer: as receitas democratizaram-se e já não estão tão sujeitas a alterações políticas. Se o Camboja e, decerto, o Vietnam e Angola e Moçambique e outros deixaram de poder concorrer com óbulos para missões (na linha im... desde o Vaticano II) isso pouco conta em perdas de receitas. Mas nem por isso esses países deixaram de receber auxílios para evangelizar por exemplo as Lundas, o Bié, etc e a menos que os do M. P. L. A. e outros a tais recebimentos se oponham — e há oposições dessas.

Outra internacionalização é o caso de uma diocese polaca por exemplo, se encarregar de certa diocese nova em Terras da Oceânia, como já acontece. Uma espécie de dioceses — irmãs como o caso das cidades — irmãs.

Em bom rigor, já se não pode hoje falar em Missões porque cada país tem já as suas dioceses (Guiné-Bissau, uma desde 1977) e é aos católicos de cada país que cabe catolicizar os restantes desse país. Mas haver em Angola padres e freiras de 30 nações tem também a sua força política. ACACIO TORRES

## NOTÍCIAS DISPERSAS

pelo Dr. Francisco de Almeida

— é refutar aquilo que eu sei e sinto ser verdadeiro.

Digo isto porque a política de um país não dependeu nunca — e hoje, menos ainda — dos interesses apenas dos condutores dela. Depende também dos interesses e dos dinheiros que os agentes no interior recebem.

No Minho rezava-se a Deus para que nos livrasse do «mau vizinho de ao pé da porta». É isso, o povo descobriu. VM. 2. 8/2/72

Há aí uma História de Filosofia em Portugal que há 100 anos escreveu o nosso Lopes Praça e que o Sr. Pinharanda Gomes reeditou em 1974 com muitas notas. Lá se diz a pgs. 105 que «em Política as ideias de S. Tomás são realmente progressistas... A instituição política desta ou daquela forma de governo, essa é de direito humano». O governo (forma) é um problema de nível filosófico: por que razão hei-de eu permitir que A ou B ou C, mande em 9 ou 900 milhões? O orgulho humano é mais alto que a

(Continua na quarta página)

1 — UMA das coisas muito apreciáveis neste jornal são os dois títulos «pelo país fora» e «por esse mundo além». Sei que custam muito a elaborar, mas são de extremo interesse. Que se mantenham.

2 — Embora nem sempre leia e nem sempre concorde, admiro aqueles que se batem com lisura pelo seu esquema de ideias políticas. Há muitos esquemas — tantos como seitas religiosas entre os protestantes — e são mais de 400. Então, dirão muitos: quem tem razão? Quem está com a verdade? O problema é que pode haver 100 verdades e 100 erros num discurso. O absurdo está em que muitas cabeças chamem mentira ao que um outro diga, ainda que ele diga de facto apenas os pontos tais quais. Se os homens quiserem, não há assunto nenhum sobre o qual se não forme um consenso a 100% ou pelo menos de mais de 75% (porque há sempre uns 20 a 25% de marginais — ovelhas ralhadas). Tem de se dar razão, e sempre, a quem a tiver, seja quem for. O contrário «clama ao Céu»







8-59

Não sabiam os jerusalenses do valor deste casal, mas sabia-o muito bem a prima e o marido, Zacarias. Dinheiro, a prima lho adiantou e mandou um criado de confiança, que os tinha, acompanhar os nazarenos até Belém.

A coitada da Maria ia já tão adiantada na gravidez!... com isto tudo e os vagares a que a gravidez obrigou, perfizeram-se os 9 meses da gestação. Maria tinha ficado animada ao ver o bebê de Isabel já fero, com 5 ou 6 meses de idade. Agora era a vez de ela cumprir aquilo que um biólogo russo chamou a Tragédia Biológica da Mulher: o parto para Jesus nascer.

## VI

As minhas leitoras percebem isto

VICTOR GUINÉ  
em 25 de Outubro este comentário:

«Quando se for embora, e sem que o desejasse, a inflação será maior. O défice interno também. Da lei dos despedimentos, nada. Da lei das rendas, possivelmente também não ou surgirá deturpada a ponto de ser irreconhecível. As empresas públicas ficarão na mesma».

— se to...  
Portugal — em zo...  
— entre os 15 e 25 graus u...  
de — portanto, quase no bojo da laranja que a Terra é, com calores semelhantes aos da Guiné-Bissau.

## FILHOS DA ESPANHA

Toda a América Central foi descoberta por marinheiros espanhóis — como Portugal descobriu o Brasil. Por isso, todos estes países falam castelhano e tem especiais laços, de sangue (emigrantes e colonizadores) e costumes, com a Espanha. Também por isso, são d'

(Continuação da 2.ª pág.)

todos nobres, que não sabiam nem quiseram saber de trabalhar; ódio ao trabalho, terras por cultivar, entrava muito ouro mas saía ainda mais, os artistas (operários) eram estrangeiros, os rapazes não queriam casar nem era preciso tal a dissolução de costumes, compravam escravas para lhes vender os filhos que paríssem

cartas, traduzidas, com algumas notas.

As cartas são de uma actualidade pasmosa. Para nossa desgraça, que os grãos safam-se sempre e os trabalhadores, o mexilhão, é quem parte as costas nos rochedos do mar. Criminosamente deixa-se correr tudo tão mal na empresa que ela vai falir. Os trabalhadores já o viram e querendo salvá-la abdicam de tudo. Pois o ministro reconhece que a gerência da intervencionada nada faz e não a demite.

Um trabalhador já vendeu a aliança para comprar pão e vai perder o emprego e o salário — dele, mulher e filhos.

muito bem: as dores dos músculos que se dilatam — e não havia então doses de puerperina a ajudar nem o parto sem dor. Mas se essas dores, no texto do Gênesis à Eva e descendentes, foram impostas porque infiel, sendo Maria, na voz do Anjo que lho falou, a Cheia de Graça, foi poupada às dores do parto.

Os donos da casa onde pernoitaram, nem o casal, não esperavam o parto tão para já: a cidade, que era pouco mais que uma das nossas aldeias, estava cheia de imigrantes que de longas terras se vieram arrojar. Se o parto parecesse iminente, os judus — donos do curral davam recanto mais capaz à parturiente.

A correr foi o José chamar mulher que partearse o caso, arte que foi feita só de prática até ao ano de 1842, em que se fez a 1.ª maternidade do Mundo — na Checoslováquia. Isto mesmo se comprova pelas Histórias da Medicina.

Tudo correu bem. E a Mãe lá preparou o bebê leproso para o novo ambiente: ele não podia suportar em pelo o gélido clima de Belém e foi enfaixado em panos que a Mãe já consigo trouxe. O Miúdo resistiu a tudo.

valores para 80. Mas isto chamava-se falência.

\* \* \*  
Hoje estão em actividade duas orientações que são como relata o Gênesis: S. Miguel e crentes, por Deus e Lúcifer e ateus, contra. Ora o certo é que Deus permitiu ao diabo dar cabo da casa e fortuna e filhos de um crente que se chamou Job. Se o Job de hoje for Portugal, bem pode qualquer dia ficar para aí em pelote, e mais, cheio de lepra.

Francisco Almeida

Terceira parte.

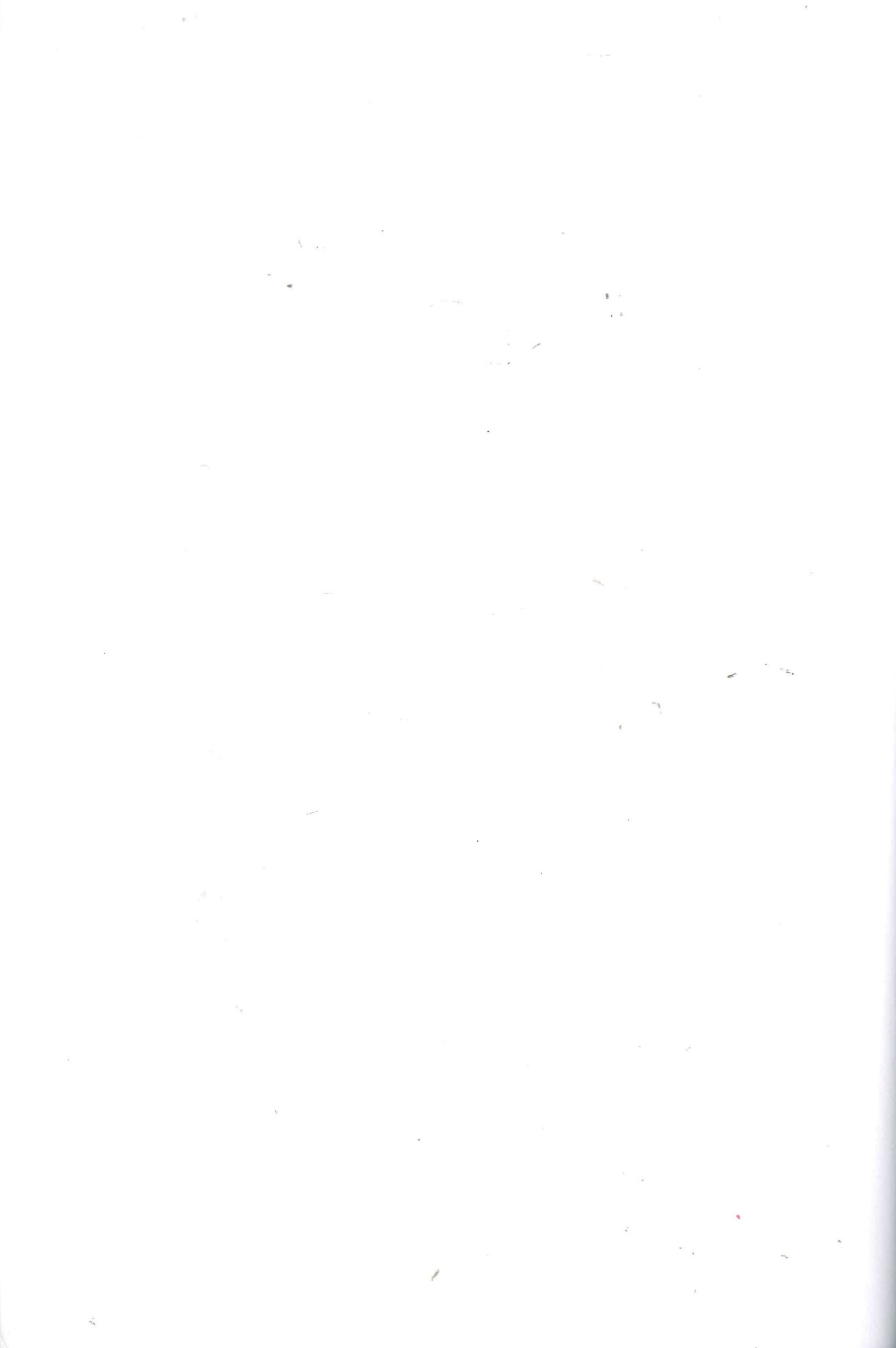
Disse o bispo do Porto que o passado lhe interessa como coice para o futuro. Qual futuro e quanto tempo de futuro?

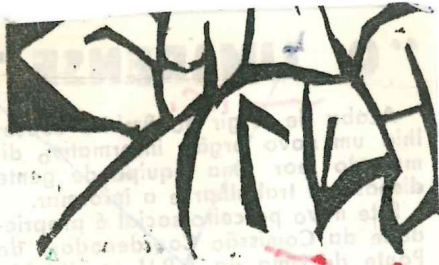
Andam sempre às cabeçadas nas nuvens a ver se furam o céu...

A outra virou PC depois do 25 de Abril e agora vai sempre à noite trabalhar no Partido. Em Agitação e Propaganda. Muitos de nós tínhamos ficha vigiada na Pide e eu acredito que a teremos no P.C. Lá na URSS é assim e é de lá que vem o sol e as amplas.

(Continua na pág. 7)







ag-  
omana

Vem isto a propósito das «n» de Cristo há biografias, de nós s história, a biografia: são biliões i se escreverá a vida — se fará a vida? Ora aqui está uma coisa q zer o que é. E contudo todos c rioso que nas primeiras folhas de e Adão começou a mexer, a ter resulta de um sopro de Deus. povos primitivos (África, Oceania um homem tem, de gerar um fill poderes de Deus, poder divino. assim pensar e não há entre os que não concorde com esses prii E tão inconsiderado anda!

ram tocadas da mesma ângia e reclama ram sindicalmente o mesmo poder de ir a médicos de nome e ter remédios para não morrer.

Daqui os Serviços Públicos de Saúde, o Serviço Nacional de Ambulâncias, a Segurança Social.

A pretensão é, portanto a de, mesmo entre os católicos praticantes, não sair de cá, não morrer, não passar à outra margem do rio. Como, se dizem que do de lá, no Além, na Eternidade, é que há a Felicidade isenta de qualquer mal ou limitação? A experiência demonstra que não há quem não anseie pela imortalidade (elixires de juventude, etc.). Logo, a morte é algo que soa como um absurdo, embora facio notório. Só, porém, os místicos terão pressa em deixar esta vida (e Paulo de Tarso desejava-o, disse ele).

Certo que aos descrentes não pode dar s... promessa de Deus

Outra vez, só com a ajuda dos católicos do Ocidente, estes escravos, desobedientes ao Papa — não eles, mas os seus bispos — conseguiram sacudir o jugo turco. O que teria sido a civilização se não tivesse havido uns bispos como Focio e Cerulário, mais afectos ao Estado que ao Cristo? Porque a divisão e separação dos bizantinos, face à Sé de Roma teve motivação puramente política. E é por isso que, ainda quando Aténagoras ou Gheorghiu quisessem voltar à unidade com Roma, o não poderão fazer porque os escravos e ortodoxos da URSS o não permitem. Pior sendo os governos, como são, comunistas, ateus.

Surge aqui um problema filosófico da História já falado por Agostinho de Hipona, o africano, pelos anos 400 e citado na História dos Romanos: «uma parte dos Dáctos vivia asceticamente, votada à contemplação» (pg. 17). É a Zalmoxis... pregava a superioridade do espírito sobre a matéria.

Deus. Isso causou tremidas dificuldades internas ao corajoso, perseverante, perspicaz e previdente Paulo VI.

O homem de hoje, diz o Papa, é um ser que sente medo: das bombas, da auto-destruição, da técnica que por artes maléficas lhe faz sair o tiro pela culatra. Medo, angústia, insatisfação, contradição interior, erros de pensamento e de vontade, é isso o homem de 1979 para o qual, ao contrário do materialismo que aliena, a segurança, esperança, paz e verdade estão tão só em Cristo que por isso mesmo é *Redemptor Hominis*.

Há-de haver outras leituras da carta e é natural porque dá pano para mangas: não fosse o Papa Karol um tão profundo pensador da nossa época e ao mesmo tempo, um tão ilustre sequaz do Cristo.

de que todos não-de ressuscitar. Certo que para os agnósticos não se prova nem Juízo Final nem Inferno nem Paraíso. Mas nem assim são dispensados de passar para a outra margem! Passam ou não? Se se passa, como é ela? A quase toda a gente assusta o só facto de cogitar estes problemas. Ora eu quero dizer-lhes, como uma mulher russa, de 60 anos, disse aos bolcheviques de 1917 que a ameaçavam de morte: estou pronta, mesmo hoje, para aparecer diante de Deus (ver Gulag, 1.º volume).

Páro aqui porque isto é um jornal. Razão tem Roma para ensinar aos homens e mulheres que se lembrem sempre dos Novíssimos de cada um (e a 1.ª novíssima coisa para todos nós é a nossa morte — mas custa-me a imaginar-me num ataúde!). Sempre o célebre Memento Mori da Quarta-Feira de Cinzas tornou os homens mais honestos e bons para os seus semelhantes. Nos tempos que correm, as pessoas têm medo da morte. Acho que, pela vida que levam — ladrões, poços de mentiras, dolos, armadilhas, blasfémias, desregramentos do sexo, etc. — boas razões têm para temer a morte, melhor, o que se diz que existe para além dela. Talvez por isso é que o conhecido comunista, Bernardo Santareno — se não é falso o que vi escrito — à hora da morte, chamou um sacerdote e quis ser sepultado como católico. Será que este passará conseguiu ter coragem, para lançar o ateísmo ao demo e voltar-se para o Senhor da morte e dos mortos, como dos vivos?

Se sim, admiro-lhe a coragem! Bravo comunista! que me obriga a tê-lo como fiel-defunto e mais: um santo de Deus!

como pode ver em A Religião na URSS). São como o diabo: enquanto lhe não dão a vara (poder), tudo são falas mansas, encobertas. Viram o General Costa Gomes, que nem Salazar descobriu ser pró-soviético? E logo que têm a vara, correm-vos e às vossas cruzes, à bordada. Fiem-se neles e terão o pão que Lenine deu aos da URSS e Mao aos da China. Onde param os 185 bispos que a China tinha em 49?







que só foi quebrado — é a força em 1858, há 122 anos. Durou mais que 200, donde ser previsível que o da URSS só finde pelo ano 2.100. N. fam. 30.81

Para se entrar no Japão, era preciso provar não ser cristão, prova que consistia em calcar um crucifixo (é que o rei de Espanha-Filipinas era cristão). Mais: desterraram os cristãos japoneses, outros queimaram muitos e arrasaram as igrejas todas. Uma reviravolta completa.

## 528 — O que

Em 1582 já havia no Japão uns 150 mil cristãos le cinco vezes mais em 1639. Conhecem-se os nomes de 3.120 mártires, alguns já canonizados e conhecidos em Portugal como os Santos Mártires do Japão. Alguns eram portugueses. E foi Portugal quem plantou a fé no Cipango ou Japão.

Coisa curiosa: desde 1639 muitos católicos japoneses viveram na clandestinidade sem sacerdotes, sem sacramentos. E não esqueceram a doutrina nem perderam fé — apareceram uns 10 mil

## 934 Natal na Ciência Etnológica

Não são muitos os que em Portugal, mesmo nas horas vagas ou na reforma, se dedicam a estudos populares do passado. A Etnologia teve idade de ouro desde 1870 até 1950. Arrefeceu, embora exista um Centro de Estudos Etnológicos. Até 1910, estudaram-se fenómenos como Festas Cíclicas (religio-

sas, anuais, do Natal, Reis, Páscoa, etc.), Catolicismo Popular (santos populares, presépios, romarias, crenças), Arte Popular (edifícios religiosos, alfaías, danças religiosas e autos ou teatro popular). Foi publicada a Bibliografia Analítica de Etnografia Portuguesa. Ótimo trabalho de Benjamim Enes

## 813 Sobre as faladas centr. nucleares

(Continuação da 1.ª página)

Logo — e se bem que, se pudermos, — temos o dever de não agravar a vida natural dos homens, o certo é que os benefícios da nova energia são milhares de vezes maiores que os males que ela possa trazer; também o automóvel traz males e nem por isso as pessoas o dispensam (apesar de custar caro).

Sem dúvida: falo da aplicação paz a paz, o bem dos homens, não das bombas (mas a central não é bomba nem nós a temos nem podemos evitar que outros nos queimem com bombas); sem dúvida que é preciso que as centrais funcionem bem, sejam guardadas, travem os males ou perigos que possam causar. Mas isso não é razão para não as termos, ao contrário do que para aí se diz.

## Ante Sobre as faladas centrais nucleares

POR FRANCISCO ALMEIDA

pão, Alemanha Comunista, Alemanha Federal, Suécia, Suíça, Coreia, Filipinas, Finlândia, Formosa, Hungria, Irão, Japão, Jugoslávia, Luxemburgo, México e Roménia.

Quer dizer: todos os comunistas as tinham, menos a Polónia e a desgraçada Cuba;

só os pobretanas africanos e asiáticos as não tinham (como não têm tractores, automóveis, etc.).

Concluo: há portanto fraude e má fé naqueles que tanto falam contra o progresso e a economia de gastos que são as centrais nucleares.

Trata-se de ciência nova — a atómica — a que o físico Einstein, por sinal judeu, ligou seu nome. Uma radiografia aplica energia atómica e ninguém tem medo; a televisão faz-se com energia atómica; o calor do sol irradia energia atómica. (Continua na 2.ª página)

Para começar pelo princípio, é preciso dizer: 1.º) que o que arde nessas centrais é um mineral que se extrai nas minas da Urgeiriça, por exemplo, e se chama Urânio; 2.º) que esse mineral é submetido a um choque de alta potência e se decompõe gerando forças tão grandes e calores tão intensos que 1 quilo de Urânio dá tanta força como 30 milhões de quilos de carvão, seja 1 quilo — 30 toneladas; 3.º) é preciso arranjar energias novas pois o carvão não temos, petróleo também não e barragens a água não chega. N. fam. 23.81

Logo, ou optamos pela nova energia — do Urânio ou Atómica — para manter a indústria ou optamos por voltar à carroça, ao carro de bois, ao arado, etc. e à fome da Idade Média.

Acontece que os seguintes países já optaram (numeros para o ano de 1986): Bélgica, 5 centrais, Bulgária (comunista) 3, Brasil 3, Checos 4, Espanha 12, América 148, Rússia 7 e além destes: França, Holanda, Índia, Itália, Ja-





8K 62

Nova religião surgiu e temos 2 mundos: o de leste e o resto. Decididamente: os homens têm de estar sempre divididos em 2.

( Continua na 4.ª página )

e sim as chefias da cidade que querem manter um Deus. Disseram os bispos e disseram-no bem: que as leis estão a ser feitas **por consenso** — e contudo, imorais. Ora a Televisão já veio dizer que os homens do Cunhal vão voltar à carga com a lei do Aborto. Se ela passar, aí está uma lei tão imoral como a que permite o divórcio, a que não pune o adultério, etc. Porque Deus (lei de Deus)





Veio parar às minhas mãos, que mo mandou a catequista de um dos meus miúdos, um livrinho sobre um chamado Movimento Fo-

rão lares a arder.

Pelos vistos, no meio desse ambiente tão agitado há quem pense — e faça — que este bicho-homem precisa-se mais que só pão com sardinha.

## Da 1.ª Encíclica d

(Conclusão)

ortodoxos, que Cristo, ao sacralizar o pão e o vinho, tornou santas todas as coisas do Cosmos. Anota como já no Génesis Deus concluíra que não há seres maus na Natureza, porque todos bons. Repara como, de todos esses bons, o homem-Ajão foi declarado rei, senhor e governador e para tanto, inteligente e livre falante, etc., a maior semelhança com o Ser Supremo que os Cosm

muitas coisas, sobretudo esta: tal casa só interessava a uma elite, a uns quantos.

Demonstro. Fui lá uma vez. Vi e foi tudo. Quem eram os da gerência? Desapareceram. Que fazia? Jantares à minhota. Era alguma coisa e eu próprio lhe divulguei o nome com uma colega na colecção. A minha 6.ª classe... Quantos minhotos podem ir a tais jantares? Poucos:

que é anti-cristão destruir as flores-tas a torto e a direito (parabéns aos ecologistas) que é também anti-evangélico permitirem-se poluições de gases que dão cabo da saúde dos homens de hoje e de amanhã; que estamos a chegar ao ano Dois Mil e embora haja sementes da Palavra de Deus em todos os humanos (maometanos, etc), o certo é que em muitos lares quem governa são os amigos do diabo; que a leste ou a oeste, se espezinha essa obra sagrada, o homem, a quem enjaulam como se não devessem todos ser mais antes que ter mais e daí os anti cristãos desempregos, as inflações em flecha, os acirrados nacionalismos ao contrário do santo amor à Pátria.

Esqueceram diversos quanto Jesus é o novo centro ou sol dos humanos e das coisas do Universo; quanto o homem tem de precisamente igual a esse Jesus em dignidade ou valor; que a organização cristã (bispos, etc) tem por especialidade ser sinal de união de todos os divinizados humanos, união que com os acatólicos, contra certas opiniões, há que continuar a procurar sem esquecer que alguns senhores teólogos já têm vendido suas maliqueiras rotulando-as de palavra de

Ordens Quanto ao tema: apogeu do respeito à mulher decadências nesse campo. D Barc. 11/6/83

Ora a História disto está por fazer. Nem sequer para a minha Gales me lembro de quaisquer pistas que me elucidem em que séculos o respeito à mulher fosse grande, depois quebrasse e voltasse à fervura.

O Mês de Maio deriva da devoção à Senhora de Lurdes ou já é anterior? Nem isso sei.

Os pagãos adoravam deusas — que eram mulheres. Nem por isso respeitavam muito as mulheres do seu tempo. Actualmente, há muitos eles e muita elas a viver como pagãos. Não é de admirar a quebra tremenda, que aí se vê, no respeito pela mulher. O Estado legisla, mas quantas, lá em casa, não continuam a elevar porrada, como ainda hoje ouvi num autocarro e em Lisboa? Temo que venha a ser muito pior. Infelizmente para elas. Porque os homens... de ninharias não cuida o pretor (a polícia). É preciso regressar a Maio para regressar o respeito pela mulher.

É um facto que desde da Cortina de Leste as massas são radicalmente diferentes das de 1917. No caso de guerra com a China, qual o comportamento delas? Se até Moisés teve de se refugiar do povo em tumulto contra ele... De que depende afinal que as sociedades ocidentais sejam estáveis? Que consenso de maioria se pode conseguir em Portugal?

Uma dizia há dias para outro na rua: — As democracias não têm capacidade de resposta. Veja como a China respondeu logo!

O comentário é que tanto abusam do povo, que já alguns pedem quem mande — haja Deus! Pinheiro de Azevedo já falou que quer ser eleito. Tem saúde e o mais que Moisés exigia aos do seu tempo para ser chefe? Não há aí nenhum saliente dos outros como Saul o era.







# Vilar das Almas, os Antepassados e os Fiéis Defuntos

(Continuação da 1.ª página)

C. Sax. 15.XI.85

E os usos sociais acataram também esse pensar = missa de corpo presente, do 7.º dia, do trigésimo, que os jornais anunciam. E os túmulos pedem se reze pelo morto um P. N. e A. M. Não é assim nas freguesias "mianas"? Não só cá, também na Rússia, salvo entre 1917 e 43, porque desde aqui, o governo, clamando em nome de que se os crentes querem enterrar os mortos como batatas que façam e se querem de outra forma, o façam também, passou a autorizar alguns enterros religiosos.

Aqui nas nossas bandas não se fez só isso: às tantas, as pessoas resolveram não já pedir a Deus pelos mortos, mas criar — e criaram — sociedades encarregadas de os sufragar, seja, rezar por eles. E eu vi, ao ler Memórias Paroquiais do ano de 1758, época de Pombal, que grande percentagem das freguesias tinha na respectiva igreja um altar das Almas. Hoje, 1985, as sociedades — e bem precisas são — são quase só profanas, para fins laicos.

A separata, que disse, estuda a sociedade ou confraria dos fiéis de Deus (ou defuntos) que existiu na vilaverdense Parada de Gatim, talvez desde o ano 1500, transitou depois (a sede) para Cervães e teve a última reforma em 1854. E lá trata (Estatutos, escritura da sociedade) = dos gerentes (os oficiais, do capital (casco), dos irmãos (sócios), dos sufragios (que eram o fim da empresa), etc. Os vivos cuidavam de garantir-se sufragios por quem lhos pudesse dar e quando os não podiam já pe-

dir. A confraria abrangeu área enorme (freguesias) e lá vem = Padre Saraiva, 1668, de S. Julião de Freixo; P.... 1675, Vilar das Almas.

A separata recua até aos anos de 110 no estudo de sociedades destas. De tudo me surgiu a questão: O vosso Vilar é das Almas porquê? Foi porventura a sede de alguma falada confraria de Fiéis de Deus?

Oriente que nasceu o marxismo ou o leninismo, mas cá no Ocidente. É verdade: na Alemanha um e na Rússia o outro, Pasma co-

mo tais doutrinas têm aderentes porque não resistem a uma análise mínima. Adere-se por serem suges-

(Continua na 4.ª página)

O nosso João de Brito foi um corajosíssimo agente de Cristo em terras da Índia do Sul, há 300 anos.

Na Índia de 1500 só havia 1 bispado — em Goa. Passados 60 anos (3 gerações) já ele se subdividira, como as células, na de Cochim, Meliapor, Malaca, Macau, Funai (Japão), estas pelo menos.

Quanto a dioceses: o Mundo reparte-se hoje em quase 3.000 bispados católicos (Viana é 1 pedra nessa enorme quadrícula).

sa aos católicos! E como agora na Polónia: o povo manda, quer, e o governo, para não perder o comboio, lá vai cedendo. De má vontade, mas cede.

Por tudo quanto sofreram e têm lutado é que merecem a visita que João Paulo prometeu fazer-lhes em 1982.

Francisco de Almeida

venha dela, vem do Alto. E os antigos chamavam-lhe divina, qualidade que só Deus pode dar.

Dos que já morreram — e são decerto mais que os vivos, uma fatia foi inteligente: porque se não deixou apanhar nas doutrinas dos imoralões, que sempre existiram, e antes, com sabedoria, seguiram a sua recta consciência. Seguindo-a, automaticamente fizeram a Vontade do Criador.

Logo são defuntos fiéis a Deus, cumpridores. Não celebramos a 2 de Novembro, os infieis (ladrões, adúlteros, enganadores políticos, para quem a vontade deles e não o do Chefe, contou). São esses fiéis também, se batizados, os que chamamos Santos, que quer dizer justo, recto, moral, honesto e assim. São milhões os que esse Mundo todo já criou e em tantos séculos com que a Humanidade já vai. Pelo ano fora, celebra-se o nome de alguns (Pedro, Goreti, Cura de Aris, etc.).

A 1 de Novembro, ainda os sem nome.

6 — Um jornal de Barcelos dizia que o Padre Fernandes da Silva (Monsenhor) o nomearam director espiritual do Seminário. Parabéns por ser barcelense. É novidade ver o pároco de aldeia vestido em tal função.

Trata-se de ser um formador de Santos, sequazes da Ciência Espiritual, a que o vulgo torce o nariz sem poder deixar de a ter em conta. Porque o vulgo é geralmente inteligente e sabe como e quando é desonesto.

## O Papão e o Japão

1.ª Int. fam. 15.11.85  
Diz-se, bem que temos uma cultura «occidental». As razões são em tudo, dos Gregos e dos Romanos. Deles recebemos a filosofia, a ciência da História, as Matemáticas, a linguagem, etc.

Ora os Japões não herdaram nada disto. Nem leram o Velho ou o Novo Testamento. Seguem usos antigos fizeram suas leis, sua arte da guerra, etc. Mas assustaram-se com o poderio que Espanha mostrou nas Filipinas (do rei Filipe). Por isso desde 1639, 1 ano antes de nos libertarmos da Espanha, fizeram como a URSS agora: com o japonês sai nem os entram, isolam:





## Natal na Ciencia Literaria

(Continuação da 3.ª pág.)

nha que o judeu Salomão Reinach vendeu no Orpheus ao dizer que Santo Isaías não falou de Virgem nenhuma — a mãe do futuro Manuel. Veja Lições de Filologia Portuguesa, 4.ª edição, pág. 390. Pobre Dr. Leite, tão bom e tão levado, apesar de nada parvo! Era a época de combate ao Cristo. Passou tal época e o orgulho desses homens.

O Natal entrou nas malhas psicológicas do povo de Portugal, salvo naqueles que nunca tiveram mais que verniz cristão.

E entrou pelo Auto de Floripes, pelos autos de Gil Vicente, pelos

autos dos Reis sem esquecer as reizadas.

Certo que algumas cantigas e jogos e danças que tivemos se vão perdendo ou perderam já. Certo que neles havia algo de pagão envernizado, como o velho arcebispo, D. Bartolomeu, ouviu quando lhe cantavam a Santíssima Trindade, mãe de Nossa Senhora, no relato de Frei Luís de Sousa. Mas querem fazer desse povo teólogos? Porque não conservar as danças, autos e cantigas do Natal? Os modernos já não precisam de cantar, dançar e exprimir seus louvores ao Menino? Tudo intelectuais?

O presépio — estudado foi já o da Sé de Lisboa que a TV cos-

tuma dar — ensina. Mas nem os planeadores da Catequese nem os escritores sobre a história de Cristo em Portugal se têm socorrido dos estudos etnológicos existentes.

Há que mudar isso. Não é preciso, para purificar os banhos de São Bartolomeu, suprimi-los. Mágicos são os que acusam o povo de magia a começar por uns quantos de A Voz Portucalense.

Vejam os interessados a riqueza de trabalhos já feitos sobre milhentos assuntos do nosso povo e para a época que decorre, os escritos sobre o Natal, presépio, árvore, Ano Novo e Reis.

AC. TORRES







ganha passaporte para campo de concentração etc.. Em resumo: liberdade total, uma beleza! E eu, que não me considero parvo, estou convencido de que cá o puderem fazer, alguns farão de nós outra Coreia do Norte, a começar pelo Camarada Vasco. Fiquem-se com a «Democrácia» dele. Além do mais, o que politicamente de menos posso chamar aos ditadores coreanos e seus primos é de estupidos.

Mas já que falo a Limianos: quero dizer-lhes que na dita História do Seminário (1937, Mons. Ferreira) se referem vários e grandes vultos do Alto Minho, por exemplo: Dr. João Manuel Correia (Monção), Dr. Fernandes Váz (Darque), Dr. Narciso Cunha (Paredes de Coura), Dr. Vicente (Cerveira), Dr. João Afonso da Cunha Guimarães (Ponte de Lima P. 478), Dr. Peixoto (Neiva), Dr. Joaquim Lima (Arcebispo de Bombaim, Índia — de Anha) etc. Para terminar: está a ser publicado um dicionário da História da Igreja em Portugal. Vai em Beneditus R. O Japão está a publicar a da Igreja Japonesa. E por hoje, tenho dito.

vermelha.

O povo encontra-se demasiado desunido. Você é para eles uma voz difícil de quebrar: haveria demasiado ruído. Porque este regime repugna a demasiada gente. Desconfio da nossa democracia, inclusive dos Serviços do correio.

Outro: Nossos avós e pais foram fuzilados e morreram nos campos. Quem se silenciar comete um crime contra a Rússia; estamos saturados de falsificações e mentiras. Estamos envolvidos pelas mentiras dos jornais e pela traição (um grupo de 724 alunos em Moscovo).

Mas o tribunal condenou os réus de 1 a 3 anos de campo de concentração. Ver «A Rússia Constatária.»

Acácio Torres

Certo é que ninguém pode curar a pequena, em longos meses de tratamento, mas ela se curou, sem intervenção médica, em pouco tempo (Outubro—Dezembro).

Se ela não tinha diabo—ou pensando as sumidades que agora já não há disso!...—que expliquem:

—Como se compreende uma cura tão rápida e sem medicamentos humanos, quando os humanos «não deram»;

—Como se compreende que uma pequena temente a Deus vomitasse blasfémias contra Deus e os Santos, mas só durante a cerimónia do exorcismo;

—Como se compreende que essa criança, debilitada, fosse ter, na mesma ocasião tanta força;

—Como é que as coisas desapareciam repentinamente dos seus lugares; CV-13-I-27

—Como é que a pequena, dentro de uma capela—a do paço do Bispo—sabia o que ia lá fora;

—Como é que fugiam as partículas consagradas que ela havia de comungar para irem aparecer num vaso próprio para as receber, situado numa igreja distante do paço.

E estes factos demonstram ter havido diabo? Não sei. Mas sabe-o a Medicina a quem se deixa a porta aberta para os explicar.

Por mim, tanto se me dá que houvesse diabo ou não houvesse, mas gostava de saber como é que foi.

Francisco Almeida

Lisboa, onde quase se não fala em cóngrua, ou por uma cota fixa ao ano, ou ambos os sistemas. Tal contrato é tácito ou resulta de adesão de pároco e utentes ao que reze o livro de usos. Mas deixemos essas complicações, porque alguma coisa deve estatuir o chamado Estatuto do Padre.

...

Parece que um pároco é um trabalhador. Falta determinar quem seja o seu patrão. Mas um trabalhador, digamos, um pedreiro, pode a toda a hora mudar de patrão: não está «incanado» como o padre, num território e tem por superior e patrão só quem ele aceite. Mais: tem a seu favor uma lei geral que regula a actuação e direitos dele como trabalhador. Protege-o ainda uma convenção colectiva, se ela existe.

Certo que não há um Código de cânones portugueses ou italiano. Mas isso impede se garantir a um padre uma protecção igual, pelo menos, à de um trabalhador braçal? Algo não está bem.

...

Uma das garantias que diversas convenções colectivas

estabelecem é a de que o trabalhador não seja castigado — e muito menos despedidos — sem um processo, digamos, administrativo: participação da falta, prova dela, através de diversos meios, nota de culpa, escrita, ao falto, defesa deste por escrito, etc.

Cos diabos! Os canonistas deixaram-se atrasar na formulação das regras capazes de proceder com justiça. E atenta a qualidade deles e a missão de que foram investidos, tal falha é simplesmente aberrante para um povo que deixou a Idade Média atrás de si há mais de 500 anos!

Esqueceram que, se nem só de pão deve um homem viver, ele — e quem diz ele diz a paz, a justiça, etc. — também é necessário.

Acácio Torres







nana Santa, quando ao lado se projecta outro chamado Jesus de Nazaré;

E) já ninguém jejua ou fazem-no à força por desprego — e são muitos — quando é certo que 30 por cento de nós morrem por causa da alimentação; 24

F) A ciência descobriu muito mas porque se ri ou chora, ainda não e falta-nos saber que terríveis angústias foram as de Jesus que O puseram a gotejar sangue.

G) Na Semana Santa venceu Cristo ao diabo e a habilidade deste é agora fazer crer a alguns padres italianos que não há diabo (ver Política no Confessionário); há mais: um comunista russo que

(Continua na pág. 4)

## o Papa da Polónia 6.7

da 1.ª Página)

tem. Daí a grandíssima altura de dignidade e honorabilidade do humano. Alta dignidade, todavia, não tanto pela matéria que somos mas pela centelha de divindade — o espiritual — que nos compõe.

Perante isso, constata, como a Psicologia das Profundidades, o ser contraditório que eu sou e tu somos: pesados como chumbo para mandaa no vizinho e leves como éter para desejar o impossível: que tudo seja justo e lindo (belo) e amável.

Conclue então Sua Santidade:—

# Mães e pais que são assassinos

(Continuação da 1.ª página)

—mal de quem morre! Ora mal por mal, os males devem ser iguais. Para que conste, recuem — ao menos por medo.

Só que a moda por estas

infanticídio a que eufemisticamente chamam Aborto; e os homens casados que mandam ou permitem às mulheres irem à carniceria-aborteira; e as mulheres solteiras que desconhecendo a fi-

na barriga; e sobretudo os operadores, eles ou elas, médicos ou curiosos, que se atrevem a tratar o Inocente como se fosse apenas um tumor.

Ora não há nem pode ha-

como o Vaticano II reconheceu e os jesuítas tinham notado há mais de 200 anos.

Que reacções terá o povo ao ter lá o Papa? Veio há dias um intitulado Exército Asiático dizer que não está interessado em ajudar o Vaticano e estorvará a visita de João Paulo. Escreve-se que o Papa vem estudando japoneses ao vivo porque quer dizer algumas palavras na linguagem daquela gente. Politicamente, o Japão, não católico, está ligado à Santa Sé por um Embaixador—

giela Anes — Martins Afonso, etc. Há-da anotar-se que um era André Anes de Sousa Coutinho (nobreza foreiro), outro era um Faria de Barcelos e outro um Pedro Veloso (de Nandim - Famalicão) e outro um Pinto (de Viana).

Os intervenientes proprietários foram 50 e destes, 11 eram Joões — quer dizer, os Joões eram 221 (um pouco menos que em 1220).

Nos séculos de 1600 e seguintes, há vários documentos que referem a Capela de S. João: 1671, 1709, 45, etc. Fazem eles o n.º 9 e não cabem neste apontamento sobre o nosso São João.

rústicas». Sim? E a «Villa Galleus»? (ver subsídios — aqui — em 27-1-73).

Espero poder ir à dialectologia do Galegos. 14824 3176.

1074: Missa nova, em S. VERRÍSSIMO, do Padre João Baptista Gomes. Deste já poucos aí se recordarão. Do PADRE António CRUZEIRO, que deixou 2 «sobrinhas» e de quem se conta em Galegos que «por via» delas teve polémica com o Arcebispo, e que rezava assim: «Ai Maria Seraça», muitos se recordam.

1075: CAMILO CASTELO BRANCO (quem diria?) escreveu na Folha da Manhã o artigo: A Di-

(Cont. na página 3)

Se a amostra corresponder aos nomes dos habitantes de Galegos em 1220, teremos que o nome mais usado era o do Apóstolo Pedro. Porquê tal frequência, se era por devoção a Roma ou outras razões, não sei dizer. Pedros eram então 45 % dos homens. E logo a seguir, os Joões — 25 %.

Parecerá então que já por 1220 era grande a devoção ao Baptista. João, na lista acima, figura também como apelido

Instituição Se Ignora» — quer dizer: não sabiam já quem o fundou, nem porquê, nem em que data.

B) João no Tombo do ano 1518

Os frades evangelistas ou Lóios, com casa em Vilar, Barcelos, padroeiros de Roriz, mandaram cadastrar o que à Igreja de Roriz pertencia (passais), isto no ano de 1509. Por-





Ora, não havendo a Constituição sido neste ponto alterada e não estando provado que as Autoridades investigantes são tão imparciais, sequer, como um Juiz, não se vê que a lei tenha mudado: tais autoridades não poderão ouvir António sem estar, ele, acompanhado de defensor seu.

E' certo que a lei actual fala de instrução preparatório *secreta*. E também é certo que a nomeação do defensor vai fazer a instrução demorar mais tempo e ser até mais dispendiosa. Por outro lado, não poucas vezes, o defensor há-de ser apenas um corpo presente.

Verdadeiro.

Mas, se a lei está mal, altere-se, já que ser a instrução secreta nada diz, pois os advogados têm de guardar segredos; dar trabalho, atraso e despesas não invalida a lei que os ordena; e haver apenas um corpo presente há-de muitas vezes bastar para que o suspeito se não veja só e atropelado.

Parece, assim, que a antiga ilhota legal, que mandava se desse defensor ao arguido, ainda se não afundou.

Francisco de Almeida

lá sabe porquê. O Papa tem no Japão um pró-núncio. Bem faz o Papa em ir ao Japão. Em 1970 os não-cristãos eram ainda 1,3 biliões e o panorama da Ásia era: católicos, só 2,5%, ou 43 milhões, assim distribuídos:

Filipinas, 80%; Índia, 7%; Vietname, 8%, etc. (Ver A Política do Vaticano, pág. 373).

Bem faz o Papa em visitar os japoneses.

Francisco de Almeida

bre o corpo». O problema é este: a) porque é que existiram tantas invasões de povos vindos dos lados da Rússia? b) era lícito aos cristãos dos anos 200 (onde hoje) recusar-se a pegar na espada para se defender do duro invasor? (pg. 94 a 96); c) é ou não é indiferente a um cristão «ser súbdito» de Roma ou do Invasor, de Democracias ou dos Comunistas, «desde que as leis do Estado o não obriguem à prática de actos ímpios»? (Agostinho, pg. 98).

A este respeito, que diz a experiência dos cristãos na Turquia, no Japão, na URSS, na Polónia, na Roménia ou em Portugal? Deixo aos teóricos essa tese de Agostinho para que a discutam. É que Roma foi maior que a URSS e caiu. O Turco dominou mais que a URSS e caiu. Será que o eslavo — logo eslavo — nos há-de dar lições de como levar a vida? Que autoridade tem ele? Só a das armas? Ora mesmo esta, no tempo das invasões que Suíços e outros, sofreram (Hunos, Burguinhões, Aterulos, Alanos, Magiares, Sérvios, Búlgaros, Turcos, etc), bastou. Logo, pode bastar no século XX ou XXI. Que futuro então para as nossas terras e gentes e costumes e leis e civilização? Não sei nem adivinhar.

Aos vencidos pelos Turcos fê-los a fé em Cristo uma só nação. Que fé unirá os europeus de agora, se forem invadidos? Alguma? A dos Suíços que ficaram fiéis a Roma, a dos Suíços que foram com Calvino — que lá pregou e ditou a lei — a fé dos eslavos ortodoxos ou nenhuma fé senão humana à laia de Rousseau, Diderot, Voltaire, Marx, Lenine e Brejnev?

Afinal, a vida do homem na terra tem ou não tem rumos? Se sim, a que tipo de civilização?

II - 22/2/82

LEIS DO TRABALHO. Nunca se falou tanto delas como desde 74 — Abril. Logo, cheiram a imposição exagerada. Há disso. Por exemplo, na TAP: se tiver trabalhadores de 12 sindicatos e cada um deles decretar sua greve cada mês, como parando um, faz parar os outros, a TAP terá de pagar sempre 11 meses de salários sem receber uma hora de trabalho. Bonita lei!

E dizia-me ontem um sabedor disso que os operários de certa empresa em Lisboa estão em greve só há 3 anos! Que a lei da greve não estabelece limites. Não desesperem porque ainda há-de vir pior, se Deus não der juízo a este Portugal.

III

Um japonês ou japonesa escreveu um livro que diz assim:

«Era comunista o indivíduo a quem (você) chama Cristo? — O quê! Os sequazes de Cristo e os comunistas são os mais acérrimos inimigos». (Sobito)

Ora quem assim falava de Cristo era budista (religião), mas sabia a História da Vida de Cristo. Aproveito para lhes dizer que vi à venda uma Vida de Cristo do americano e bispo, falecido e famoso (Continua na pág. 4)

f. Cheny



Segment 9

Orif

12/13?

Volume 7. 8-13-69-

859





8.20

1









biblioteca  
municipal  
barcelos



27661

Artigos de jornais regionais